



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FERNANDA IZIDÓRIO

**FACEBOOK: ESPAÇO DE INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM
COLABORATIVA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA
LÍNGUA MATERNA E DO LETRAMENTO DIGITAL**

Londrina/PR
2016

FERNANDA IZIDÓRIO

**FACEBOOK: ESPAÇO DE INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM
COLABORATIVA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA
LÍNGUA MATERNA E DO LETRAMENTO DIGITAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina, referente ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem e Letramentos.

Orientador: Prof^o. Dr. Paulo Roberto Almeida.

Londrina/PR
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Izidório, Fernanda.

Facebook: Espaço de Interação e Aprendizagem Colaborativa no Processo de Construção da Língua Materna e do Letramento Digital / Fernanda Izidório. - Londrina, 2016.

119 f. : il.

Orientador: Paulo Roberto Almeida.

Dissertação (Mestrado Profissional em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016.

Inclui bibliografia.

1. Letramento Digital. 2. Redes Sociais. 3. Facebook. 4. Língua Materna. 5. Ensino-Aprendizagem. - Tese. I. Almeida, Paulo Roberto . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

FERNANDA IZIDÓRIO

**FACEBOOK: ESPAÇO DE INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM
COLABORATIVA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA
MATERNA E DO LETRAMENTO DIGITAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina, referente ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem e Letramentos.

Aprovada em 28 de abril de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Orientador: Dr. Paulo Roberto Almeida

Prof^a. Avaliadora: Dr^a Suely Leite

Prof^a. Avaliadora: Dr^a Isabel Cristiane Jerônimo

Londrina/PR
2016

Ao meu pequeno príncipe Murilo, filho amado, que marcou o meu passado, alegra e ilumina o meu presente alimentando o meu futuro.

Ao meu marido Alfredo, pelo amor e companheirismo.

Aos meus pais Milton e Cléia, pelo amor, incentivo e orações.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo quanto me deste, dás e darás.

À minha família, pelo apoio e suporte de todas as horas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida, por seus ensinamentos, sua fundamental contribuição, paciência e compreensão, sobretudo, por ser a pessoa que é, minha sincera gratidão.

Aos meus tios Idair e Cleide, por abrirem sua casa, dando-me um segundo lar durante estes dois anos, toda a gratidão pela atenção e pelo carinho.

Ao meu irmão Thiago e cunhada Vanessa, pelo incentivo e disposição em me ajudar.

Aos amigos Estela e Sidney Roque pelo constante apoio e incentivo ao meu crescimento científico e intelectual.

À escola, por oportunizar a realização desta pesquisa.

Aos alunos, pela receptividade, disposição e colaboração.

A todos, que direta ou indiretamente, participaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

*O mundo não é...
O mundo está sendo.*

Paulo Freire

RESUMO

A contemporaneidade trouxe com a modernidade os desafios tecnológicos que acarretaram uma mudança no comportamento das pessoas. Esta era digital vem ao encontro dos interesses da sociedade atual. Pensando nos anseios dessa sociedade e repensando o ensino-aprendizagem de língua materna, o presente trabalho aborda o letramento digital como evento pedagógico facilitador da aprendizagem, aliando as TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) à Educação. Tem como objeto de pesquisa a rede social virtual *Facebook*, presente no ambiente digital, por considerarmos que esta oportuniza a interatividade, a aprendizagem colaborativa e possibilidades pedagógicas. O objetivo foi investigar como o *Facebook* pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem da língua materna, as possibilidades existentes nesse gênero digital e seu potencial pedagógico. As reflexões acerca da linguagem em ambiente digital são norteadas pelos pressupostos teóricos dos autores COSCARELLI e RIBEIRO (2007), LÉVY (2008), TAKAKI (2012), XAVIER (2004), COSTA (2012), CASTELLS (2004), SOARES (2002), TOJAL (2013) entre outros estudiosos da área. A proposta metodológica empregada neste trabalho foi norteadada pela abordagem qualitativa do tipo Pesquisa-Ação, de caráter investigativo e participativo, supõe o conhecimento da realidade com o objetivo de transformá-la pela ação coletiva como processo de melhoria da prática profissional. Agregando à pesquisa, as cinco etapas de interação em um grupo virtual descritas por Salmon (2000). Os sujeitos contemplados nessa pesquisa foram alunos de 9º ano do Ensino Fundamental II. Os resultados da pesquisa demonstraram que a rede social *Facebook* promove a leitura e escrita de diversos gêneros textuais, bem como de hipertextos e propicia um espaço de construção do conhecimento por meio do trabalho colaborativo. Nesse sentido, o *Facebook* contribui para o ensino-aprendizagem da língua materna e para o letramento digital.

Palavras-chave: Letramento Digital; Redes Sociais; *Facebook*; Língua Materna; Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

The contemporary modernity brought with the technological challenges that led to a change in people's behavior. This digital age comes to the interests of today's society. Thinking about the desires of that society and rethinking the teaching and learning of mother tongue, this paper addresses the digital literacy as an educational event facilitator of learning, combining ICT (Information and Communication Technology) to Education. Its object search to social networking site Facebook, present in the digital environment, because we believe that this gives opportunity interactivity, collaborative learning and teaching possibilities. The objective was to investigate how Facebook can help in the teaching of the mother tongue process, the possibilities that digital gender and their educational potential. The reflections are guided by theoretical assumptions of the authors COSCARELLI e RIBEIRO (2007), LÉVY (2008), TAKAKI (2012), XAVIER (2004), COSTA (2012), CASTELLS (2004), SOARES (2002), TOJAL (2013) among other scholars in the field. The methodology used in this work was guided by qualitative approach Action Research kind of investigative and participatory nature, presupposes knowledge of reality in order to transform it for collective action to improve the professional practice process. Adding to the research, the five stages of interaction in a virtual group described by Salmon (2000). The subjects covered in this research were students of 9th grade of elementary school II. The survey results showed that the social network Facebook promotes reading and writing of various genres, as well as hypertext and provides a building area of knowledge through collaborative work. In this sense, Facebook contributes to the teaching and learning of the mother tongue and the digital literacy.

Keywords: Digital Literacy; Social networks; Facebook; Mother tongue; Teaching and Learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1: Percentual de pessoas que utilizaram a Internet entre os anos de 2005 a 2013.....	15
Figura 2: Espirais da Pesquisa-ação.....	78
Figura 3: Página de cadastro do <i>Facebook</i>	82
Figura 4: Grupo fechado no <i>Facebook</i> – <i>Conectados</i>	82

Quadros

Quadro 1: Modos de Enunciação por Xavier (2002).....	27
Quadro 2: Palavras ou expressões utilizadas pelos usuários das redes sociais na comunicação virtual – Internetês.....	39
Quadro 3: <i>Emoticons</i>	43

Gráficos

Gráfico 1: Frequência de utilização da <i>Internet</i>	87
Gráfico 2: Local de acesso à <i>Internet</i>	88
Gráfico 3: Percentual de acesso à conta de <i>e-mail</i>	88
Gráfico 4: Redes sociais mais acessadas pelos alunos.....	89
Gráfico 5: A influência das redes sociais na escrita.....	89
Gráfico 6: Atividade mais praticada na <i>Internet</i>	90
Gráfico 7: Competência no uso das redes sociais.....	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL.....	15
2 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	19
2.1 Concepções da Linguagem.....	20
2.1.1 A Linguagem como Expressão do Pensamento.....	21
2.1.2 A Linguagem como Instrumento de Comunicação.....	22
2.1.3 A Linguagem como Processo de Interação.....	22
2.2 A Língua numa Perspectiva Sociointeracionista.....	23
3 O TEXTO NA ERA DIGITAL.....	24
3.1 A Multimodalidade Textual.....	25
3.2 O Hipertexto.....	28
3.3 Uso da Linguagem na Internet: Internetês.....	31
3.4 Uso dos <i>Emoticons</i>	43
4 LETRAMENTO NO CONTEXTO SOCIAL DIGITAL.....	44
4.1 Inclusão Digital.....	53
4.2 O Papel da Escola.....	55
5. REDES SOCIAIS.....	60
5.1 A Rede Social Facebook: Um Espaço de Interação e de Aprendizagem Colaborativa.....	63
5.2 Aspectos Pedagógicos do Uso do Facebook.....	69
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	75
6.1 Método e Estratégias de Pesquisa.....	75
6.1.1 Antecedentes da Pesquisa.....	79
6.1.2 Implementação da Pesquisa.....	80
6.2 Coleta de Dados.....	87
6.3 Resultados: Aspectos Positivos e Negativos do Projeto.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	96
APÊNDICES.....	102

INTRODUÇÃO

O homem vem criando, ao longo da história, mecanismos para a comunicação e transmissão de ideias, informações e conhecimentos, seja pela escrita por meio dos registros de informação da sociedade, que estão armazenados em diferentes suportes, seja pela evolução desse armazenamento de dados em sistemas computacionais (MATTELART, 2002).

A cultura digital vem agregando à sociedade contemporânea comportamentos que apontam para a informalidade nas relações pessoais e facilidade de trabalhar coletivamente de forma colaborativa, não sendo necessário, para o desenvolvimento dessas atividades, as pessoas estarem no mesmo espaço físico, mas estarem conectadas à *Internet* por meio das diversas redes sociais presentes nesse ambiente virtual.

A Sociedade da Informação e do Conhecimento demanda que seus integrantes procurem meios para o desenvolvimento do conhecimento, a partir de ambientes interativos que possibilitem diferentes modos de aprendizado e que favoreçam a autonomia do indivíduo, em que ele não seja somente um receptor, mas também um produtor do conhecimento (LÉVY, 2008).

O acesso à *internet* apresentou novas dimensões ao uso da língua materna, favorecendo novas formas de leitura e escrita, a partir dos gêneros digitais, acrescentado à experiências de interação entre seus usuários.

Muitas pessoas recorrem à rede para diversos fins, como leitura, escrita de textos, comentários, para estudar, buscar informações, assistir vídeos, trabalhar, jogar, se comunicar, enfim, são inúmeras as possibilidades promovidas por esse oceano digital em que estamos imersos.

As inovações tecnológicas tornam a aprendizagem mais estimulante e democratiza o acesso ao ensino, a começar pelos papéis dos atores principais do processo ensino-aprendizagem, professor-aluno.

Os sites de redes sociais podem colaborar para que as aulas presenciais sejam mais atrativas, funcionando como complementos dessas aulas e ferramentas de aprendizagem estimulantes, pois, é sabido por todos o grande interesse dos alunos por esses ambientes digitais.

As redes sociais promovem a transdisciplinaridade dos saberes. A transdisciplinaridade é uma abordagem pedagógica que visa a unidade do conhecimento compreendendo-o em sua complexidade e totalidade, e não de forma fragmentada, articulando elementos que passam entre, além e através das disciplinas.

As informações e os conteúdos que circulam nos sites de redes sociais tratam de diversas temáticas, sendo assim, todas as disciplinas se beneficiarão de seu uso para potencializar o processo de ensino-aprendizagem.

Nesse ambiente virtual, os estudantes podem aprimorar o saber adquirido em sala de aula através do trabalho colaborativo, por meio da troca de informações e conhecimento entre eles.

Assim, além de estendermos os debates iniciados em sala de aula, com a vantagem de o estudo acontecer no momento e no espaço escolhido pelo aluno, promovendo a interatividade, a colaboratividade, a autonomia e o senso crítico do educando, estamos incentivando a prática da pesquisa, uma vez que o aluno terá que investigar a veracidade e procedência das informações, bem como checar a idoneidade dos sites que as publicam.

Trata-se da extensão da sala de aula na casa dos alunos, um AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem – em que a figura do professor é importante para intervir sempre que necessário, todavia, o essencial para a funcionalidade do processo de ensino-aprendizagem é a colaboração entre todos os participantes, assim, todos poderão usufruir, além do conhecimento, dos benefícios advindos das relações interpessoais tão importantes para a formação do indivíduo.

Como bem coloca Spyer (2007) existe uma relação de interdependência entre indivíduo e grupo, o que é benéfico, pois o ganho de um depende e influencia o resultado do conjunto.

Este ambiente de aprendizagem virtual, possui características temporais síncronas (a comunicação ocorre em tempo real) ou assíncronas (o receptor da mensagem poderá ler e responder em outro momento) e modais por meio de texto, áudio, vídeo, imagem e outras formas possíveis no âmbito digital. O que torna o estudo mais flexível, ou seja, sem a imposição de tempo e espaço, já que se pode escolher com toda a autonomia onde e quando se quer estudar.

Diante dessa flexibilidade do ensino em meio virtual, um AVA requer um perfil de professor e aluno que vá ao encontro das novas TICs – Tecnologias de Comunicação e Educação - para que o processo educacional tenha êxito.

O perfil professor-aluno necessário para essa sala de aula virtual, o qual nos referimos acima, é o de um aluno ativo e autônomo que seja capaz de se organizar e buscar o conhecimento atingindo seus objetivos, contando sempre com o apoio e a mediação de um professor, que o oriente, bem como todo o processo de ensino-aprendizagem, em busca da construção do saber de forma colaborativa e interativa, contribuindo para uma educação

formadora, emancipadora e democrática.

A informação está disponível em tempo real na internet e nos chega, instantaneamente, pelas redes sociais por meio de hipertextos que são acessados e interpretados, muitas vezes, sem verificar a confiabilidade da fonte.

Com a evolução das ferramentas digitais presentes nas redes sociais, qualquer pessoa que tenha um conhecimento básico sobre seu uso, passa a produzir e publicar conteúdos, compartilhar informações, interagir com outras pessoas, assim, construindo seu próprio conhecimento de forma colaborativa.

De acordo com os princípios de O'Reilly (2005; apud AGUIAR E ROCHA et al, 2012), as redes sociais em ambientes digitais possuem algumas características principais como: a combinação de diversas tecnologias associadas à facilidade de uso, pela menor exigência de conhecimentos técnicos; a mudança de foco da publicação para a participação; as relações de produção/geração; e a disseminação e acesso à informação em que o usuário passa a criador/gerador de conteúdos e serviço.

Por esse motivo, avaliar as informações que circulam na *Internet* e nas redes sociais é fundamental, a fim de não sermos enganados e cometermos o erro de compartilharmos conteúdo falso ou informações descontextualizadas.

É papel da escola ensinar seus alunos a pesquisar nas diversas fontes de informação, disponíveis na *Web*, orientando-lhes por meio da indicação de fontes confiáveis como as bibliotecas digitais ou sites de domínio público, entre outros, para que busquem informações de qualidade e conquistem sua autonomia digital.

Para tanto, necessitamos de ações que explorem a atratividade e a interatividade das redes sociais como apoio ao ensino-aprendizado para incentivar a construção de uma inteligência coletiva que visa à promoção de diálogos e debates entre indivíduos de diferentes formações e visões de mundo, para o surgimento de novos saberes (AGUIAR E ROCHA et al, 2012).

Essa atratividade e dinamismo presentes nos recursos tecnológicos disponíveis atualmente, de acordo com Pfromn Neto (2001), têm o poder de seduzir e estimular a percepção em meio aos componentes visuais e auditivos e tornar o aprendizado mais atraente, significativo e produtivo, onde o aluno seja curioso e tenha propósitos e metas, deixando de ser apenas um aprendiz passível.

A *Internet* e as redes sociais fazem parte do dia a dia da maioria dos nossos alunos. Diante dessa realidade a escola, enquanto instituição de ensino, tem papel formador e precisa caminhar junto aos anseios da sociedade, a fim de preparar os seus para participarem e

contribuírem para a evolução desta, para que não corram o risco de ficarem à margem, e sejam excluídos da dinâmica social.

É preciso refletir sobre as redes sociais aplicadas à educação, pensando de que forma essas ferramentas digitais podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem na Sociedade da Informação.

O *Facebook*, uma das principais redes sociais do momento, foi a rede escolhida para a implementação do nosso projeto de intervenção.

Nossa pesquisa teve como intenção investigar as possibilidades de aprendizagem existentes nas ferramentas presentes na rede social virtual *Facebook*, que podem ser utilizadas como recursos educacionais, a fim de contribuir para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e promover a inclusão digital por meio do Letramento Digital.

Nosso trabalho é constituído por seis capítulos, sendo cinco de caráter teórico que tratam da *Comunicação na Era Digital*, das *Concepções de Linguagem e Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa*, do *Texto na Era Digital*, do *Letramento no Contexto Digital* e das *Redes Sociais*. E, o sexto, sobre os procedimentos metodológicos relatando o método e as estratégias utilizadas na implementação da pesquisa.

Realizamos um projeto de intervenção, baseando-nos em um roteiro pedagógico composto por atividades que tinham como objetivo o uso do site de rede social virtual *Facebook*, a fim de potencializar o ensino-aprendizagem de Língua Materna.

O roteiro proposto foi apresentado em forma de sete miniaulas tematizadas, cada uma com suas etapas e respectivas atividades, com uma carga horária de trinta horas-aula, de ensino presencial e a distância.

Os temas abordados nas aulas foram: *A Internet e as Redes Sociais Virtuais; Segurança na Internet; A Rede Social Virtual Facebook; Internetês; Hipertexto; e Textos Multimodais*.

O nosso público-alvo foram os alunos do nono ano do Ensino Fundamental II, com idades entre 14 e 15 anos, de uma escola pública estadual do Paraná. Participaram do projeto 32 alunos.

A cada dia, cresce o número de crianças e adolescentes adeptas das redes sociais. Isso ficou claro no questionário que aplicamos sobre “Redes Sociais”, em que a maioria dos alunos do nono ano já tinham acesso a sites de redes sociais há algum tempo.

A rede social virtual *Facebook* restringe seu uso a menores de treze anos de idade, mas apesar desta regra ser clara nos termos de política de uso do site, muitos jovens a burlam mentindo a idade.

Essa restrição se dá devido a uma lei federal dos Estados Unidos – o Ato de Proteção à Privacidade *Online* Infantil ou COPPA, de 1998, presente nos termos de serviço de uso do site, vale para todo o mundo.

Todavia, essa não era a intenção do criador do *Facebook*, Mark Zuckerberg, que declarou, segundo o site de notícias *online* UOL 09/03/2012, acreditar que a rede social traria benefícios para a educação das crianças e que, sendo assim, gostaria de permitir que os mais jovens também pudessem usá-la.

A pesquisa confirmou o que os estudiosos da comunicação e do Letramento Digital vêm colocando incansavelmente: o uso das tecnologias faz parte da realidade de muitos dos nossos alunos, cabendo à escola utilizar a tecnologia para fins de conhecimento, interação e aprendizado.

Nesse sentido, buscamos com nossa pesquisa a inserção da rede social virtual *Facebook* como espaço de interação, rede de aprendizagem e formação do indivíduo, aliando o uso das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) à educação, promovendo em âmbito escolar aulas mais dinâmicas, atrativas e mais prazerosas, acompanhando as situações sociais vivenciadas pelos alunos e favorecendo o ensino-aprendizagem da Língua Materna.

Sendo assim, reafirmamos a relevância de refletirmos e procurarmos meios e estratégias pedagógicas para aliar as redes sociais à educação, discutindo ainda, sobre a segurança de seus usuários, bem como de suas informações, uma vez que, enquanto instituição formadora, é nosso papel frente à sociedade orientar e preparar nossos alunos para serem sujeitos ativos no contexto social a que pertencem.

1. A COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL

Os avanços tecnológicos propiciaram maior eficácia na comunicação e produção da informação, transcendendo barreiras físicas e temporais, promovendo a construção do conhecimento e a interação nas relações sociais.

Com o advento da Internet, a tecnologia tornou-se uma ferramenta de informação, conhecimento, entretenimento e trabalho, transformando-se num espaço de criação, simulação e, principalmente de comunicação (CONSENTINO, 2006).

A popularização da internet, ao final do século XX, modificou a comunicação, na medida em que, em tempo real, foi possível saber sobre acontecimentos de toda parte do mundo ou iniciar uma conversa com uma pessoa a quilômetros de nós.

As novas tecnologias de informação e comunicação – TICs – revolucionaram as formas de pensamento, de expressão e de atuação dos indivíduos na maioria das sociedades.

A comunicação na era digital é rápida, curta e objetiva, acompanhando o ritmo de vida da maioria das pessoas e facilitando a interação e o acesso à informação. Este formato de comunicação vem conquistando, a cada dia, novos usuários, conforme demonstram pesquisas recentes.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2013 e divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 49,4% da população tinha acesso à internet em domicílios, o que equivalia a 85,6 milhões de brasileiros conectados à internet.

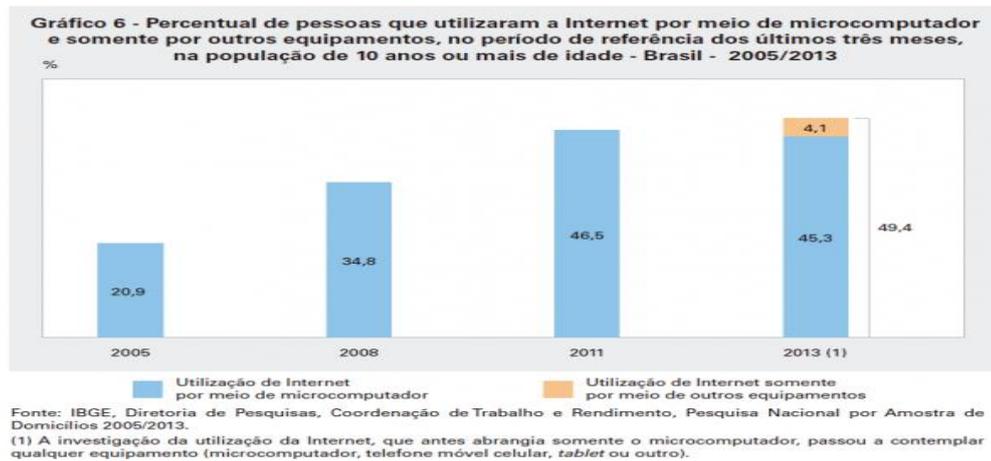


Figura 1: Percentual de pessoas que utilizaram a Internet entre os anos de 2005 a 2013

De acordo com dados mais recentes coletados pela consultoria de tecnologia eMarketer, o Brasil fechou o ano de 2014 como o quarto país com a maior população de internautas do mundo, atingindo a marca de 107,7 milhões de usuários de internet, ficando atrás da China, que assume com folga a liderança, com o maior número de internautas do mundo, 643,6 milhões, seguida pelos Estados Unidos, com 252,9 milhões, e da Índia, com 215 milhões (BBC – BRASIL, 24/11/2014).

A utilização da internet no país cresce de acordo com a escolaridade. Dados da pesquisa comprovam que a variação é de 5,4% para pessoas sem instrução e até 89,8% para os que possuem mais de quinze anos de estudo.

Os dados mostram que 32,4% dos usuários da internet são estudantes, esse número equivale a 27,8 milhões de brasileiros.

O estudo aponta que o acesso à internet tem ligação direta com a classe social da qual o indivíduo faz parte. Parte da população com menor renda familiar, de até um quarto do salário mínimo por pessoa, tem apenas 23,9% de conexão doméstica à internet, enquanto que, famílias com maior renda, acima de dez salários mínimos, têm 89,9% de acesso à rede.

A internet está mais acessível a todos, seja nas casas das pessoas, na escola, no trabalho, nas “lan houses”, e recentemente, nos celulares. É uma das ferramentas tecnológicas mais acessadas atualmente, entrou na vida das pessoas proporcionando, além da comunicação e informação, a interação, inúmeras possibilidades nas áreas do estudo e da pesquisa e, também entretenimento e diversão.

As TICs e seus meios de comunicação eficazes em constante evolução, como é o caso das “ferramentas de mídias sociais” presentes na Web 2.0 - interfaces de comunicação e interação a partir do compartilhamento e da criação colaborativa de informação nos mais diversos formatos, com atividades que abrangem palavras, fotos, vídeos e áudios - a sociedade

se modifica numa considerável velocidade e cobra de seus indivíduos uma constante atualização.

A Internet, por meio das diferentes mídias sociais, possibilitou a criação de uma nova forma de se comunicar que se faz presente nos códigos, nos costumes, comportamentos, enfim, numa nova linguagem da qual, a cada dia, muitas pessoas fazem parte. Essa cultura digital, que advém das experiências vivenciadas na rede, contribui para a “formação de comunidades virtuais nas quais as crianças exercem sua condição de usuários-ativos e nas quais estabelecem uma experiência social totalmente diferenciada dentro de um ambiente interativo” (AMARAL, 2003, p.46).

O autor declara que o computador se constitui como mais um ambiente cognitivo disponível. Contudo, acrescentamos ainda, os celulares, tablets, notebooks, enfim, os diversos suportes para a comunicação digital.

Essa questão nos leva à reflexão de que o que nos levou a um novo ambiente cognitivo foi a Internet e suas mídias sociais, uma vez que, a cada instante, mais pessoas estão buscando a interatividade, a agilidade, a conveniência da comunicação virtual e as inúmeras possibilidades que a Internet e seu imenso mar virtual proporcionam aos seus navegantes.

As tecnologias digitais de informação e comunicação “se constituem como novas formas de diálogos, de interação, de aprendizagem, de produção e disponibilização da informação na sociedade contemporânea” (AGUIAR et al, p. 155).

Para Guizzo (1999), com o desenvolvimento da internet, gigantesca rede global de computadores, o computador deixou de ser um mecanismo isolador para se tornar um meio de comunicação e contato que promove a interação.

Os autores concordam que a essência das novas tecnologias de comunicação e informação é a construção do conhecimento por meio da interação.

De acordo com Pereira, o que difere o modelo digital do modelo tradicional é a rapidez com que a informação é processada, transferida ou armazenada. Podemos afirmar que tempo, espaço e custo são indicadores de que a era digital é um grande avanço, não só em termos tecnológicos, mas também educacionais:

Facilmente, concluímos que o modelo digital de processar, transferir ou armazenar informações é mais rápido e consome muito menos espaço; com isso o custo cai. Isso é muito bom, pode-se investir mais em educação (PEREIRA, 2007, p.17).

Vivemos em tempos marcados pela inteligência artificial, somos dependentes da tecnologia para realizar e agilizar quase tudo em nossas vidas. O homem passa a ser um

sujeito coletivo numa teia de relações intensamente interativa, fazendo parte de um ecossistema (RIBEIRO, 2007).

Com base na concepção de Ribeiro, a tecnologia é parte de um momento histórico e está interligada à formação e à construção do sujeito. A partir dessa reflexão, é imprescindível nesse momento refletirmos sobre Educação e Tecnologia, visto a necessidade da formação de sujeitos que participem ativamente da sociedade em que vivem, que possam adquirir novos conhecimentos, aplicá-los e transformá-los para gerações posteriores.

Ribeiro concorda com o pensamento de Lévy (2008), ao reafirmar que a educação deve estar a serviço da humanidade, partindo da apropriação das possibilidades que a técnica oferece devemos caminhar para um movimento de inclusão de todos os atores sociais, contribuindo para sua emancipação.

A tecnologia promove o desenvolvimento e a evolução da humanidade, partindo de um conceito dinâmico e coletivo, que visa tanto à comunicação e interação quanto à autonomia e formação dos indivíduos.

Estamos vivendo a Convergência Digital, o acesso à informação acontece em qualquer lugar e a qualquer momento (PEREIRA, 2007). A flexibilização da informação e da comunicação na era digital é um momento revolucionário do qual fazemos parte. Por isso, todos estaremos sujeitos às constantes transformações oriundas da virtualização da informação e da convergência digital que trarão implicações em diversos setores da sociedade, afetando diretamente a vida da maioria das pessoas.

2 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino/aprendizagem da língua materna vem sendo, nas últimas décadas, temática abordada e discutida, incansavelmente, por muitos educadores e linguistas brasileiros, que preocupados em entender o motivo do fracasso escolar no processo de ensino/aprendizagem da linguagem em sala de aula, buscam promover reflexões e contribuir com teorias e práticas que visam o aprimoramento da prática pedagógica do professor, e conseqüentemente, o desenvolvimento e transformação do ensino da língua portuguesa.

Incontáveis são os problemas que levam ao fracasso do ensino de língua materna, dentre eles estão as dificuldades de aprendizagem dos alunos no uso da língua, o que diz respeito à escrita, leitura, interpretação, língua padrão, variedades linguísticas, produção de textos orais e escritos, gramática, compreensão de livro didático; problemas com a evasão escolar, reprovações na disciplina, desinteresse, desmotivação, relação professor-aluno; e questões que envolvem metodologias de ensino, formação do professor, modelo tradicional de ensino, concepções de língua/linguagem, entre tantos outros.

A reflexão sobre o trabalho de sala de aula deve promover mudanças na prática docente. Essas mudanças ocorrem quando nos apropriamos do “nosso direito de construir nossas aulas”, assim, deixando de sermos “meros executores de aulas elaboradas por outros” (GERALDI, 1984, p.6).

O ensino da língua materna demanda uma metodologia de ensino, um dos fatores

determinantes para o sucesso ou fracasso escolar. Assim, de acordo com Geraldi (1984), toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política com os mecanismos utilizados em sala de aula, que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade, uma concepção de linguagem que dá resposta ao *para que ensinamos o que ensinamos*.

A metodologia trata da aplicação de diferentes métodos durante o processo de ensino-aprendizagem, a fim de suprir as necessidades educacionais dos alunos. Procura apresentar caminhos para diferentes situações didáticas, segundo tendência/corrente pedagógica adotada pelo professor visando a apropriação dos conhecimentos pelo aluno. É vista como construção do saber pedagógico pelo professor com base em suportes teóricos advindos de fundamentos da educação, a partir da ciência adotada para o trabalho docente, e pela prática e experiência adquirida pelo exercício em sala de aula.

Nesse sentido, todos os mecanismos usados em sala de aula, como a aplicação dos conteúdos ensinados, as estratégias de trabalho adotadas com os alunos, a bibliografia utilizada, o sistema de avaliação e a postura tomada pelo professor em sala de aula sinalizam uma concepção de ensino adotada pelo docente.

No ensino da língua materna, o suporte teórico sobre linguagem é fundamental para o encaminhamento do ensino da Língua Portuguesa. Sendo assim, é importante enfatizar que o ponto de partida na definição da metodologia a ser utilizada para o ensino da língua portuguesa são as concepções de linguagem, pois a prática pedagógica adotada pelo professor está diretamente ligada a sua concepção de língua/linguagem.

Para Silva (1986), a maneira como vemos a linguagem aponta para os caminhos de ser aluno e professor de língua portuguesa, sendo importante a busca pela coerência entre a concepção de linguagem e a de mundo.

Koch confirma a ideia de que, “a concepção de sujeito da linguagem varia de acordo com a concepção de língua que se adote” (2011, p.13). Assim, a língua e sujeito são indissociáveis, bem como o conceito de texto e seu sentido dependem das concepções que se tenha de língua e de sujeito.

O docente precisa posicionar-se diante de uma concepção da linguagem, sendo esta, referência no desenvolvimento de seu trabalho docente. Nesse sentido, Kato (1995) afirma que o professor, bem como, suas atitudes e concepções de ensino são decisivos no processo de aprendizagem, a fim de que, se configure o tipo de intervenção que se faz necessária no decorrer desse processo.

Para tanto, é importante adquirir o conhecimento sobre as concepções da linguagem. Segundo Travaglia (1997), a concepção de linguagem/língua promove alteração no modo de

estruturar o trabalho com a língua em termos de ensino, e afirma ser esta uma importante questão, tanto quanto a postura que se tem diante da educação.

2.1 Concepções da Linguagem

Na história dos estudos linguísticos, três são os modos de concebermos a linguagem. Estas concepções, segundo Geraldi (1984), são fundamentais para a compreensão do processo de ensino/aprendizagem de língua materna. E, para entendermos os papéis do professor e do aluno em sala de aula.

2.1.1 A Linguagem como Expressão do Pensamento

De acordo com esta concepção, que abrange desde a tradição gramatical grega até meados do século XX, quando começam a figurar os preceitos estruturalistas propostos por Saussure (PERFEITO, 2005), a expressão é construída no interior da mente do indivíduo, cabendo a ele sua exteriorização por meio de linguagem articulada e organizada, ou seja, exigindo que o falante se expresse com clareza e precisão, seguindo as normas do bem falar e do bem escrever, por influência da tradição greco-latina. O pensar de forma lógica baseava-se nos princípios das primeiras gramáticas gregas. Em outras palavras, de acordo com esta concepção, pessoas que não se expressam, desta forma, não pensam (GERALDI, 1984), visto que, o não pensar é a causa de as pessoas não saberem se expressar.

Segundo Koch (2011, p.13), “à concepção de língua como representação do pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações”. Trata-se de um sujeito histórico, social, interativo, que detém o domínio de suas ações. Há predominância da consciência individual no uso da linguagem. Nessa concepção, o texto é mero produto lógico do pensamento, uma representação mental do autor, “nada mais cabendo ao leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código, já que o texto, uma vez codificado, é totalmente explícito” (2011, p.16) e seu “decodificador” tem papel passivo.

Para Travaglia (1997, p.21), o fenômeno linguístico é reduzido a um ato racional, “a um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece”.

Portanto, a exteriorização do pensamento depende do ato individual, do pensamento da pessoa, e da maneira lógica que este pensamento foi organizado, segundo regras do estudo gramatical tradicional ou normativo. Nesse sentido, saber língua é saber teoria gramatical.

Segundo Franchi (2006, p.16), a gramática normativa é “o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores.”

O estudo da língua materna resume-se ao “certo” e “errado”. Fala e escreve “certo” aquele que domina as normas gramaticais do uso da língua. Uma visão purista da língua se faz presente nessa concepção.

De acordo com Baktin/Volochiov (1995), a língua aqui, é concebida como, um produto acabado, um sistema estável, um depósito inerte. Se reduz a um sistema de normas, centrada no domínio de regras de funcionamento dessa língua.

Para esta concepção, os estudos sobre língua estão voltados unicamente para o ensino das gramáticas tradicionais, que Possenti (1997, p.64) conceitua como sendo aquelas gramáticas cujo conteúdo corresponde a um conjunto de regras que devem ser seguidas e, por isso, destinam-se a ensinar os sujeitos a falarem e a escreverem corretamente, sendo os transgressores de tais regras considerados grosseiros, caipiras, incapazes de aprender.

Nesse sentido, valoriza o modo de falar e escrever da norma culta em detrimento de outras formas, privilegiando o falar das camadas socioeconomicamente mais favorecidas.

2.1.2 A Linguagem como Instrumento de Comunicação

Nesta concepção, que parte de Saussure (1916) até 1960, quando os estudos relacionados à reflexão sobre a relação língua e sociedade se fortalecem, a língua é vista como um código (conjunto de signos que se combinam segundo regras), que transmite a mensagem de um emissor a um receptor. Está presente nos livros didáticos, porém é deixada de lado nos exercícios gramaticais.

À concepção de língua como estrutura, corresponde “a de sujeito determinado, assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de “não-consciência” (KOCH, p.14,

2011). Nesse sentido, ocorre um “assujeitamento” por parte do indivíduo, que se desconstrói. Ele é “inconsciente”, visto que, o indivíduo não é dono do seu discurso e da sua consciência (POSSENTI, 1993), o sujeito não sabe o que diz, já que não sabe o que significa (LACAN, apud KOCH, 2011). Está inserido numa ideologia da qual é apenas porta-voz. Os enunciados não têm origem, carregam sentidos que são consequência de discursos preconcebidos.

2.1.3 A Linguagem como Processo de Interação

A linguagem é o local das relações sociais, vista como um lugar de interação humana, tem início em 1960 até nossos dias, no qual falantes atuam como sujeitos. Sua concepção está ligada ao contexto. O sujeito pratica ações e age estabelecendo a interação entre emissor e receptor.

Acreditamos que, esta última, implicará numa postura diferenciada, haja vista que, nesta concepção da linguagem, os falantes são sujeitos e estabelecem relações sociais. E, tendo em vista nossa vontade de preconizar uma educação democrática, na qual os sujeitos envolvidos nesse processo de construção da aprendizagem tenham vez e voz, a fim de que, possam se estabelecer na sociedade de forma participativa, crítica e reflexiva.

A concepção sociointeracional da linguagem é aquela na qual os sujeitos ativos interagem com ações linguísticas, cognitivas e sociais, de maneira dialógica com o texto, contexto e com a língua. Sendo esses elementos da linguagem - língua, sujeito, texto, contexto - indissociáveis, entrelaçados, não cabendo conceitua-los ou pensá-los separadamente.

2.2 A Língua numa Perspectiva Sociointeracionista

Baseamo-nos numa perspectiva sociointeracionista, que tem a linguagem como forma de interação, uma vez que a língua é vista como um fenômeno dialógico, interacional e dinâmico, voltado às atividades dialógicas que fazem com que os indivíduos construam sua própria linguagem, que é resultado de uma construção coletiva e de processos de interação.

Para Bakhtin (2004), a linguagem é um ato social que se realiza e se modifica nas relações sociais, ao mesmo tempo, um meio para a interação humana e resultado dessa

interação, já que seus sentidos não podem ser desvinculados do contexto de produção. A linguagem é, portanto, de natureza socioideológica e tudo “que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN, 2004, p.31 - grifo do autor).

Ainda de acordo com Bakhtin, a língua é variável. Ela está entrelaçada ao todo pelo conteúdo (temático), estilo (formal/informal) e composição (recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) dos enunciados, conforme o campo da comunicação.

Nesse contexto, podemos dizer que a uma língua não existe por si mesma, que ela se constitui por meio de “um jogo de atividades verbais, heterogêneas, interacionais, cognitivas, sociais e históricas interdependentes e inter-relacionadas” (XAVIER, 2002, p.23).

Sendo assim, a língua é resultado das ações linguísticas, sociais e cognitivas dos indivíduos que utilizam-na em eventos reais.

3 O TEXTO NA ERA DIGITAL

Com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação, novas formas de comunicação e interação apareceram, fazendo emergir novos gêneros e formatos textuais (COSCARRELLI e RIBEIRO et al, 2007).

Assim, refletir sobre esses novos gêneros e formatos textuais, parece-nos importante, visto que uma “nova escrita” é construída dia a dia pelos usuários desta tecnologia. E, tendo em vista a maciça participação dos jovens, ainda em idade escolar, faz-se necessário um repensar sobre os impactos desta escrita na elaboração de textos que visam a um contexto de escrita formal. A internet tornou-se um novo suporte de leitura e escrita, uma escrita com textos diversificados, novos formatos, e um ambiente propício para pesquisa e publicação de textos.

[...] a cultura escrita digital (mais do que digitalizada) reconfigurou certos gêneros e originou outros tantos, conhecidos hoje como o e-mail, a conversa de chat, os gêneros postados em blogs e os textos produzidos para webjornais.” textuais (COSCARRELLI e RIBEIRO, 2007, p.9).

A tecnologia, numa perspectiva sociocultural, constitui-se num importante instrumento de desenvolvimento, ocasionando uma cultura informatizada, possibilitando novas formas de leitura e escrita que se entrelaçam em variadas linguagens.

Dessa forma, de acordo com McLuhan (apud Ribeiro, 2007), dentro da tecnologia, o texto torna-se um mecanismo que aumenta as possibilidades humanas, seja de falar, de mostrar, de sentir, de ver, de ouvir e de perceber, melhorando a própria capacidade de se comunicar.

Dessa forma, se estabelecem dentro da situação comunicativa redes de conhecimento que apresentam características tais como: flexibilidade, plasticidade, interatividade, adaptabilidade, cooperação, parceria, apoio mútuo e auto-organização.

Com a internet, novos hábitos de comunicação foram criados. As pessoas estão se rendendo e se adaptando às facilidades das novas tecnologias de informação e comunicação, tendo em vista o crescimento dos usuários, que só no Brasil, atinge o percentual de 49,4% da população, o que equivale a 85,6 milhões de brasileiros (IBGE, 2013).

Impulsionada pelas novas TICs, a tradição da escrita se mantém mais viva do que nunca. Os textos estão mais naturais e coloquiais.

Para o escritor Michel Laub, o texto nesse suporte digital, se tornou menos literário, mais coloquial e com truques de estilo. A internet fez com que a coloquialidade soasse mais “natural para muito mais gente e, estatisticamente ao menos, virou um certo padrão” (REVISTA LÍNGUA, 2011, p. 28).

Nesse sentido, a era digital e suas atuais formas de comunicação contribuem para que as pessoas se sintam mais à vontade ao escrever, a escrita está mais acessível a todos e se tornou prazeroso escrever.

Contudo, escrevendo também se lê. Portanto, tanto a escrita, principal meio de expressão do internauta, quanto a leitura, em vista da quantidade exorbitante de textos que circulam pela rede, estão em ascensão nessa nova era da informação e comunicação.

De acordo com Edgard Murano, jornalista e escritor, os gêneros digitais como e-mails, blogs e redes de relacionamento marcaram a produção textual contemporânea.

A partir desses e outros gêneros digitais, as pessoas estão mais atentas, receptivas e participativas às diferentes linguagens e às leituras não lineares.

Nesse contexto, é inegável que, as redes sociais, presentes no dia a dia da maioria das pessoas, contribuíram para a explosão da comunicação na internet e para um contato maior das pessoas com atividades que envolvam a escrita.

3.1 A Multimodalidade Textual

De acordo com Takaki (2012), a linguagem multimodal e seus componentes – imagens, sons e animações – acarretam transformações nas relações de poder e conhecimento, devido à crescente e ágil expansão dos meios de comunicação em rede, e às novas formas de linguagem.

A sociedade digital proporciona a interação humana e possibilita diferentes maneiras de ler, interpretar e coordenar o mundo.

Segundo concepções de Castells, citado por Takaki, esses modos de existir socialmente promovem relações textuais complexas que, necessitam diferentes habilidades interpretativas e estratégias que se articulem na fronteira entre o virtual e o real.

Desse modo, a organização textual, em meio digital, caracteriza-se por um encontro de multimodalidades, que se refere a uma escolha modal, às decisões relativas ao design, e construções de trajetos de leitura em que o indivíduo passa a compartilhar a autoria e não a realizar mera leitura.

Diante desse fenômeno multimodal da linguagem na Internet, faz-se interessante e relevante, refletir possíveis adaptações curriculares, visto que, essas mudanças sociais na comunicação são advindas de transformações sócio-históricas, políticas, econômicas e culturais.

Segundo Citelli (2006) e Habermas (1975), com a sociedade tecnológica, a imagem passou a ter maior relevância na linguagem digital, ganhando força e amplitude em sua capacidade de transitar valores, conceitos, informações e conhecimentos. Já a palavra, esta foi sublimada, reduzida.

Uma marcante característica dessa comunicação é a brevidade e a aparente superficialidade do discurso, poderíamos afirmar que o homem da atualidade já não trabalha naquilo que não se pode abreviar (Valery apud HABERMAS, 1975).

Na comunicação digital o sujeito se apodera de diversas linguagens para transmitir a informação. A escolha do tipo de linguagem é tão importante quanto seu conteúdo, pois evidenciará o estilo e a intencionalidade do seu emissor, e também, a ênfase dada à construção linguística do texto.

Deste modo, como nos coloca Foucault (1996), todo discurso tem uma intencionalidade, uma ideologia. O discurso é constituído de sentidos. É importante enfatizar que o sentido sofre alterações que dizem respeito ao tempo, na medida em que se tem a percepção do momento da enunciação e da recepção desta.

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação mudaram a forma de sentir e pensar o processo cognitivo, criando um novo contexto semântico multifacetado composto de uma mistura de vários sentidos (CASTELLS, 1999), partindo de variadas formas de expressão, em que o internauta atua, simultaneamente, tanto como emissor quanto como receptor.

Nesse sentido, temos na colocação de Bakhtin (1979), que o sentido não é fixo, e sim provisório, alterando-se conforme o momento da interação e o repertório dos usuários, que são os receptores e emissores da mensagem, no momento em que ocorre a comunicação.

Outra característica que norteia a construção dos textos na era digital, é a criatividade. Assim, os textos multimodais atingem uma dimensão artística, pois criar “é fazer algo inédito, novo e singular, que expressa o sujeito criador e simultaneamente, transcende-o, pois, o objeto criado é portador de conteúdo social e histórico e como objeto concreto é uma nova realidade social” (PEIXOTO, 2003, p.39).

A criação é um elemento fundamental para a educação, já que a escola é o espaço do conhecimento historicamente produzido pela humanidade e da construção de novos conhecimentos, sendo imprescindível o processo de criação, visto que, “o desenvolvimento da capacidade criativa dos alunos, inerente à dimensão artística, tem uma direta relação com a produção do conhecimento nas diversas disciplinas”. Nessa perspectiva, a dimensão artística pode contribuir tanto para o diálogo entre as disciplinas escolares, mas principalmente para “a humanização dos sentidos, ou seja, para a superação da condição de alienação e repressão à qual os sentidos humanos foram submetidos ” (DCE L. P., 2008).

Cabe ao professor, ser o mediador desse processo e relacionar os fatos do cotidiano com as novas maneiras de se expressar, direcionando o olhar dos alunos para uma análise do discurso, debatendo inclusive como as novas TICs podem influenciar na produção do discurso. Assim, fomentando neles o desejo de criar seus próprios discursos a partir de novas linguagens.

O modo de enunciação digital viabiliza uma nova forma de acessar, produzir e interpretar informações de forma multissensorial.

Por modos de enunciação entende-se modos de dizer, enunciar. São formas de expressar sentimentos, fatos e opiniões. É a comunicação em contínua evolução, aperfeiçoada

pelos homens ao longo dos tempos, a partir de linguagens plurais que se reproduzem e circulam nas diversas esferas sociais.

Os modos de enunciação se realizam por meio de tecnologias enunciativas, que se desenvolveram em suportes, encarregados de enunciar os dizeres no decorrer da história da humanidade.

Xavier (2002, p.98) propõe uma reflexão acerca dos modos de enunciação, apresentando um quadro comparativo do qual constam as tecnologias enunciativas e seus suportes de leitura/percepção dispostos e atualizados em forma verbal, visual, auditiva e digital, e desenvolvidos no interior das sociedades humanas.

MODOS DE ENUNCIÇÃO	TECNOLOGIAS ENUNCIATIVAS	SUPORTES
VERBAL	Escrita	Pedra, argila, metais, papiro, pergaminho, papel, livro, projetor elétrico, monitor de TV e tela digital de computador.
VISUAL	Imagens estáticas (desenhos, quadros, gravuras, fotos, gráficos, tabelas). Imagens dinâmicas (animações, filmes, vídeos etc.)	Pedra, argila, metais, papiro, pergaminho, papel, livro, projetor elétrico, monitor de TV e tela digital de computador.
AUDITIVO	Sons naturais (voz humana, ruídos de fenômenos da natureza, gritos e cantos de animais). Sons artificiais (músicas, efeitos sonoplásticos significativos etc.).	Correntes de ar, equipamentos de gravação eletrônicos, analógicos (fitas magnéticas) e digitais (CD, DVD).
DIGITAL	Hipertexto (on-line, off-line)	Tela digital de computador multimídia.

Quadro 1: Modos de Enunciação por Xavier (2002)

Os modos de enunciação verbal e visual estão presentes na maioria dos suportes de leitura, enquanto que o modo auditivo se materializa apenas por suportes naturais e artificiais, incluindo o computador multimídia. E, o modo de enunciação digital se realiza somente na tela.

Desse modo, o computador promove a fusão entre os modos de enunciação, amalgamados no Hipertexto, promovendo a enunciação digital e a apreensão, simultânea, dos

demais modos enunciativos pelo hiperleitor, contribuindo assim, para a construção global do sentido.

3.2 O Hipertexto

A leitura não é mais a mesma desde então: somos envolvidos por um espiral de informações por meio dos hipertextos, que nos possibilitam uma leitura dinâmica e interativa.

[...] considerando a sociedade um organismo marcado pelo digital, novas formas de leitura devem ser consideradas, a fim de que se detone um processo educativo de alfabetização e letramento significativo, que leve em conta a multiplicidade tecnológica que hoje se apresenta e que não pode ser negada (RIBEIRO, 2007, p.87).

As novas tecnologias digitais contribuíram para diminuir o tempo e a distância para o acesso à informação, ao conhecimento e à interação verbal, facilitando a comunicação entre as pessoas e tornando-a mais dinâmica e mais atraente.

O hipertexto vem inovar o modo enunciativo, emergindo com a Sociedade da Informação em tempos pós-modernos, “trata-se de **um construto multi-enunciativo produzido e processado sobre a tela do computador**” (XAVIER, 2002, p.23-24), uma “forma de leitura *self service* [...] é o consumidor quem manuseia o cardápio, seleciona o *hyperlink* desejado para, em seguida, servir-se das iguarias mais apetitosas, na porção desejada, combinada com a velocidade do fluxo do pensamento” (XAVIER, 2004, p.174).

Para o cunhador do termo Hipertexto, Theodore Nelson (1993, in XAVIER, 2002), esse modo de enunciação seria um conceito unificado de ideias e dados que interconectados e editados sobre o computador evidencia a capacidade do hipertexto, que vai além da organização de dados, exibindo um modo de pensar.

De acordo com Nelson, o hipertexto é concebido como um sistema material e visto como uma tecnologia intelectual, em que o indivíduo interage com as informações durante o percurso de navegação virtual e as modifica em função das representações que traz consigo acerca de crenças, valores, ideologias, e das condições circunstanciais.

O hipertexto possibilita ao leitor uma leitura não-linear pelos caminhos dos *hyperlinks*, oferecendo um algo a mais do que está exposto na superfície visual, transcendendo aos enunciados verbais, visto que alcança dimensões sensoriais por meio de textos digitais

multimodais e semiolinguísticos (elementos verbais, imagéticos e sonoros), indo além do texto alfabético.

A digitalização permite associar na mesma mídia e mixar finamente os sons, as imagens animadas e os textos. Segundo essa primeira abordagem, o Hipertexto digital seria, portanto, definido como uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e “intuitiva” (LÉVY, 1996, p.44).

Pierre Lévy, filósofo francês, em sua abordagem sobre as tecnologias da informação e comunicação, apresenta uma definição a respeito do hipertexto

[...] conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser Hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um Hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode, por sua vez, conter uma rede inteira (1993, p.33).

Nesse sentido, Antônio Carlos Xavier, linguista, em sua *tese O Hipertexto na Sociedade da Informação: a constituição do modo de enunciação digital*, considera o Hipertexto como um modo de enunciação digital cujos dados multiformes estão dispostos em janelas digitais abertas na tela do computador ligado à internet, com o objetivo de possibilitar ao hiperleitor a realização de uma leitura não-linear, uma experiência leitora singular, a partir do acionamento (ou não) dos *hiperlinks* disponíveis.

[...] **Hipertexto é o espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido.** Ele se constitui em mais uma tecnologia de enunciação que possui uma maneira própria de dispor, compor e superpor, entrelaçadamente, em uma mesma plataforma enunciativa – a tela do micro – os recursos semióticos de natureza linguística. Ao amalgamar esses recursos semiolinguísticos e preservar, isonomicamente, o valor sígnico de cada um deles para a construção geral do sentido, o modo de enunciação digital efetuado no Hipertexto tende a produzir, em seus hiperleitores, percepções jamais antes experienciadas em qualquer outro modo de enunciação analógico (XAVIER, 2002, p.29).

Xavier nos apresenta algumas características que são peculiares a esse modo de enunciação digital.

A primeira delas é a **Imaterialidade**. A relação leitor-texto no âmbito hipertextual é diferente daquela que se tem com um texto impresso em celulose. Apesar de não podermos envolvê-lo nas mãos, virtualmente, temos a sensação de manusear, transportar, atualizar, editar, reconstruir e até imprimir o hipertexto. Todavia, mesmo que seja impresso, não se anula o estado de imaterialidade, já que ao imprimi-lo, de “hiper” torna-se apenas um texto

gutenberguiano, haja visto que, perdeu-se sua ubiquidade espaço-temporal e sua capacidade de apresentar imagens animadas e efeitos sonoros, fatores singulares em relação ao texto material.

Na sequência, a **Confluência de Modos Enunciativos**. O Hipertexto apresenta outras formas de textualidade, além da escrita, o que o diferencia do texto impresso. Acondiciona diversos modos de enunciação, como imagens em vídeo, ícones animados e sons, - interpostos na tela, tornando-o singular em relação às demais mídias, como a TV em que se predomina as imagens; o rádio que privilegia o som; o livro ou o jornal impresso em que o texto escrito é absoluto. Nesse sentido, o hipertexto reúne e equilibra em torno de si todas essas mídias, tornando a leitura uma experiência multissensorial por sua capacidade de reinventar novas formas e gêneros textuais.

Em seguida, a **Não-Linearidade**. A recepção de enunciações de forma não hierárquica não é exclusividade do Hipertexto, tendo em vista que, as edições impressas contêm sumários, divisão em capítulos, índices remissivos e notas de rodapé – elementos que podem levar o leitor à quebra da linearidade da leitura. A deslinearidade não leva a descontinuidade potencial do discurso, visto que é definida do ponto de vista material e não do discurso.

Nesse caso, a deslinearidade não se trata, obrigatoriamente, da ausência da materialidade discursiva, pois durante a recepção dos discursos a decisão de escolha é exclusiva do leitor, como em qualquer tipo ou gênero de texto ou tecnologia de enunciação.

Na superfície digital, o discurso se constrói e fortalece devido a essa rede virtual de filamentos ditos, não ditos e ecoados, em que os temas estão vinculados entre si por relações interdiscursivas.

Assim, a não-linearidade é fator predominante no Hipertexto, sendo a ausência de um foco dominante de leitura, o princípio básico de sua construção, em que o leitor é convidado a reorganizar sua estrutura - em sua concepção descontínua – de acordo com seus propósitos e por meio do “surfe” virtual pelos *hiperlinks*, num espaço semântico a ser explorado e construído pela intervenção de seus usuários, os hiperleitores.

Por fim, a **Intertextualidade Infinita**. Qualquer texto ou discurso provém da inter-relação entre os dizeres, visto que, todo discurso textualizado remete a ditos já escritos anteriormente em papel, que armazenados na “memória discursiva” geram outros ditos, todavia ditos não originais, novos ou inéditos, apenas modificados, que se perpetuam em textos, Hipertextos ou em qualquer outro suporte de leitura.

A Internet é o aporte digital e o espaço virtual que torna mais evidente este fenômeno de linguagem: a intertextualidade dos dizeres humanos. O Hipertexto acentua a função e as vantagens da intertextualidade. Os hiperlinks conduzem, instantaneamente, os leitores a textos, obras e discursos "originais", se indexados à rede, permitindo, dessa forma, o acesso e a verificação das idéias de terceiros pelo próprio hiperleitor que pode fazê-lo imediatamente. O Hipertexto possibilita vínculos e associações intertextuais sem fim que só se aproximam a memórias privilegiadas de "eruditos" leitores de impresso. Ou seja, o Hipertexto inscreve nos hiperlinks a "erudição" necessária à compreensão de um dado discurso, tornando público o que apenas era, potencialmente, dependente da "erudição" e da lembrança individuais de alguns poucos leitores (XAVIER, 2002, p.32).

É perceptível que, quanto maior a disposição do leitor em mergulhar nos *hyperlinks*, que abrem infinitas possibilidades de acordo com o interesse de cada usuário, menor a linearidade da leitura no campo do Hipertexto, construindo a materialidade discursiva com a adição de outros discursos presentes nos dizeres já hiper-intertextualizados.

3.3 Uso da Linguagem na Internet: Internetês

Quando estudamos a língua numa situação comunicativa, pretendemos observar o seu uso dentro de uma perspectiva de interação entre os falantes de tal língua. Assim, tal reflexão exige que também tenhamos conhecimento sobre as variedades linguísticas e diferenças dialetais.

A importância de tal postura se dá devido aos diversos grupos que frequentam a escola e falam cada um a seu modo.

De acordo com Geraldi, a escola precisa ouvir seus alunos e respeitar a variedade linguística advinda desses grupos sociais.

A democratização da escola, **ainda que falsa** (grifo do autor), trouxe em seu bojo outra clientela e com ela diferenças dialetais bastante acentuadas. De repente, não damos aulas só para aqueles que pertencem a nosso grupo social. Representantes de outros grupos estão sentados nos bancos escolares. E eles falam diferente. (GERALDI, 1984, p.44)

Apesar da existência de uma forma de falar, eleita como sendo a “correta”, a padrão para nossa sociedade, isto devido a fatores que envolvem a historicidade da língua portuguesa, temos ciência da existência de outras formas de falar, “que não correspondem à forma “eleita”, são todas postas num mesmo saco e qualificadas como “errôneas”, “deselegantes”, “inadequadas para a ocasião”, etc.”(GERALDI, 1984, p.44).

Nessa perspectiva, Gnerre (1978) coloca que uma variedade linguística equivale ao

valor dos seus falantes na sociedade, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos internos quando confrontamos variedades de uma mesma língua, e em termos externos pelo prestígio das línguas no plano internacional.

Ainda de acordo com o autor, alguns fatores corroboram para que uma variedade linguística seja considerada culta ou padrão. São eles:

- a) a associação desta variedade à modalidade escrita;
- b) a associação desta variedade à tradição gramatical;
- c) a dicionarização dos signos desta variedade;
- d) a consideração desta variedade como portadora legítima de uma tradição cultural e de uma identidade nacional.

Entretanto, não podemos nos esquecer que a língua padrão trata-se de uma imposição social, que não é condizente com a realidade, visto que, a separação da forma que se fala em sala de aula e a forma considerada padrão é gritante, denunciando o propósito desta variante em desclassificar os demais dialetos.

Sobre a troca de informações que acontecem por meio das mídias, elas são veiculadas usando-se diferentes recursos de linguagem, como imagens e vídeos são uma comunicação virtual, que seria “toda a comunicação que se faz usando um computador. A comunicação pode ocorrer em tempo real – síncrona (bate-papo), ou off-line - assíncrona, deixando mensagens (e-mails)” (FRANCO, BRAGA, 2007, p.1).

Neste tipo de comunicação o uso da linguagem utilizado em ambientes informais as regras ortográficas são ignoradas, a este novo uso da língua denomina-se “Internetês”. Este tipo de escrita acontece muitas vezes na comunicação síncrona (em tempo real), onde a dinâmica do discurso solicita de seus usuários agilidade e rapidez nas respostas, esta seria uma razão para as abreviações e pela escrita possuir características da língua falada (Patrício, 2005).

Nesse sentido, se percebe o surgimento de um outro modo escrito de se comunicar, que rompe com o padrão da língua formal escrita, partindo da necessidade de adaptar o tempo e a velocidade com que se necessita se comunicar na internet, nessa perspectiva de comunicação “uma nova forma de escrita característica dos tempos foi criada. Frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na Internet” (OTHERO, 2002, p. 23).

No internetês, o importante é fazer-se entender de uma maneira rápida, objetiva e cheia de estilo próprio desta linguagem. O princípio básico dessa linguagem virtual é

espremer o essencial de cada palavra, ocorrências essas que em muitos casos, palavras ou expressões fogem à norma-padrão. Como acontece com as vogais, que passam a ser quase que dispensáveis ou com o uso dos acentos, que são raríssimos, e ainda, palavras criadas, expressões abreviadas numa só palavra, entre outras situações.

Nos estudos realizados por Komensu e Tenani (2009) o internetês é então um uso da língua de forma “grafolinguística” e tem sido bastante difundida nas redes sociais, em chats de bate papo e blogs, tendo como característica primária o uso de registro que diverge da normal padrão de escrita da língua portuguesa, por esta razão muitos de seus adeptos são considerados “assassinos da língua portuguesa”.

Entre os que são contrários a esta forma de escrita a concepção de língua aparece como um *instrumento de comunicação* que transmite uma mensagem a um receptor por meio de um código que se combinam seguindo regras imutáveis, onde haveria um tipo de escrita considerada pura, culta, sem interferência da fala sob qualquer circunstância de seu uso, é isso que leva algumas pessoas a fazerem severas críticas ao internetês (Geraldi, 2004; Guimaraes, 2006 *apud* KOMENSU; TENANI, 2009, p.639).

Já para seus adeptos, a concepção de língua e escrita mudam, e passam a ser entendidas como uma “*forma de interação social e histórica*” que permite por meio do uso da linguagem e de seus signos um diálogo entre os sujeitos o que configura o novo modo de interação entre os sujeitos e a linguagem, esta já não mais entendida aqui como uma mera transmissora de informação (KOMENSU; TENANI, 2009).

Na visão de Teixeira (2008) o que acontece na linguagem da internet é o fato desta cumprir sua finalidade comunicativa por esta razão admite certas irregularidades que vão contra as regras da língua, isto se deve ao fato de que “a diversidade dos utensílios tecnológicos e das situações de comunicação implicam a aceitação de níveis de maior ou menor formalidade, traduzida em participações de grau variável no respeito pelo cânone gráfico oficial” (TEIXEIRA, 2008, p. 122).

Como por meio da internet nas redes sociais e chats acontece um meio de comunicação síncrona, seus usuários não se sentem obrigados a utilizarem as normativas da escrita clássica e tradicional, já que a comunicação se dá de forma simultânea e segue como regra principal escrever conforme se fala e não utilizando das inúmeras regras gramaticais existentes.

Surge a necessidade de criar-se um estilo gráfico que seja capaz de transmitir ao seu interlocutor não apenas mensagens, mas também transmitir sentimentos e emoções, os gestos,

entonação e para este fim sinais gráficos ganham uma nova função dentro da comunicação buscando se aproximar de uma comunicação oral (Tojal, 2013).

Para isso são utilizados alguns recursos na comunicação que segundo (Tojal, 2013) seriam:

- ✓ “alongamentos vocálicos e consonânticos”: repetição de letras a fim de se transmitir informações paralinguísticas, como é o caso da representação do alongamento da voz para significar satisfação ou surpresa [“aaaaaahhhhh”];
- ✓ Frequência de onomatopeias que visam suprir a ausência de interação usa sequência de letras a fim de diferenciar risadas como, por exemplo: kkkk, heheheh, hahahahaha, shuashuashua, etc.
- ✓ Emoticons de teclado: visando suprir a ausência de interação face a face faz se o uso de notações léxicas e proxêmicas para expressar o sentimento de quem escreve como raiva, tristeza, alegria, etc (TOJAL, 2013, p.172, 173).

“E essa prática está tão disseminada que, nos teclados atuais, quando se digitam algumas notações léxicas combinadas com sinais de pontuação [por ex.:)], automaticamente surge no ecrã um emoticon gráfico [neste caso, 😊]” (TOJAL, 2013, p.173).

Mas para que estas irregularidades aconteçam e ainda assim exista uma comunicação entre seus usuários é preciso que estes estejam familiarizados com tais usos de modo que quando teclado “vc”, “bj”, “kbça” o leitor consiga entender “você”, “beijo”, “cabeça”. Os recursos utilizados são para dar vida à comunicação virtual, que por não acontecer face a face ganha uma nova roupagem e se reorganiza de modo que os seus usuários obtenham o máximo desta interação, são envolvidos além da troca de mensagem e informação, mas também a reocupação com demonstrar sentimentos, sensações e para isso são utilizados inúmeros recursos linguísticos e não linguísticos.

Tomamos como ponto de partida de análise as ocorrências “HMM”, “AIN”, “AINN”, “HEHE”. Todos esses elementos não lexicalizados não são palavras do Português, mas podem ser reconhecidas como possíveis representações de sequências fônicas que ocorrem em situação de interação face a face, características de enunciados falados (KOMENSU; TENANI, 2009, p.629).

Desta forma o princípio da escrita virtual não estaria centrado apenas na fala, não podendo ser considerada, portanto uma escrita fonética, já que esta incorpora também elementos não verbais que estão presentes na comunicação face a face, a escrita do internetês está baseada nas relações entre escrita e fala, onde esta escrita não está diretamente relacionada aos sons que a fala produz, cria-se novas possibilidades comunicativas entre os

sujeitos envolvidos [...] “da análise das várias grafias para as formas de infinitivo, pode-se concluir que o internetês se caracteriza fortemente por práticas sociais de uma escrita historicamente constituída” (KOMENSU, TENANI, 2009, p.634).

Neste ambiente, o texto passa a ser visto não como uma simples sequência de palavras escritas, mas como um sistema de conexões entre vários elementos, como um multissistema que envolve aspetos linguísticos e não linguísticos no seu processamento, fazendo uma simbiose entre o verbal e o imagético. Pela possibilidade de estabelecer essa conexão entre a linguagem verbal e a não-verbal (imagens, animações) de maneira integrativa, graças aos recursos da hipermédia, o discurso virtual deve ser considerado como uma multissemiose (TOJAL, 2013, p.174).

É possível ainda perceber a repetição de letras principalmente vogais, uso fonético de letras, banimento de acentuação gráfica, abreviações, para alguns, esta prática seria uma abreviação da escrita ou até mesmo a morte da língua. Este discurso negativo em relação ao internetês se deve ao fato de que haveria uma modalidade pura, correta, imutável conforme argumentam:

A imagem de degradação da escrita e, por extensão, a da língua, pelo uso da tecnologia digital, advém do pressuposto de que haveria uma modalidade escrita *pura*, associada seja à norma culta padrão, seja à gramática, seja à imagem de seu uso por autores literários consagrados; enfim, um tipo de escrita sem “influências” ou “interferências” da fala, que deveria ser seguido por todos em quaisquer circunstâncias. Há, portanto, a presunção de um sistema abstrato de formas linguísticas destituído da expressão dos modos de interação e de sua relação com a sociedade, com a história, com a cultura. (KOMESU; TENANI, 200, p.627)

Ao se observar este tipo de escrita, sem que sejam considerados os momentos de interação entre o locutor e interlocutor, realmente saltam aos olhos as inúmeras irregularidades, no que refere ao uso das regras e normas ortográficas, estas infrações em relação á normatização da Língua Portuguesa poderiam estar relacionadas a uma escrita fonetizada, onde escreve como se fala, isto justificaria, portanto, a omissão ou trocas de algumas letras, o não emprego de acentuação, etc.

Para as autoras Komesu e Tenani esta justificativa estaria ancorada, pois existe:

[...] também, o emprego das letras a partir de uma suposta relação biunívoca entre letra-som, seguindo o princípio acrofônico do alfabeto e não as regras ortográficas. Estão em jogo, portanto, quer uma concepção da relação fala e escrita, quer o trânsito do escrevente pelo sistema de escrita alfabético e pelas convenções ortográficas em uso para o Português (KOMESU; TENANI 2009, p.630).

Mas não é possível fazer esta afirmação de que o internetês seria uma escrita fonetizada, é preciso que se faça uma reflexão sobre o uso da língua, já que a linguagem vai

muito além de suas regras ortográficas, a língua é viva e feita pelos seus interlocutores e sofre muitos tipos de influências.

Sobre isso o estudo do linguista Luiz Carlos Cagliari (2009) irá dizer que a língua portuguesa como todas as demais línguas existentes [...] “é um fenômeno dinâmico, não estático, isso é, evolui com o tempo e nos mais diversos agrupamentos sociais”, sendo assim não é uma coisa calcificada, mas sim um “fenômeno social”, um “bem cultural” que está presente em todos os níveis da sociedade. A língua se constrói pelo seu uso, pelas maneiras, dialetos ou “um conjunto de falares diferentes”, com suas características diferentes que se incorporam a linguagem e a transformam, isto estaria acontecendo com o uso da linguagem nas redes sociais (CAGLIRI, 2009, p.31).

Conforme Gnerre (1978), a função das linguagens diferentes da linguagem padrão é social, tem um valor real e comunicativo, reafirmando a identidade dos sujeitos pertencentes a esse grupo.

Ocorre ainda na concepção de Araújo (2007) que o internetês seria “um registro de uso da escrita” podendo também ser considerada como “uma variedade linguística, no sentido sociolinguístico do termo” já que para este autor as infrações da escrita vão “muito além de simples ocorrências vocabulares estranhas” podendo ser consideradas uma “modificação criativa na escrita da língua em ambiente digital, cujas características apontam para uma linguagem alfanumérica” (ARAÚJO, 2007, p.28).

É preciso que se alargue o olhar sobre a língua, suas convenções e seus usos de modo a entender o internetês não como uma degeneração da língua portuguesa e nem que esta seja vista como uma forma fonetizada de escrita, mas sim que a mesma existe e cada vez mais as pessoas estão utilizando, independente se sua interpretação é deturpada ou não.

Considerando o princípio fundamental de qualquer língua, que é comunicação entre os sujeitos, o internetês seria uma possibilidade do seu uso e:

[...] com base na concepção de *modo de enunciação* da escrita, os registros divergentes encontrados nos enunciados na internet passam a ser associados às possibilidades de registro gráfico-visual de certos padrões rítmico-entoacionais que são assim registrados pelo sujeito na heterogeneidade da escrita, na interação com o(s) outro(s). (CHACON, 1998; TENANI, 2007 *apud* KOMESU, TENANI 2009, p.628).

Bagno alerta que [...] “não existe erro em língua. Existem, sim, formas de uso da língua, diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical. No entanto, essas formas diferentes, quando analisadas com critério, revelam-se perfeitamente lógicas e coerentes” (BAGNO, 2001, p. 25-26).

Para Possenti (2006, p. 33) “saber escrever de duas maneiras é bem melhor do que saber escrever de uma só. É sinal de maior competência”. Faraco (2007, p.17) complementa dizendo que “saber escrever de duas maneiras pode ser melhor do que escrever de uma só. Mas a competência se revela mesmo no uso adequado de cada sistema em seus respectivos contextos”. E ainda, para Possenti (2002) quando se aprende uma língua se aprende a dizer a mesma coisa de muitas formas.

O internetês, linguagem comum entre os usuários da internet, é uma forma prática e rápida de comunicação, visto que, a internet exige muita agilidade. Emprega-se uma linguagem coloquial, em mensagens informais com elementos que representam sentimentos, gestos, saudações, tons de voz etc. Esta linguagem também é comum em mensagens instantâneas de celular, a fim de agilizar a comunicação.

Ao ser analisada a linguagem utilizada pelos internautas, percebemos que não é caótica e desorganizada, mas segue regras e convenções que são conhecidas e empregadas por seus usuários, para que aconteça de maneira eficiente a comunicação deve oferecer subsídios linguísticos para que emissor e receptor consigam entender a mensagem decodificando, o que pressupõe que ambos dominem as “regras do internetês”.

Para deixar mais clara esta explicação, retiramos um trecho que ilustra este acordo entre emissor e receptor no que se refere à linguagem na internet:

[...] uma palavra de uso comum como “beijo(s)” possa surgir representada graficamente como “bj”, “bjo”, “bjs”, “bjx”, etc. mas que exista uma restrição de uso para a forma “bijo”, considerada não aceitável porque portadora de ambiguidade. O mesmo acontece com a palavra “cabeça”, que um internauta grafará “kbeça” mas nunca “aea”, dado que esta última forma não contém os fonemas indispensáveis para ser entendida (TOJAL, 2013, p.8).

O que acontece neste novo estilo de escrita seria “um novo estilo gráfico que, apoiando-se no modelo já existente, tem uma configuração nova que introduz elementos novos” (PATRÃO, 2001, p. 125). Essa nova forma de escrita está transformando toda a estrutura gramatical que durante séculos foi sendo ensinada na sociedade como sendo a única e verdadeira. Isso demonstra que novos paradigmas devem ser criados para interpretar esse fenômeno social.

Esta nova variedade linguística presente nos cyberespaços acaba preocupando e gerando críticas ao seu uso, onde existe a preocupação de que este tipo de escrita acabe se tornando usada fora do ambiente virtual, e ainda que ao utilizar esta forma gráfica de escrita crianças e adolescentes aprendam errado a língua portuguesa, e esta ainda seja prejudicada pelos vícios de escrita do internetês.

É característico do internetês, o uso de ocorrências que fogem à norma-padrão, pois trata-se de uma linguagem descontraída, sem formalidade com certa adição de “entonações” por meio das emoções impressas nas palavras e expressões escritas:

- As vogais passam a ser quase que dispensáveis devido às abreviações ou formas reduzidas: vc (você), td (tudo), blz (beleza), mto (muito), msm (mesmo), fla (fala), fmz (firmeza);
- O uso dos acentos, que são raríssimos;
- Neologismos: “seduzente”;
- Expressões abreviadas numa só palavra: “cetaloco” você está louco;
- É comum o uso do sinal de pontuação reticências para substituir o ponto final ou a vírgula;
- Usar o ponto de exclamação “!” repetidamente: “Bom dia!!!”;
- Usar repetidamente o sinal de pontuação ponto de exclamação para marcar contentamento, euforia; perplexidade etc;
- Escrever como se fala: “naum intendu” ;
- Uso de gírias: novis (novidade), tá ligada, maaara, pra caramba, mó deprê (maior depressão), sussa (sossegado), massa, meu, Kra (cara);
- Repetição de vogais e consoantes para intensificar o sentido das palavras: aaaaaamoooo!!!!, suuuper!!!;
- Letras maiúsculas para enfatizar o tom de voz empregado pelo emissor da mensagem, é como se o emissor estivesse gritando com o leitor, em muitas vezes soa desrespeitoso com o receptor;
- Marcas da oralidade e tantos outros recursos utilizados nessa forma de comunicação para tentar reproduzir na escrita a entonação que o falante teria ao pronunciar algumas palavras ou expressar sentimentos: “ Acredita eem anjooh?... Poiis eeh... Eeoh soou ooh seuu ♥”.

Veja no quadro abaixo, algumas palavras ou expressões utilizadas pelos usuários das redes sociais na comunicação virtual – Internetês:

Marcas da Oralidade	Abreviações	Interjeições	Expressões
Aham! – sim bjussss – beijos boua; bowa - boa eeh eitaa! hummm	bj (s); bjo (s)- beijo (s) bjão – beijão blz- beleza fds- fim de semana	ah! uau! opa! hein?	“partiu” festa – fui para festa

<p>hem!; ein – hein? naum – não own aooowww ahah – ah! ashuashuash hahaha hehe kkkkk kero – quero ops! – opa! “sas” meninas – essas meninas Xops- shopping Uhuuullll vixi! xiiii... oieeee! nuss! – nossa! Risadas: rsrsrs huashuashuash Interjeições expressando sentimentos de: - admiração, surpresa – oh! - admiração – puxa! - alívio – ufa! - decepção, lástima – chi!;aff!</p>	<p>gnt- gente msm; msgem – mensagem pq – porquê q – que qdo - quando rsrs - risadas hj – hoje vc (s) – você (s) sqn – só que não D+ - demais 9dades- novidades t+mais - até</p>		
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Repetições de Vogais	Acréscimo da Consoante H	Substituição do q pelo k; c pelo k; w por u	Hashtags
<p>Amooo boaaa lindaaa muuuuito noiteeee opaaa!</p>	<p>diahhh – dia néh – não é eh – é dah - dar</p>	<p>kero – quero kadê vc – cadê você vow – vou vlw - valeu</p>	<p>#ficaadica# #sendofeliz#</p>

--	--	--	--

Quadro 2: Palavras ou expressões utilizadas pelos usuários das redes sociais na comunicação virtual – Internetês

A maior preocupação dos pais e alguns educadores estariam em que o internetês possa prejudicar o ensino e aprendizagem da língua portuguesa em sua norma culta. Mesmo dentre os educadores não existe uma unanimidade quando trata da linguagem da internet, alguns admitem fazer uso em ambientes informais de comunicação virtual, outros não contrários a esta prática e a julgam estar sendo construída no erro e na falta de normatização (Patrício, 2005).

É importante ressaltar que o internetês é uma ferramenta de comunicação para ser utilizada em contextos informais de comunicação, via internet ou mensagens de celular. Essa nova forma de comunicação corresponde a uma variação linguística, que tem colocado em discussão sua influência sobre a escrita dos jovens, se essa escrita, direcionada ao universo digital, pode ser ou não prejudicial à língua materna e à norma-padrão.

No entanto, conforme demonstraremos abaixo, os jovens alegam ter consciência e saber definir os contextos em que se pode utilizar essa linguagem.

A escritora Marisa Lajolo não considera o internetês um perigo para a língua portuguesa, ao contrário, é uma forma de escrita inofensiva e inventiva.

Para ela, o internetês é “instrumento de coesão entre uma comunidade jovem extremamente criativa. Quem se der ao trabalho de estudá-lo vai perceber como nele se manifesta vários traços de várias escritas da língua portuguesa” (BEARZOTI FILHO, 2006, p.32).

No que tange ao papel da escola no que se diz respeito ao ensino da Língua Materna e a escrita da internet (Patrício, 2005) alerta que é de responsabilidade da escola o ensino da língua portuguesa e todas as suas normativas e gramáticas, coerências e coesões, porém esta não pode ficar alheia ao progresso tecnológico e seus usos, entendendo que nestes ambientes os “alunos” são também estimulados a leitura e a escrita diariamente e se fazem usuários destes sistemas para a comunicação em rede.

Dadas às necessidades de comunicação e os avanços da tecnologia, no que se refere ao uso da língua escrita nos espaços virtuais, surgem novas maneiras de comunicação e conseqüentemente novos gêneros, caracterizados por formatos e apresentações diferentes das convencionais.

Estes gêneros discursivos que aparecem no ambiente virtual estão sujeitos às regras por parte de seus usuários e acabam sendo incorporados ao ensino da língua como é o caso do

e-mail, blog, chat, etc, que são gêneros textuais produzidos pelas inovações tecnológicas e a necessidade de comunicação.

Ao se ensinar os gêneros sejam eles provenientes das tecnologias ou não caberá ao docente estimular a sua escrita, bem como apresentar de maneira didática as suas características e peculiaridade, oferecendo aos seus alunos os recursos necessários de leitura e escrita para que sejam competentes na leitura e interpretação de diferentes portadores textuais, já que o leitor deve ser proficiente não importa se o meio de leitura seja material ou digital (Chagas, 2001).

A escola fica então responsável por fazer uma ponte que ligue os conhecimentos da língua, mas sem nunca se fechar as inovações que a linguagem apresenta por ser dinâmica e ainda aproveitar este tipo de linguagem codificada utilizada pelos alunos nos ambientes virtuais como forma de suscitar discussões sobre o uso convencional da língua, suas regras e diferentes usos de acordo com o contexto (Ramal, 2002).

Quanto ao medo das interferências da escrita do internetês na vida dos seus usuários “estaremos incorrendo no lamentável equívoco de confundir a língua portuguesa com as muitas maneiras de ortografá-la, todas ao alcance da capacidade criadora de sujeitos reais que protagonizam encontros reais” (ARAÚJO, 2007, p.29).

Vista sob esta ótica a escrita utilizada no ciberespaço seria “uma linguagem não submetida a revisões, expurgos ou correções, uma linguagem no seu estado natural de produção” (TOJAL, 2013, p.175) e, portanto, “cabe ao professor integrar internetês ao rol das variedades sócio-estilísticas da língua, fazendo as correlações entre norma e o uso da língua” (PATRÍCIO, 2005, p.39).

Sendo assim, todas as irregularidades encontradas na escrita do internetês fazem parte de um “registro de uso da escrita” (Tojal, 2013) que podem ser entendidas “como uma nova sintaxe e um novo ritmo ‘conversacional’, com novas formatações linguístico-rituais, com novos parâmetros espaço-tipográficos” (COSTA, 2012, p.77).

O internetês é adequado à comunicação virtual em redes sociais e em situações de comunicação virtual onde se tem intimidade com o receptor da mensagem, cuja comunicação se dá de forma informal. Em gêneros não digitais, o uso dessa linguagem é inadequado e deve ser evitado.

O uso deste estilo de escrita nas redes sociais ou ambientes virtuais informais não caracteriza que seus adeptos desconheçam as regras da escrita formal, [...] “mas é justamente por conhecerem essa escrita canônica que eles a consideram inadequada para veicular os sentidos específicos da interação que pretendem” (PEREIRA, MOURA, 2006, p. 82).

Com efeito, o ambiente da mídia eletrônica proporciona, como tivemos a oportunidade de realçar, uma escrita muito peculiar, traduzida por uma grafia eterodoxa, por vezes alfanumérica, por vezes verbo-icônica, com abundância de siglas e abreviaturas, com marcas de oralidade e construções fráscas pouco ortodoxas. O que é inegável é que algumas dessas peculiaridades se vão infiltrando pouco a pouco noutros contextos comunicativos (TOJAL, 2013, p.184).

O uso da língua é uma prática social que tem como intenção principal a comunicação entre seus interlocutores e é o seu uso que faz com que ela exista, e não o apego exagerado e cristalizado a regras ou normativas, mas sim produzir um enunciado que faça sentido ao seu leitor, e isso é facilmente percebido nas escritas da internet. É possível, portanto, dizer que este tipo de escrita pode ser considerado como uma “variedade linguística” (TOJAL, 2013).

O uso da língua deve ser adaptado as diferentes necessidades de comunicação que acontece entre os interlocutores, e para isso é necessário que existam adaptações de escrita no ambiente em que ocorre a interação, sem que isso prejudique o ensino e aprendizagem da língua materna, esta seria apenas uma adequação da linguagem para o neste ambiente de interação em que o contexto solicita uma comunicação ágil e eficiente.

É mais interessante então que o professor de língua materna aproveite os diferentes usos que seus alunos fazem da língua portuguesa para partindo destes usos e de suas ‘irregularidades’ produzir atividades que levem a reflexão da linguagem em seus diferentes contextos, utilizando os diferentes gêneros presentes na era virtual que fazem parte do cotidiano e da atividade social da maioria das pessoas na atualidade para suscitar suas atividades de ensino da língua.

Ao utilizar-se de uma linguagem que os alunos já conhecem e se apropriaram o professor conseguirá cumprir uma verdadeira função de ensino que vai muito além de ensinar regras de gramática que acabam não fazendo sentido para o aluno, e sim apropriar-se deste universo de produção escrita que existe nos ciberespaços para como definiu Bechara (2002) ampliar as competências linguísticas e tornar os alunos um poliglota em sua própria língua.

A escrita produzida na internet apresenta um grande potencial já que neste meio os alunos são convidados a interagir e a produzir textos frequentemente, estas práticas de escrita que acontecem dentro do contexto virtual podem contribuir para desenvolver e ampliar as competências de escritas escolares e acadêmicas.

É preciso levar em consideração que os diferentes contextos sociais determinam usos diferenciados da linguagem que, entendida como prática social, atende a propósitos comunicativos específicos. Sendo assim, os recursos utilizados na interlocução digital são adequados ao suporte utilizado, já que este oferece aos

usuários algumas peculiaridades que diferem, e muito, dos gêneros produzidos em contextos mais formais (COSTA, 2012, p.10).

Conclui-se então afirmando que o uso do internetês não deve ser encarado como um empobrecimento da língua, mas sim como uma possibilidade de uso com características textuais próprias e gêneros textuais discursivos que devem ser considerados no ensino de língua materna, uma vez que cada vez mais pessoas estão se utilizando dessa variação da língua escrita, e este fato não deve ser ignorado, cabendo então a escola orientar para que seu uso seja feito de maneira correta.

3.4 Uso dos *Emoticons*

A palavra *emoticons* vem do inglês *emotion icons* que significa “ícones de emoção”, que criados a partir das letras e sinais do teclado do computador, digitados numa certa ordem, se parecem com “carinhas” com diferentes expressões e significados, geralmente usados nas redes sociais de comunicação virtual.

A seguir, veja alguns *emoticons* encontrados na comunicação em redes sociais virtuais.

:- (triste				
>: (com raiva				
; -) piscada				
: D gargalhada				
@ } - ' - - uma rosa para você				
B-) de óculos				
: ' (chorar				
8-O assustado				
d:- de boné				
:- & zangado				
: * beijo				
: # guardar segredo				
% - \ confuso				
X- (chateado				
[:) ouvir <i>Walkman</i>				

Quadro 3: *Emoticons*

Fonte: <http://www.qualsignificado.info/2015/09/06>

4 LETRAMENTO NO CONTEXTO SOCIAL DIGITAL

Takaki (2012) alerta para a necessidade de se perceber o contexto no qual o sujeito está inserido e a relevância da utilização da palavra “letramentos”, no plural, enfatizando que letramento significa um processo contínuo, que representa habilidades e conhecimentos de diferentes tipos, considerado um conjunto de práticas sociais que envolvem usos heterogêneos de leitura, escrita e outras formas de linguagem, como a digital, com diversas finalidades.

Nesse sentido, o conceito de letramento, segundo a autora, torna-se complexo, visto que, é sempre situacional, localizado em contextos socioculturais que, demandam posturas diferentes para cada realidade, e que reconhecem e convivem com leituras diversas e a importância da compreensão da diversidade das interpretações, as causas históricas e suas implicações na formação dos cidadãos.

A utilização da tecnologia da informação e comunicação inclusive a Internet para o ensino e aprendizagem”, para promover o desenvolvimento do conhecimento e da inclusão digital.

Quando se fala em letramento digital, vamos além da digitação ou da popularização ou mesmo democratização da informática (PEREIRA, 2007). O letramento digital ocorre quando o sujeito tem autonomia diante das tecnologias.

No caso da internet esse letramento pode acontecer de muitas formas: pesquisar algo na rede, participar das redes sociais, interagir em chats, fóruns, enviar e-mails, produzir um blog, um site...enfim, inúmeras possibilidades que, o indivíduo tem, e as utilizará para fins de comunicação e interação, profissionais ou casuais.

O objetivo de promover a construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e no aprendizado, definiu algumas metas para uma Sociedade da Informação, que vai do acesso às novas tecnologias até a preparação dos professores, estendendo-se à inovação da prática e das experiências com as TICs.

A tecnologia e suas ferramentas se constroem e são constantemente reconstruídas, a fim de melhorar, inovar e propor novos conceitos.

Ribeiro (citando Perrenoud), defende que a realidade moderna demanda a capacidade de lidar com artefatos tecnológicos e que, “a vivência e a familiaridade com instrumentos tecnológicos podem trazer um diferencial no processo de formação dos alunos” (2007, p.89).

A vida cotidiana está num ritmo de evolução muito grande. É perceptível a enorme carga de tarefas e atribuições realizadas em um único dia, atrelado a isso está também a constatação de que os fazeres mais triviais do cotidiano estão a cada dia sendo mais elaborados, principalmente no que diz respeito ao uso de diferentes formas de tecnologia.

Nesse sentido, atualmente se vivencia um período de constantes mudanças e a necessidade de adaptações para o uso das mais diferentes tecnologias, independente da área para a qual são criadas, visto que o que é criado para facilitar o dia a dia requer então um preparo para o seu uso.

Desse modo, viver nos dias atuais está cada vez exigente, principalmente do que diz respeito a necessidade que as pessoas estão tendo em ter que lidar com a constante informatização que os fazeres do cotidiano, sejam eles relacionados as práticas de trabalho ou não, estão, de um certo modo, exigindo que as pessoas a aprendam a usar e praticar no cotidiano.

Nesta suposta necessidade, apontada aqui como algo necessário a interação e comunicação do indivíduo no cotidiano, é preciso reconhecer que nem todos as pessoas estão preparadas para lidar com esta situação, mesmo ela sendo emergente e evoluindo constantemente.

Nesse sentido, a presença da evolução tecnologia e digital está a nossa volta, e quem nunca se deparou com a situação de perceber que em algum dado momento não sabe utilizar algum recurso tecnológico, como por exemplo algumas mídias digitais, aparelhos eletrônicos ou até os caixas eletrônicos nos bancos, se posicionando então como excluído, mesmo que por alguns instantes do mundo atual.

É inegável que o cotidiano está, cada vez mais rápido, se transformando, seja pela necessidade de invenção de mecanismos que facilitem a vida das pessoas e não as tirem muito tempo, ou pelo fato de que, com as crescentes mudanças, outras necessidades do cotidiano surgem.

Assim, é preciso então reconhecer que as mudanças que estão ocorrendo, principalmente no que diz respeito as tecnologias e mídias digitais, estão de certo modo exigindo das pessoas a aquisição e o desenvolvimento de conhecimentos e competências cada vez mais específicas, necessitando ainda constantemente a revisão desses conhecimentos e a aquisição de outros cada vez mais elaborados para que dessa forma, as pessoas em sua grande maioria estejam em sintonia com os ditames sociais atuais, pois “estamos vivendo em uma sociedade moderna, em meio a várias tecnologias, por isso, é necessária uma visão mais ampla desse conceito para que as pessoas procurem se adaptar a uma nova realidade: a era digital”. (MOREIRA, 2012, p.2).

Nesse sentido, partindo do entendimento da necessidade de adaptação do indivíduo a essa nova forma de interagir e viver na cotidianidade, o aprendizado das novas formas de

tecnologias é uma questão quase que obrigatória para cada indivíduo na sociedade, necessitando então o reconhecimento de que não basta mais aprender a usar determinado aparelho eletrônico, saber conhecimentos básicos de manuseio de computadores e acesso à internet.

O que se verifica atualmente é a ampliação desse horizonte, uma vez que em um determinado período, principalmente o relacionado ao surgimento e expansão das novas tecnologias de interação, o requisito necessário era saber operacionalizar a nova máquina, até porque suas funções eram muito mais simples que as que vemos hoje em dia.

Entretanto, no contexto atual, não basta mais somente saber os conhecimentos instrumentais de funcionamento, mas sim saber utilizá-lo no cotidiano, dentro de um contexto no qual trará valor e qualidade nas ações realizadas, sendo então utilizado da melhor maneira possível.

Nesse sentido, o conhecimento para essa nova forma de saber, atrelado ao seu uso consciente e crítico se relaciona ao que no meio acadêmico está se denominando Letramento Digital. Este novo termo na área educacional já é tema de inúmeras pesquisas, evidenciando assim um novo modo de pensar a tecnologia e sua relação com a educação.

Primeiramente, para o entendimento da terminologia “Letramento Digital”, é preciso evidenciar o significado da palavra “Letramento”, visto que ele está muito presente nas abordagens e estudos da área de Língua Portuguesa, mais precisamente relacionado a área de alfabetização.

Na década de 1980, através das pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosk, se constatou então as fases que uma criança passa para adquirir os conhecimentos relacionados a escrita, este sendo percebido como um dos elementos da alfabetização, que seria então a aquisição dos conhecimentos de leitura e escrita (SOARES, 2002).

Passado está descoberta, passou-se então a discussões de quais seriam então os melhores métodos para o ensino da leitura e escrita, ou seja, a alfabetização. Com o advento da revolução nos modos de alfabetizar, um ponto chamava a atenção de alguns pesquisadores, pois mesmo se elaborando novas formas de alfabetizar, ainda era muito presente a falta do uso e significado desses conhecimentos no cotidiano, despertando então a atenção para o fato de que existia algo além apenas da instrumentalização para o ato de ler e escrever.

A partir de então surgem pesquisas que vieram evidenciar a necessidade de se trabalhar em sala de aula não somente a aquisição dos mecanismos de leitura e escrita, mas se ensinar em sala de aula a como usá-lo no cotidiano, tornando esse aprendizado um elemento da prática cotidiana de cada pessoa, pois o que se percebia era o saber ler e escrever, mas esse

saber não era posto em prática, tão pouco quando praticado, é muito superficial, principalmente quando utilizado para interpretar textos e escrevê-los.

Nesse sentido, surge então no meio acadêmico e educacional, por volta de meados de 1990 o conceito de Letramento. Para Kleiman (2008), o letramento “é um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 2008, p.19).

Desse modo, o letramento se relaciona então ao uso cotidiano consciente e significado das competências de leitura e escrita, porém num sentido mais amplo do que apenas saber decodificar os sinais e representações, se configurando não como um instrumento, um modo de procedimento, mas sim um elemento permeado pela presença do seu uso em práticas sociais de leitura e escrita de maneira significativa, tendo por finalidade não apenas a decodificação do que está escrito, mas sim os elementos dessa intencionalidade e seus significados.

Para Barton; Hamilton (1998) o letramento é considerado como uma prática cultural, social e estabelecida historicamente, que permite a uma pessoa adquirir vantagens no poder de decidir sobre as que dele não tem, incidindo reflexos no meio à qual pertence as suas tradições, costumes, hábitos e nos modos de convívio social que se identifica.

No conceito de letramento, a leitura e a escrita são entendidos como ações sociais e vão além do desenvolvimento dessas habilidades, onde o sentido desse uso está na forma de domínio e interação social do ler e escrever, sendo aplicadas nas mais diversas situações do cotidiano. Logo, em um contexto social de uso mais frequente da leitura e escrita competente, o indivíduo letrado tem uma interação social mais ampla e um diálogo maior com o mundo a sua volta (Soares, 2002).

Assim, o letramento se distingue da alfabetização, principalmente pela amplitude que sua prática exige e proporciona, rompendo com barreiras conceituais e atitudinais. Nesse sentido para Magda Soares (2006) o conceito de letramento ultrapassa o ato de ler e escrever.

Parte-se então da premissa de que o sujeito precisa fazer uso dessas práticas no seu cotidiano, interagindo com o conhecimento, propondo novos modos de uso, e não ser apenas passivo nesse processo, até porque “novas formas de ler e escrever passaram a ser inseridas no cotidiano das pessoas (SCHONS; VALENTINI, 2012, p.2).

Dessa forma, o letramento é entendido então como uma habilidade em construção, que pode sim ser aprendida, mas que deve ser colocada em prática, evidenciando que “o letramento é [...] uma habilidade [...]individual [...]Tudo depende do contexto em que se

está inserido”. (MOREIRA, 2012, p.3). Pensar no desenvolvimento dessa habilidade é pensar no seu contexto de uso e na forma como vai ser desenvolvida.

Ler e escrever na atual conjuntura ultrapassou os modos convencionais, principalmente no que diz respeito ao formato e o suporte utilizado para essa ação, transcendendo sua presença em suportes de papel, passando para a tela do computador ou mesmo do celular, possibilitando inclusive, uma nova forma de interação entre o texto e o leitor, sendo perceptível então que “novas formas de ler e escrever passaram a ser inseridas no cotidiano das pessoas. (SCHONS; VALENTINI, 2012, p.2)

Essa nova forma de interação e prática de letramento é objeto de estudo de Lévy (2004). Para o referido autor, novas práticas de letramento estão surgindo, pois antes o mesmo ocorria apenas utilizando o suporte escrito e impresso em papel. Assim, atualmente o desenvolvimento das práticas de letramento caminham para uma reconfiguração dos elementos do seu desenvolvimento.

Essas mudanças são resultados das “novas formas de pensar e de conviver que estão sendo elaboradas, [...] onde escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada” (LÉVY, 2004, p.27).

Nessa perspectiva, o conceito de letramento se expande e encontra outras formas de apresentação, não sendo mais restrito apenas as práticas relacionadas apenas a aplicação dos conhecimentos de leitura e escrita no cotidiano, mas sim a outros movimentos do conhecimento e o desenvolvimento de outras práticas sociais.

Logo, é preciso então destacar o fato de que não existe apenas um modo de entender promover o Letramento, mas sim vários, principalmente pelo fato de que estamos a todo instante estabelecendo juízo de valor sobre como devemos utilizar o conhecimento sobre determinado assunto. Assim, não existe apenas uma única modalidade de letramento, mas várias e em diferentes contextos da esfera de interação social (SOARES, 2002),

Nesse sentido,

O letramento busca ver o social, considera os aspectos sócio-históricos, ligado ao social e cultural. O letramento é relacionado ao conjunto de práticas sociais, orais e escritas, acontecendo no espaço das relações sociais. Há diferentes abordagens teóricas acerca do letramento, mas o indispensável é o entendimento de ações com o objetivo de formar pessoas letradas, com a capacidade de resolver situações do cotidiano, de sua vida pessoal e profissional (SCHONS; VALENTINI, 2012, p.6).

Assim, cabe então a necessidade de discorrer então considerações sobre outras formas de letramento, aplicando seus conceitos em uma área de conhecimento diferente da que comumente está relacionado no meio educacional.

Nesse sentido, tendo em vista a constatação da relevante presença das tecnologias no cotidiano e sua enorme influência nas práticas sociais dos indivíduos, o letramento passa a ocupar destaque nesta nova era de conhecimentos, pois implica o reconhecimento de que as pessoas cada vez mais estão em contato com diferentes formas de práticas sociais e lidam constantemente com novas mídias e formas de comunicação e interação, necessitando delas o desenvolvimento de novas competências para lidar com estas situações.

Em tempos não muito distantes, os textos e suportes para leitura eram somente os impressos, imperando no processo de alfabetização e letramento o uso do papel e lápis ou caneta para ele ocorrer. Esses materiais eram o que a tecnologia dispunha para a realização do processo de inserção do indivíduo na sociedade e contribuíam para que as práticas sociais de letramento fossem desenvolvidas.

Entretanto, no contexto atual, não mais se precisam desses instrumentos para que o indivíduo esteja em interação em práticas sociais de leitura e escrita, uma vez que esses instrumentos podem ser facilmente substituídos por um computador, celular ou tablets e nesse sentido, o letramento passa então a ser concebido em outro formato, não mais apenas pelo uso da leitura e escrita em suportes de papel, mas sim em uso no meio tecnológico no qual todos estamos em constante contato.

Desse modo, fica evidente então a constatação de que

estamos assistindo uma verdadeira revolução nas práticas de leitura e escrita em função da introdução das tecnologias digitais. [...]estejamos assistindo uma verdadeira revolução nas práticas de leitura e escrita em função da introdução das tecnologias digitais (SCHONS; VALENTINI, 2012, p.4).

Assim, convém então destacar que devido a essa nova forma de interação e práticas sociais, tem-se então a afirmação de que devido ao fato dos suportes para o desenvolvimento e práticas do letramento terem mudado, é preciso então reconhecer que não existem apenas um tipo de letramento, mas sim vários.

A esse respeito

letramento não é o mesmo em todos os contextos; ao contrário, há diferentes Letramentos. A noção de diferentes letramentos tem vários sentidos: por exemplo, práticas que envolvem variadas mídias e sistemas simbólicos, tais como um

filme ou computador, podem ser considerados diferentes letramentos, como letramento fílmico e letramento computacional (BARTON, 1998, p.9)

Assim, diferentes contextos geram diferentes letramentos, e diferentes letramentos emergem de diferentes práticas sociais. Nesse sentido, a evolução tecnológica na qual estamos vivendo traz ao indivíduo uma outra necessidade de interação e inserção, principalmente a relacionada ao uso da tecnologia digital no cotidiano.

As práticas de leitura e escrita tomaram outro formato no contexto social atual, as funções relacionadas ao ato de ler e escrever se ampliaram e se aderiram ao um novo espaço, o meio digital, com suportes e gêneros textuais novos, implicando o desenvolvimento de competências específicas para esse fim. Logo, é possível afirmar que dessa nova natureza de práticas sociais surge então uma nova forma de letramento, denominado letramento digital.

O Letramento Digital é o “estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela” (SOARES, 2002, p.151) e está relacionado as práticas sociais de leitura e escrita em formatos midiáticos digitais, tendo o seu uso e desenvolvimento relacionados ao uso eficaz das novas tecnologias digitais “busca inserir o sujeito na sociedade, incluí-lo digitalmente na moderna era informacional através de novas ferramentas tecnológicas (computador, internet, cartão magnético, caixa eletrônico, etc.)” (SCHONS; VALENTINI, 2012, p.6).

Ler e escrever nestes novos formatos se configuram então como novas formas de se desenvolver o letramento, uma vez que as práticas sociais atuais estão cada vez relacionadas ao uso dessas ferramentas no cotidiano e saber usar já não é mais um privilégio e sim uma necessidade contemporânea, principalmente pelo fato de que as pessoas estão se comunicando e interagindo umas com as outras mais por meios digitais do que por meios físicos.

O espaço da escrita mudou do papel para a tela do computador, possibilitando novas formas gêneros textuais. O letramento digital engloba redes de práticas sociais, que nos permite construir, explorar e pesquisar, ensinar e criticar. Letrado digitalmente é muito mais do que saber usar o computador, usar o teclado, é saber localizar, selecionar, filtrar e avaliar informações disponibilizadas digitalmente. (SCHONS; VALENTINI, 2012, p.7)

O letramento digital se difere do letramento convencional pelo fato de que não basta apenas saber ler e escrever, mas sim combinar este saber com outros, principalmente os relacionados a operacionalização de instrumentos, como computador e internet, selecionado informações e construindo outras através da interação com um suporte muito maior do que o contido apenas nos meios impressos.

Assim, o letramento digital está relacionado ao meio digital, no qual quase todos estão inseridos, independente do grau de inserção que cada indivíduo apresenta nesse novo tempo e espaço, onde o ato de saber usar um computador ou outra tecnologia não garante o status de letrado digitalmente.

Nesse sentido, Lévy (2004) amplia o conceito de letramento digital, destacando em sua pesquisa que o local onde as interações sociais digitais ocorrem contribuem para essa nova forma de se posicionar socialmente. Para o referido autor o letramento digital é

um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (LÉVY, 2004, p.17).

As possibilidades de interação que o letramento digital proporciona são muito maiores. A conexão entre diferentes contexto, experiências e pessoas é muito maior no espaço digital e essa evolução cresce juntamente com a crescente evolução das tecnologias digitais e a necessidade constante de seu uso.

Com essas considerações a respeito do letramento e o letramento digital, se percebe então que o caminho dos indivíduos na sociedade contemporânea no que diz respeito ao uso das novas tecnologias, principalmente nos fazeres mais simples do cotidiano, está em um processo gradativo se tornando condição quase que necessária para a permanência do indivíduo neste novo modelo de sociedade. A qual se estabelece pelo uso frequente nas tecnologias digitais.

Nesse novo contexto, cada vez mais se exige das pessoas novos conhecimentos e procedimentos a serem realizados em ações do cotidiano, como ler, escrever, ir ao banco e supermercado, ou mesmo conversar. Os ditames que a tecnologia digital está propondo rompem aos poucos com o pensamento de que é possível escolher estar ou não inserido nesse contexto.

Infelizmente, ainda é possível perceber que inúmeras pessoas estão fora desta realidade, principalmente aqueles de condições sociais menos favorecidas, mas um outro movimento é possível perceber, o fato de que quanto mais novo o indivíduo, mas inserido nesse mundo ele está, independentemente de sua condição social, uma vez que ao adulto o desenvolvimento desse novo letramento se dá em um processo diferente do que ocorre com uma criança.

Estar no meio digital é então uma condição fatalmente inevitável a todos os indivíduos, qualquer que for sua idade e condição e qualidade dessa inserção. O fato é que não se vive mais sem o uso das tecnologias digitais e isso está requerendo das pessoas uma nova postura, seja no seu trabalho ou no contato entre as pessoas.

É fundamental o equilíbrio entre o ritmo frenético das informações via web e o tempo adequado para a transformação dessas informações em conhecimento.

Nesse sentido, é evidente destacar o papel social que a escola tem para com essa nova construção social de valores e necessidades. Ela ocupa ainda no meio social um importante papel, mesmo que sua estrutura ainda não tenha acompanhado a evolução que a era digital proporcionou em outros contextos.

As práticas de letramento ocorrem em vários locais e não dependem especificamente da escola para ocorrerem, pois “fora do contexto escolar é possível percebermos que o uso do computador, dos seus recursos e bem como a internet é feita de forma espontânea e natural” (SCHONS; VALENTINI, 2012, p.11), mas é lógico que se ocorressem dentro do espaço escolar teriam talvez muito mais significado para as práticas docente.

Infelizmente, não basta apenas oportunizar o acesso, mas sim criar dentro do ambiente escolar uma cultura que privilegie este espaço de criação e construção de novas práticas sociais. O que se pode verificar no contexto educacional é o contrário. O computador e outras tecnologias digitais são simplesmente ignoradas no processo ensino e aprendizagem, se configurando então como estranhos em um local onde todos ali presentes precisam estar conectados a ela, mas isso só podendo ser feito fora do horário da aula.

Vive-se atualmente, de acordo com Martín-Barbero (2006), uma transformação nos modos como o saber está circulando na sociedade, deixando os lugares considerados como únicos que os guardavam e das pessoas consideradas como detentora de sua posse. Nesse sentido

A escola está deixando de ser o único lugar da legitimação do saber, o que se constitui em um enorme desafio para o sistema educativo. Diante desse desafio, muitas vezes os docentes adotam uma posição defensiva e às vezes até negativa, no que se refere às mídias e às tecnologias digitais, como se pudessem deter seu impacto e afirmar o lugar da escola e o seu como detentores do saber (FREITAS, 2010, p.341).

Infelizmente, a escola caminha para direções contrárias ao uso das tecnologias e do desenvolvimento de práticas que desenvolvam de maneira qualitativa o letramento e o letramento digital. O fato de a mesma não ser mais o local onde se encontra o saber

sistematizado contribui para que suas funções na sociedade sejam reconfiguradas e adquiriam assim novos contextos de ação.

4.1 Inclusão Digital

A inclusão digital é o passaporte para a inclusão social. É um processo pelo qual o sujeito passa a participar dos usos e costumes das ferramentas tecnológicas, a fim de promover em sua vida o conhecimento, a interação, a comunicação, e principalmente, a autonomia. O letramento digital faz-se necessário na formação de indivíduos que vivem o seu tempo.

Nesse sentido, primeiramente, precisamos dominar as tecnologias da informação e comunicação, ou seja, computadores, softwares, Internet, correio eletrônico, serviços, etc. para que sejamos capazes de ir além da busca pela informação, capazes de extrair conhecimento (PEREIRA, 2007).

É preciso vencer a exclusão digital, que também é considerada de ordem socioeconômica, a partir de indicadores econômicos, tecnológicos e demográficos. com o objetivo de oportunizar melhores condições de vida para a população nas áreas socioculturais, econômicas, educacionais e profissionais, enfim, na sociedade como um todo, proporcionar a todos um letramento digital.

Mas ainda há muita gente sem acesso à rede. Com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE, que 24,2 milhões de lares de renda de até 2 salários mínimos (em torno de R\$ 1,4 mil) não estão conectados à Internet. O mesmo vale para 7,5 milhões de lares na área rural do país.

Amaral (2003) afirma que, há uma crescente exclusão do mundo digital gerada pela desigualdade, e se não há acesso ao meio digital, não há como saber utilizá-lo e nem como lidar com suas potencialidades. E, se a grande parte das pessoas ainda não está educada digitalmente, isto significa que essas pessoas estão excluídas desse universo digital, o que acarretará uma nova forma de desigualdade social: a digital.

Fica claro que, no atual cenário, o letramento digital faz todo o sentido. Nesse aspecto, podemos acordar que as crianças, incluídas no universo digital, levam vantagem, visto que interagem e vivem a era virtual, com maior poder de assimilação e o domínio sobre os aparatos tecnológicos. Muitos desses procedimentos são necessários nas áreas da vida cotidiana.

Em se tratando do uso da Internet pelas crianças, pode-se dizer que:

As crianças têm utilizado a Internet para brincar, para aprender e principalmente para se comunicar e formar relacionamentos, incluindo, nesse processo interativo, o desenvolvimento diferenciado de sua cognição, inteligência, raciocínio, criatividade e personalidade. (AMARAL, 2003, p.46)

Diante desta multiplicidade tecnológica, a conscientização se faz essencial. A conscientização é ação e reflexão (RIBEIRO, 2007), num processo de autonomia e liberdade, em que os atores sociais se veem num movimento de inclusão, à medida que esse processo de alfabetização e letramento digital seja significativo para este sujeito.

A comunicação na era da tecnologia digital é de todos para todos (LÉVY, 2008). A contribuição dos usuários das redes sociais por meio da divulgação de conteúdos e postagens diversas corroboram para a construção da informação, que vem ao encontro com o propósito da Sociedade da Informação, que é o de disseminar informações de qualidade para seus usuários, pensando numa sociedade mais reflexiva, crítica e receptiva à interação e à inteligência coletiva (LÉVY, 2008), num contexto semântico multifacetado composto de uma mistura de vários sentidos (CASTELLS, 1999).

Contudo, alguns fatores impedem que o indivíduo participe desse contexto, promovendo a exclusão digital. Um deles é a questão da limitação física, em que o indivíduo não possui acesso a equipamentos tecnológicos como computadores, por exemplo, ou se os tem, em alguns casos, não tem acesso à rede mundial de computadores, a Internet.

Apesar de vivermos a Sociedade da Era Digital, nossa realidade – enquanto país em desenvolvimento e diante do descaso dos nossos governantes com a educação pública, haja visto as condições precárias da maioria das nossas escolas – é a de exclusão digital.

Muitas pessoas ainda não têm equipamentos ligados à internet, e outras, não utilizam por falta de competência e/ou habilidade com estes aparelhos tecnológicos, o que nos remete a outro problema ligado às questões de Letramento Digital.

A internet proporciona um ambiente de comunicação e informação. Por meio dos sites de redes sociais, vemos a construção destas informações através da pluralidade de vozes presentes no ambiente digital.

As comunidades virtuais, de acordo com Lévy (2008), se alicerçam em interesses comuns, num processo de cooperação ou troca, e de inteligência coletiva, para um enriquecimento do saber mútuo das pessoas.

No que diz respeito à qualidade do ensino-aprendizagem é necessário recuperar o interesse e a motivação dos alunos. É preciso buscar novas estratégias de ensino. A tecnologia

nos parece um caminho a ser percorrido, tendo em vista, sua presença marcante no cotidiano da maioria das pessoas, atualmente.

As redes sociais podem ser uma opção motivadora para despertar nos alunos o interesse por atividades de interação e colaboração, na busca pela construção da aprendizagem e formação do sujeito.

4.2 O Papel da Escola

Em face do desenvolvimento das tecnologias, o homem vem sendo desafiado pela máquina constantemente; exige ela um conhecimento, um preparo daquele que sente a necessidade de se superar criando novos instrumentos de trabalho que venham a contribuir para facilitar seu próprio trabalho, para obter resultados rápidos e precisos, gerando a constante busca pela atualização e contribuindo para a modernização da sociedade.

Com base nos pensamentos de Ribeiro:

A máquina desafia aquele que a utiliza, fazendo com que o homem se reveja, mude suas posturas e se eduque. Ao mesmo tempo o homem percebe a necessidade de criar e de ampliar o instrumento, buscando novas formas de trabalho que aumentem sua capacidade e sua possibilidade de se desenvolver. (RIBEIRO, 2007, p.88)

A comunicação na sociedade contemporânea está constantemente em evolução, com linguagens mais complexas e híbridas, enquanto que o ensino continua sendo o mesmo, obsoleto e estagnado a formas arcaicas que se limitam à tradição conteudística e enciclopédica que rege a educação formal (CITELLI, 2006).

As implicações decorrentes das novas TICs se configuram nos diversos setores da sociedade, bem como na Educação.

Ao se falar da relação da educação e da *Internet*, a rede foi, desde sua aparição ao grande público, fonte de consulta para as pesquisas realizadas nos cursos tradicionais; mas, há alguns anos, os cursos *online* e semipresenciais são cada vez mais comuns. A *Internet* deixa de ser, então, somente a grande biblioteca e passa a ser também meio de ensino-aprendizagem (SANTOS et al).

Em entrevista ao jornal *O Globo*, Edgar Morin, antropólogo, sociólogo e filósofo francês, afirma que o professor é figura determinante para a consolidação de um modelo ideal de educação. Nesse caso, defende que, apesar da internet ser uma grande fonte de informação e dos alunos terem acesso a todo tipo de conhecimento, a presença do professor se faz

necessária, “ele deve ser o regente da orquestra, observar o fluxo desses conhecimentos e elucidar as dúvidas dos alunos”.

Morin é enfático ao situar o papel do professor no que diz respeito à internet

[...] quando um professor passa uma lição a um aluno, que vai buscar uma resposta na Internet, ele deve posteriormente corrigir os erros cometidos, criticar o conteúdo pesquisado. É preciso desenvolver o senso crítico dos alunos. O papel do professor precisa passar por uma transformação, já que a criança não aprende apenas com os amigos, a família, a escola. Outro ponto importante: é necessário criar meios de transmissão do conhecimento a serviço da curiosidade dos alunos. O modelo de educação, sobretudo, não pode ignorar a curiosidade das crianças. (*O Globo* - 20.08.2014)

A escola tem um grande desafio pela frente, o de preparar seus alunos para a era da informação e do conhecimento, isto significa inclui-los digitalmente, formá-los para serem atuantes na “Sociedade da informação”, assim, refere-se João Thomaz Pereira (2007), à nova sociedade que vivemos.

Espera-se do ensino um novo olhar para uma nova educação, a inclusão dos sujeitos na era digital, no letramento digital, que é a ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital, tanto para ler quanto para escrever (COSCARELLI e RIBEIRO, 2007).

Pereira, em sua reflexão sobre Educação e Sociedade da Informação, afirma que, a exclusão digital ou o analfabetismo digital é o grande desafio das escolas, dos educadores e da sociedade civil. E, que se estes, não compreenderem o que é necessário fazer, podem retardar o desenvolvimento das instituições de ensino ou mergulhá-las no envelhecimento prematuro, que é o que acontece com as escolas públicas, exemplifica.

Os desafios que as instituições de ensino, seus professores e alunos, bem como toda comunidade escolar, têm de superar são advindos de uma sociedade em constante transformação, o que exige de todos uma evolução interna e externa, no âmbito escolar, político e social.

Dentre algumas das reflexões sobre a natureza dos problemas que iremos enfrentar participando da Sociedade da Informação na Era do Conhecimento, segundo Pereira, estão a de que os problemas são normais e desejáveis, fazem parte do ciclo da vida; o papel daqueles que conduzem o ensino é desenvolver habilidades e competências para reconhecer e resolver problemas; a Sociedade da Informação nos conduz, irreversivelmente, à globalização.

Sendo assim, para que as instituições de ensino e seus participantes acompanhem esta

nova era, é imprescindível repensar métodos e metodologias utilizadas no passado, visando à inovação das estratégias de ensino por meios tecnológicos.

Todavia, é preciso que os sujeitos estejam incluídos neste mundo tecnológico, para que possamos usar destas tecnologias para ensiná-los.

Pereira nos revela que, no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em vigor desde 1996, previa em todos os níveis de ensino, a necessidade da alfabetização digital, no entanto, o Ministério da Educação (MEC) revelou, num censo escolar realizado em 1999, que a maioria das escolas não tinha acesso à Internet, e não tinham sequer energia elétrica.

Atualmente, há programas que contribuem para o uso das tecnologias da informação e da comunicação, como por exemplo, a Educação a Distância.

Todavia, a inovação demanda de formação humana e investimentos no processo educativo, começando pela formação de professores, equipes multidisciplinares, perpassando pelos princípios pedagógicos, até a inserção do aluno no processo que integra educação e tecnologia. Ressalta Ribeiro (2007) que, um projeto de educação tecnológica precisa ter intencionalidade e respaldo teórico para que as metas de aprendizagem possam ser atingidas pelo indivíduo, visando com a sua aplicação, a formação do cidadão crítico, reflexivo, consciente e competente.

As características e inquietações do projeto seriam atender os anseios e necessidades de todos os envolvidos nesse processo, bem como enfatizar no decorrer deste a interdisciplinaridade, a formação integral, a integração entre ciência/tecnologia, cultura/conhecimento, homem/sociedade, na busca pela construção do conhecimento e inserção de um indivíduo efetivamente preparado para sua sociedade. Contudo, deve-se respeitar a individualidade do sujeito, respeitando a diversidade e a pluralidade.

Nesse sentido, a prática docente deve provocar uma atitude crítica e de reflexão que comprometa a ação. A ferramenta tecnológica no processo ensino-aprendizagem pode ser a peça-chave para a inovação da metodologia e estratégias de ensino. Para Ribeiro “a busca por uma ferramenta tecnológica deve ser vista como forma de se revitalizar antigas ferramentas, uma nova aparência para melhorar ou estimular as metas de aprendizagem” (RIBEIRO, p.90, 2007). E, alerta para a problematização e questionamento da situação: quais os ganhos para os alunos e professores; o que a tecnologia representa para a escola; enfim, a necessidade de se repensar todas as relações humanas dentro da organização social.

Todo o processo está voltado aos alunos e, na relação que estes têm com o conhecimento, por isso é importante que se invista na formação dos professores, para que

sejam capazes de repassar esse conhecimento aos alunos, alicerçando-se em princípios pedagógicos construtivistas, visando a implementação de uma pedagogia ativa e cooperativa.

A tecnologia está diretamente ligada à educação, portanto deve ser tratada como parte integrante do processo educativo, não podendo ser ignorada nem tão pouco desconhecida dos sujeitos escolares.

A partir dessa reflexão, Ribeiro nos conscientiza da elaboração de um projeto de educação tecnológica, ressaltando que, este, precisa ter intencionalidade e respaldo teórico, ser ideológico e preocupar-se com a formação do cidadão crítico, reflexivo, consciente e competente.

Nesse aspecto, a escola continua sendo a “célula da sociedade” (RIBEIRO, p.91, 2007), mantendo a linha tênue entre a realidade e a sociedade e seus anseios e necessidades.

Ribeiro nos explica que um projeto educacional tecnológico precisa ter as seguintes características e preocupações: “interdisciplinaridade, visão holística do homem (formação integral), mediação entre ciência e tecnologia, entre cultura e conhecimento, entre homem e sociedade” (p. 91, 2007).

A escola tem o papel de preparar seu alunado para o futuro. Seria mais fácil se a tecnologia também esperasse pela formação desse aluno, porém, como sabemos a cada instante é possível o surgimento de inovações tecnológicas, e muitas vezes não conseguimos alcançá-las.

Assim, temos que buscar aliar as ferramentas tecnológicas ao processo educacional atual, apelando para o desejo de saber, de explorar e interagir que os alunos apresentam em contato com o ambiente virtual.

Ribeiro (2007) citando Lima, faz uma reflexão sobre a preparação do sujeito para o futuro, em que a preparação para o futuro depende do viver bem o presente, primeiramente, levando o aluno a resolver problemas e a tomar decisões por si próprio, assim desenvolvendo no sujeito a autodisciplina, o autodomínio, a autonomia, a responsabilidade, a criatividade a fluência verbal, a tomada de decisão e o aprender a aprender.

Nesse sentido, é preciso resgatar a esperança por meio da valorização de um projeto de vida do aluno, de um projeto pessoal do indivíduo que, faz parte dessa era tecnológica virtual e, buscar na escola o como ser parte efetivamente, podendo participar e contribuir para a transformação tecnológica e da sua própria realidade.

Dessa maneira, desejamos que a tecnologia e seu meio digital estejam inseridos no ambiente escolar, visando a comunicação entre os homens e com mundo que os cerca, preservando a individualidade e considerando o coletivo. Assim,:

O que se procura é o desenvolvimento geral dos sujeitos escolares, quer seja no estabelecimento de novas relações, quer seja na capacidade de síntese, de organização e sistematização, expressando-se mediante múltiplas linguagens (incluindo-se a linguagem das novas tecnologias), numa interação ativa e crítica com o meio físico e social. (RIBEIRO, 2007, p.92)

Assim, podemos afirmar que, a escola está diante de um grande desafio, que é o de relacionar o ensino com a comunicação atual, pois é papel da escola enquanto instituição formadora, oportunizar aos seus um ambiente que os prepare para vivenciar as oportunidades que a sociedade contemporânea oferece. Mas, para isso é preciso ir além do livro didático e do quadro e giz.

5 REDES SOCIAIS

Redes Sociais são comunidades, redes de relacionamentos. Esse termo “redes sociais” precede a internet e as ferramentas tecnológica. Todavia, com a tecnologia digital, esta terminologia ganhou maior popularidade.

Para a pesquisadora Raquel Recuero, há uma diferença na questão da conceitualização, que determina a situação em uso. Ela nos apresenta uma reflexão acerca das expressões “rede social” e “mídia social”.

Primeiramente, para mim, rede e mídia social são coisas diferentes. As redes sociais são metáforas para os grupos sociais. Já a "mídia social" (sem entrar, aqui, no mérito do termo), é um conjunto de dinâmicas da rede social. Explico: são as dinâmicas de criação de conteúdo, difusão de informação e trocas dentro dos grupos sociais estabelecidas nas plataformas online (como sites de rede social) que caracterizam aquilo que chamamos hoje de mídia social. São as ações que emergem dentro das redes sociais, pela interação entre as pessoas, com base no capital social construído e percebido que vão iniciar movimentos de difusão de informações, construção e compartilhamento de conteúdo, mobilização e ação social. (*Revista Digital Social Media*, 2010)

Assim, mídias sociais são plataformas da internet que facilitam e aceleram a conexão entre redes ou grupos sociais contribuindo para a integração social, a partir do compartilhamento de informações nos mais variados formatos e linguagens.

As mídias sociais foram uma grande revolução no processo de produção e distribuição da informação. Tendo como diferencial dentre as mídias tradicionais – jornal, televisão, livros ou rádio - o fato de que elas não são finitas, não havendo um número determinado de páginas ou horário específico para a produção do conteúdo.

Tomaél e Marteleto (2006) chegam a um conceito que pode complementar o pensamento da autora acima, quando caracterizam rede social como sendo um conjunto de pessoas ou organizações ou demais entidades sociais, que conectadas pelos relacionamentos

sociais, sejam eles motivados por amizade, relações de trabalho ou pelas informações compartilhadas, e que por meio dessas ligações, constroem e reconstróem a estrutura social.

A definição de Recuero (2009) vem a somar para nossa reflexão acerca das redes sociais: “Rede social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede” (p. 25).

Com as redes sociais, navegar pela internet não é mais um ato solitário, em que o internauta apenas entrava nas páginas virtuais e lia seus conteúdos.

Com as novas TICs e a expansão dos recursos de comunicação, informação e interação, os sites são “um convite a comentários, críticas e observações, obrigando os internautas a desenvolverem discursos de improviso e a defender seus pontos de vistas” (MURANO, *Revista Língua*)

As redes sociais incorporam funções como bate-papos, *blogs*, *upload* e *download* de arquivos (fotos, vídeos ou áudio), jogos com multiusuários e *quizes*, e oferecem aos usuários a possibilidade de escrever, editar, publicar seus próprios textos, curtir, comentar e compartilhar postagens alheias.

Uma rede social na *Internet* tem um potencial imenso para colaborar, para mobilizar e para transformar a sociedade. São pessoas que estão utilizando a *Internet* para ampliar suas conexões e construir um espaço mais democrático, mais amplo, mais plural e com isso, gerando valores como reputação, suporte social, acesso às informações e etc. (RECUERO, 2009, p. 25)

Nesse sentido, podemos afirmar que as redes sociais potencializaram o interesse pela leitura e escrita, alicerçando-se em interesses mútuos e valores em comum por meio da colaboratividade.

As produções escritas presentes nas redes sociais apresentam uma tendência a textos enxutos, concisos e com formas mais soltas e coloquiais.

Essa “ferramenta midiática” comporta a multimodalidade textual, uma vez que abriga um oceano de textos, imagens diversas como fotos, vídeos, ícones e sons dispostos em forma de mural ou diário eletrônico.

Muitas são as redes sociais virtuais existentes, entretanto, algumas merecem destaque pela quantidade de usuários e qualidade de seus meios de comunicação.

De acordo com o *Manual de orientação para atuação em redes sociais*, da SECOM (Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República), as principais redes sociais são as seguintes:

- **Facebook:** Maior e mais importante mídia social, atualmente. Pode-se afirmar que esta rede social é a maior responsável pelo grande fluxo de interatividade na internet no

momento. A partir da criação de uma conta ou perfil, é possível montar a sua base de seguidores, por meio de convites pessoais, assim formando sua rede de amigos. Nessa ferramenta, os usuários podem inserir postagens, como textos, fotos, vídeos e outras aplicações (de jogos a sistemas bancários), sem limitações de caracteres. Podem ainda, “curtir”, comentar e compartilhar as postagens de outras pessoas. As interações dos usuários - cliques, comentários e postagens - ficam registradas em sua própria página, desde que se inscreveu na rede social. As páginas servem para empresas, marcas e organizações compartilharem suas histórias e se conectarem com as pessoas. Assim como os perfis, você pode personalizar estas páginas publicando histórias, promovendo eventos, adicionando aplicativos, entre diversas outras funcionalidades. As pessoas que curtirem sua página e os amigos delas poderão receber atualizações nas linhas do tempo de seus perfis pessoais.

- **YouTube:** Essa rede tem a função de armazenamento focada, exclusivamente, em vídeos. Os usuários podem fazer uploads (publicação), visualizar e fazer downloads de vídeos de forma gratuita. Atualmente, o Youtube é considerado a maior videoteca do mundo. Possui diversos extratos de filmes e trailers e um sem-número de filmagens pessoais sobre os mais diversos temas. As pessoas podem ainda, ver e rever seus programas de TV preferidos, assistirem a reportagens, clipes musicais, dentre outros. A rede dispõe das opções “gostei”, “não gostei” e também pode-se comentar os vídeos postados, como forma dos usuários emitirem sua opinião.

- **Twitter:** Desempenha a função de microblog. Essa ferramenta permite que seus usuários postem mensagens curtas, de até 140 caracteres, expressando suas opiniões e registrando informações sobre os temas que preferirem. O usuário pode escolher “seguir” outros usuários, assim passa a acompanhar as postagens daqueles que “segue”. Pode-se seguir amigos, figuras públicas, ídolos, empresas, entre outros, com isso gerando uma rede cruzada de formação de opinião que, hoje, atinge centenas de milhões de usuários por todo o mundo.

- **Instagram:** Essa ferramenta tem seu foco em imagens. Os usuários, a partir da criação de um perfil, podem inserir foto ou vídeo e publicarem. A plataforma permite, ainda, o compartilhamento do conteúdo com outras redes sociais, como por exemplo, o Facebook e o Twitter.

- **Flickr:** Tem a função de armazenar fotos e outros recursos gráficos, como desenhos, infográficos, entre outros formatos. Os usuários criam álbuns por temas e classificações. Essa mídia social faz parte do Yahoo! Inc., desde 2005.

- **Blog:** É uma mídia social que funciona como uma página pessoal. Permite que qualquer usuário monte o seu próprio veículo de informação “a custo muito baixo (ou ao preço que ele paga por conexão na web), publicando o que desejar e deixando as suas postagens disponíveis pela rede afora” (p. 32). Nessa ferramenta, o usuário posta textos, imagens, vídeos, links, entre outros. Os leitores do blog podem comentar as postagens, avaliando-as positiva ou negativamente. O blog e seu autor, o “blogueiro”, pode atingir grande audiência dentre os internautas.

- **Wikipédia:** essa mídia social, administrada pela Fundação Wikimedia, tem a função de criar uma enciclopédia global e colaborativa, gerando e distribuindo o conhecimento. Muitos usuários de Internet procuram pesquisar diversas temáticas nessa ferramenta. Entretanto, ocorre casos em que as informações publicadas não são dadas como verdades absolutas e acabam gerando conflitos, por isso a importância de se pesquisar diretamente na fonte bibliográfica.

Vemos nesse suporte digital um meio pedagógico convidativo para desenvolver e potencializar nos estudantes as habilidades de leitura e escrita, de forma que a aquisição da língua materna aconteça de maneira mais prazerosa.

Da mesma maneira que a linguagem oral interfere na produção escrita dos alunos, em atividades que exigem o domínio da norma culta, a linguagem praticada na internet em redes sociais também pode influenciar as produções escritas das quais se esperam o uso padronizado da língua.

Por esse motivo, a escola precisa cumprir seu papel de formação do cidadão, e preparar seus alunos para as constantes transformações que ocorrem na sociedade.

A disciplina de Língua Portuguesa pode contribuir para o entendimento e aquisição dessa nova linguagem digital tanto na orientação, no que se refere à escrita, postagens, segurança, entre outros itens relevantes frente a essa nova modalidade de leitura e escrita - visto que, no caso específico das redes sociais, em que os usuários escrevem de uma forma mais espontânea, é preciso instruí-los a lerem e observarem se a mensagem está de acordo com o que se pretendia comunicar, já que muitas pessoas terão acesso a sua produção escrita,

por se tratar de uma rede social virtual - quanto na realização de atividades que contemplem o letramento digital.

5.1 A Rede Social Facebook: Um Espaço de Interação e de Aprendizagem Colaborativa

Na atualidade temos as pessoas cada vez mais conectadas ao uso das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) e dos recursos midiáticos. A internet ocupa boa parte do dia das pessoas, seja nas relações de trabalho ou lazer, incidindo inclusive como elemento de interesse dos alunos.

A Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015), divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, aponta que 48% dos brasileiros fazem uso da internet regularmente (PORTAL BRASIL, 19/12/2014).

Demonstra ainda que, entre os usuários da rede, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o *Facebook* (83%), o *Whatsapp* (58%) e o *Youtube* (17%). O *Twitter*, popular entre as elites políticas e formadores de opinião, foi mencionado por apenas 5% dos entrevistados.

Rede social virtual de comunicação e interação, o *Facebook* é a rede social que mais cresce atualmente, começou inicialmente restrito ao meio universitário americano, mas hoje acessado por milhares de pessoas em todo o mundo.

Trata-se de uma comunidade de amigos e pessoas desconhecidas e conhecidas que mandam mensagens a respeito do que estão fazendo, lendo, pensando naquele momento ou sobre o que pretendem fazer, divulgam fotos, comunicados, fazem denúncias sociais, oferecem serviços, sistema interno de *e-mails* entre outros.

Dados disponibilizados pelo *Facebook*, mostram que o número de pessoas que utilizam essa rede social, mensalmente, no Brasil chegou a 89 milhões entre abril e junho de 2014. Isto quer dizer que, oito em cada 10 dos mais de 107,7 milhões de internautas do país (segundo a consultoria eMarketer) acessam a rede social mensalmente, e a cada dia, são de 59 milhões de brasileiros na plataforma (OLHAR DIGITAL, 21/08/2014).

As redes sociais alavancaram a comunicação, pois promovem a interatividade e garante visibilidade às pessoas em torno de interesses em comum e potencializaram o interesse pela leitura e escrita.

Sendo assim, os alunos presentes nesse contexto atual mudaram e seus interesses também, mas a escola ainda se encontra configurada nos mesmos moldes de décadas atrás, o que a torna pouco atrativa aos alunos. Uma possível superação deste cenário seria que as práticas educativas se abrissem para o uso pedagógico de diferentes recursos e mídias, fazendo uso de seu poder atrativo, mas com objetivos específicos e planejados para auxiliar no processo de ensino aprendizagem dentro do espaço escolar.

Torna-se assim um desafio hoje tornar os saberes escolares atrativos e significativos para os alunos, que levem os aprendizes a serem sujeitos pensantes e atuantes dentro do processo de ensino e aprendizagem. Isso demanda uma nova postura do professor e a abertura a novas possibilidades educativas, principalmente pela aceitação de que os recursos tecnológicos presentes fora da escola são mais atrativos.

Sobre este tema Morin (2003) reflete que é necessário que a escola propicie cada dia mais uma formação onde os sujeitos sejam capazes de construir novos saberes e já não cabe mais o ensino de conteúdos fragmentados, de um currículo enrijecido e na nova perspectiva educacional é necessário que sejam feitas relações, que o conhecimento seja organizado de modo que se ligue a outros formando o saber em rede.

Formar os alunos no contexto social atual se torna então um desafio, principalmente no que diz respeito a superação dos velhos modelos de ensino, pautados em métodos que outrora foram os únicos recursos existentes, mas que hoje se superaram pela diversidade de possibilidades didáticas que as tecnologias proporcionam.

O paradigma educacional na atualidade solicita do professor um novo olhar sobre o que é ensinar e o que é aprender, considerando que as novas relações estabelecidas por meio da internet e de outras tecnologias digitais reconfiguram as mediações entre os saberes, não sendo mais creditado apenas a transmissão passiva dos conteúdos, mas sim sua possibilidade de acesso, modificação e transmissão.

As pessoas estando conectadas, compartilhando e disseminando saberes por meio da comunicação em rede, da interatividade configuram uma aprendizagem que supere uma prática conteudista e que busque fazer uma interconexão que torne a aprendizagem significativa, autônoma e que aconteça de maneira contínua por toda a vida (Behrens, 2005).

Este tipo de prática contribui ao tornar cada indivíduo um agente de conhecimento, em que saberes e experiências que são construídos e partilhados permite um maior acesso e difusão de diferentes informações, o que cria um fenômeno denominado por Manuel Castells (2004) e Pierre Lévy (1997) de “sociedade em rede”.

Nesta rede permitida de compartilhamento, a linguagem da Web 2.0 em suas possibilidades de ofertas e disseminação de ferramentas de construção coletiva, atende um dos princípios educacionais de aprendizagem, onde a interação e mediação entre pares construtores e autogestores de seus saberes, fomenta o ensino com pesquisa, as características estratégicas das abordagens das práticas docentes inovadoras, a criticidade, a complementaridade dos aspectos científicos outrora pautados na mera informação, memorização e transmissão de conteúdos desconexos, pouco úteis socialmente e de baixa motivação para os aprendentes. Portanto, o aluno que se vê envolvido na criação de uma prática colaborativa de aprendizagem, quando do resultado de seu processo de formação torna-se crítico, eficiente, aberto às mudanças, envolvido com a trajetória criada e compartilhada, inferente em sua prática social (FERREIRA, J. L. CORRÊA, B. R. P., TORRES. P. L., 2013, p. 5).

O uso das redes traz para o meio educacional uma nova possibilidade de interação com os saberes e uma nova maneira de professores e alunos gerirem os saberes construídos, se utilizando para isso os meios e recursos tecnológicos, pois dentro do contexto da virtualidade mudam-se os paradigmas do saber já que acontece uma construção coletiva do conhecimento, uma vez que saberes são construídos e compartilhados entre as pessoas que pertencem ao grupo e “além disso, as redes possibilitam a construção coletiva do conhecimento, sob várias modalidades, como listas de discussões e fóruns virtuais” (JUSTEN, 2007, p.146).

Esta maneira diferenciada de organização do conhecimento tem em sua estrutura a descentralização do conhecimento, a horizontalidade de relações e a divisão de responsabilidades e atribuições, onde todos passam a ser possuidores de saberes, mesmo sendo distintos e a convivência ocorre pelo respeito e reconhecimento mútuo.

Ao estarem conectadas, as pessoas envolvidas tornam-se ainda protagonistas por possuírem representatividade numa relação que envolve afetos e colabora para o desenvolvimento da autonomia, pois devido à circulação de informações e a comunicação acontecerem de maneira por intermédio do ambiente virtual faz com que esta seja mais espontânea e voluntária (JUSTEN, 2007).

Isso faz com que todos sejam agentes ativos do processo e tenham contribuições significativas na construção do saber. O conhecimento agora não é mais um privilégio apenas do professor, que antes tinha o papel de repassar saberes aos alunos como se estes fossem tabula rasa¹.

O aluno no contexto atual é um educando crítico e possui experiências anteriores que contribuem com seu aprendizado. Esta nova configuração propicia o surgimento de novas lideranças, este pensamento vai de encontro com o que postula: “Neste lugar de encontro, não

¹ O conceito formulado por John Locke (1663 -2004) filósofo inglês que argumentava que a mente é uma página em branco (tabula rasa) que a experiência vai preenchendo.

há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais” (FREIRE, 1978, p. 95).

Pensando nas novas configurações entre o conhecimento e as novas demandas da modernidade, um recurso que apresenta grande potencialidade educativa seriam as redes sociais, onde por meio destas, dentro de um espaço de interação informal é possível criar ambientes e situações favoráveis ao aprendizado, à construção e a disseminação de saberes que são formados por meio do trabalho colaborativo e da influência mútua entre os participantes, principalmente pela grande troca de informações e conhecimentos sobre vários assuntos.

Ao se utilizar de um ambiente virtual para a aprendizagem é preciso que os envolvidos no processo estejam interessados em aprender e repassar conhecimento juntos, de modo que todos possam interagir e colaborar com o processo educativo, aproveitando dos recursos e possibilidades que as TICs oferecem, já que com o uso deste recurso as barreiras de distância e tempo são quebradas, as formas de comunicação se alteram e mesmo a centenas de quilômetros de distância é possível compartilhar mensagens, ideias e conceitos, tudo isso de maneira instantânea com um número cada vez maior de pessoas.

O uso da internet pode ter fins variados, desde acesso a contas de e-mail, jogos online, vídeos e redes sociais, tudo isso promovendo uma relação entre os sujeitos que propicia a cooperação e a solidariedade, já que possibilita a troca de informações entre diferentes pessoas. Estas por sua vez devem, portanto, agir de modo a ser capaz de aceitar críticas e opiniões divergentes, entendendo que é realmente esta multiplicidade de olhares que torna a construção do conhecimento mais significativa (JUSTEN, 2007).

Para que isso se efetive como prática didática cotidiana, é necessário que o docente busque maneiras de inovar o contexto educativo atual, fazendo uso dos mais variados recursos disponíveis na atualidade, de modo que sua aula seja provocativa e instigante, levando o aluno a ser mais participativo. E uma possível estratégia para isso dentro da educação formal é o uso das redes sociais dentro e fora do espaço da sala de aula, que podem ser entendidos como:

um processo de socialização, algum tipo de interação coletiva e social que pressupõe o compartilhamento de informações, conhecimentos, desejos e interesses. Para tanto, variáveis microsociológicas, como afetos, simpatias, confiança, sentido de pertencimento, solidariedade, respeito, pro atividade, reciprocidade, entre outras, precisam entrar em ação e balizar a relação que pessoas estabelecem entre si e no mundo virtual (FRANCO, 2012, p.117).

Dentre as redes sociais mais utilizadas atualmente, independentemente da idade e gênero, encontra-se o Facebook (<http://www.facebook.com/>) que é um “espaço de encontro, partilha, interação e discussão de ideias e temas de interesse comum. É um ambiente informal em que qualquer indivíduo se sente à vontade para comunicar, partilhar e interagir” (PATRÍCIO E GONÇALVES, 2010 , p.01).

Criado no ano de 2004 por Marrk Zuckerberg, o Facebook teve como objetivo inicial promover um ambiente para estudantes da Universidade de Harvard, onde seria possível a troca de notícias entre eles, anos mais tarde a rede social conta com mais de meio bilhão de contas registradas, e vem modificando as relações virtuais na atualidade, este deixou para trás outras redes sociais como o Orkut e Myspace (ROXO, 2012).

Segundo Llorens e Capdeferro (2011) o sucesso estaria na simplicidade de uso da plataforma, já que por meio desta rede social, cria-se uma nova possibilidade de aprendizagem, onde se aprende a aprender por meio da interação e da comunicação com o outro, que acontece em um ciberespaço de aprendizagem. Além disso, soma-se o fato de este instrumento de interação permite as pessoas uma diversidade de possibilidades de interação, como conversas por mensagens escritas e por vídeos, compartilhamento de fotos e vídeos, apreciação de propagandas e difusão de inúmeras informações e conhecimentos.

Transpondo então as barreiras digitais, esta plataforma de interação permite uma aproximação das pessoas, não excluindo dessa ação professores e alunos. Nesse sentido, ao conviver virtualmente, as relações professor e aluno são restabelecidas necessitando assim que o professor se aproprie das ferramentas e recursos disponíveis para tornar o fazer pedagógico de modo interativo afim de, motivar os alunos em sua aprendizagem (FERREIRA, CORRÊA, TORRES, 2013).

Dentre os benefícios no uso do Facebook como ferramenta pedagógica se comparado ao uso de outras plataformas de aprendizagem, os estudos de FERREIRA, CORRÊA e TORRES (2013) apontam que os ambientes virtuais de aprendizagem muitas vezes são pouco atrativos o que desmotiva o acesso, bem como a participação e interação dos alunos enquanto a rede social acima citada é um ambiente que chama a atenção e é atrativa permitindo que o aluno redimensione seu papel de aprendiz, incorporando mais satisfatoriamente os conteúdos ensinados.

Dentre as potencialidades educacionais quanto ao uso do Facebook descritas na pesquisa realizada por Llorens e Capdeferro (2011) estariam na sociabilidade que a rede propicia, onde os usuários conectam-se uns aos outros e podem formar dentro da rede subgrupos organizados, agendar eventos e modo compartilhado. Outra característica na

formação dos grupos seria em relação à visibilidade onde estes são classificados em aberto (qualquer pessoa que possua uma conta na rede social pode fazer parte dele), privado (sua aceitação como parte do grupo se dá mediante a aceitação de um administrador) e secreto.

Ainda outras características tecnológicas do Facebook que são consideradas importantes e significativas nos estudos de Llorens e Capdeferro (2011) seriam:

- ✓ A facilidade e a simplicidade de um usuário criar um grupo de trabalho onde pode convidar outros usuários a fazerem uso deste grupo;
- ✓ As ferramentas nativas desta rede social são consideradas fáceis de usar, como compartilhar e postar fotos, o que faz com que o usuário consiga interagir de maneira eficiente já nos primeiros acessos;
- ✓ A possibilidade do uso de multifunções num mesmo ambiente sem que seja necessário ficar restrito a uma única função, é possível comentar uma foto e ainda usar o chat com mais de um usuário ou ainda incluir mais de um usuário em uma única conversa, proporcionando um ambiente rico de trocas de ideias e de interação por meio de mensagens simultâneas e instantâneas, bem como chamadas em vídeo.
- ✓ A possibilidade de trocas de informações sobre eventos sociais externos à rede, uso publicitário e o uso do sistema em dispositivos móveis como tablet e do celular. Este serviço foi aberto aos usuários em setembro de 2007, o que possibilitou que estes se tornassem mais ativos na plataforma já que o acesso pode acontecer em qualquer lugar que o usuário esteja como rua, trabalho, dentro de um ônibus, etc.
- ✓ Uso do tempo real na web características do lifestreaming microblogging, onde a comunicação de fatos pode ser publicada em tempo real. A plataforma vem sofrendo adaptações que tornou possível a melhora de suas ferramentas onde hoje a página inicial abre seguindo um padrão para cada usuário e se atualiza de maneira rápida e constante.

Assim, se verifica então a necessidade emergente de reconfiguração dos limites da sala de aula, principalmente aqueles estabelecidos pelos professores, que infelizmente ainda insistem em negar que a escola precisa acompanhar esta diversidade e evolução. Para que os novos objetivos de ensino sejam alcançados é preciso então estar disposto a utilizar outros recursos além do quadro e do giz.

Nesse sentido, “os recursos de suporte acima descritos revelam que temos uma plataforma tecnologicamente rica, personalizável e expansível, e capaz de suportar experiências de trabalho colaborativo comunidades de aprendizagem” (Llorens; Capdeferro, 2011, p. 8).

5.2 Aspectos Pedagógicos do Uso do Facebook

Como já citado anteriormente, as redes sociais podem contribuir e servir de ambientes virtuais de aprendizado, promovendo momentos de interação e formação pautados na conexão entre as pessoas e na disseminação dos saberes que são compartilhados e construídos por todos os envolvidos, sejam eles professores ou alunos.

São inúmeras as potencialidades apresentadas para o ensino aprendizagem dentro de ciberespaços como é o caso do *Facebook*, locais onde as pessoas interagem de maneira informal e partilham informações que contribuem no seu aprendizado formal, pois este meio é propício para que aconteçam aprendizagens colaborativas que motivam seus usuários na troca de saberes, usuários estes de diferentes contextos, lugares, formações e experiências que agregam sentido e dão um valor diferenciado ao aprendizado.

As diferentes características pessoais e habilidades fazem com que o grupo venha a crescer, pois cada um agrega um saber novo incrementando a aprendizagem de todos os membros, aumentando qualitativamente seus desempenhos acadêmicos.

Os estudos realizados por Llorens e Capdeferro (2011) apontam quais seriam, portanto, as principais possibilidades pedagógicas desta rede social: promoção da cultura da comunidade virtual, onde por meio do trabalho coletivo desenvolve nos membros a capacidade de comunicação bem como auxilia na solução de problemas; este seria ainda um espaço extraordinário para o uso de novas abordagens de aprendizagem onde os usuários estão conectados também após o término do “curso, estudos ou formação”.

Com isso faz com que o usuário esteja em constante aprendizado por meio de uma troca mútua de conhecimentos que se dá por toda a vida, isso também promove o trabalho em equipe ao compartilhar experiências; por serem usuários nativos desta ferramenta os alunos sentem-se protagonistas do processo de aprendizagem, já que em sua maioria eles fazem uso desta ferramenta em seu cotidiano o que os encoraja a serem participativos e ativos, incentivando a participação dos grupos específicos de estudo e discussões.

A possibilidade de comunicação síncrona e assíncrona também é um benefício desta rede social, pois os membros podem expor suas ideias e relaciona-las com as dos demais participantes, também é possível a edição do texto caso o aluno reflita melhor e mude seus argumentos e conceitos. Esta reflexão e a troca que acontece promove o desenvolvimento do

senso crítico e fazendo com que estes se sintam mais a vontade para exprimirem suas ideias isso até entre os mais introvertidos (Hara et al., 2000).

Todos os usuários são notificados via e-mail de tudo o que está acontecendo no Facebook, sendo assim o membro pode tomar ciência dos eventos ocorridos sem precisar entrar na rede para isso, ele sabe o que está acontecendo sem precisar interagir com algum membro do grupo.

Outra possibilidade que este recurso apresenta estaria [...] “possibilitando trocas de informações sobre a aula e realização de tarefas em grupo quando impossibilitados de reunir-se”, “acesso à grupos e páginas com conteúdos educativos”(OLIVEIRA; SABINO; MOULIN; VIANA; COSTA; AMARAL, 2013, p.3).

No entanto ao utilizar a rede social como ferramenta pedagógica, a fim de que promova o ensino e aprendizagem, não basta apenas que este aluno tenha acesso à informação, é necessária a mediação constante do docente indicando páginas e relacionando o assunto discutido para que os alunos façam a relação necessária entre o conteúdo acessado na rede social e os saberes que ele deve adquirir de modo que o conhecimento torne-se significativo.

É preciso que haja uma mediação por parte do professor no percurso que o aluno deve seguir para poder construir conhecimentos por meio do uso das tecnologias digitais, entretanto “apesar de reconhecermos potencialidades educativas a todas as aplicações referidas, cabe a cada docente perceber de que forma poderá tirar proveito das mesmas, potenciando os benefícios e minimizando as limitações que delas possam ocorrer” (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010, p.11).

Caso não sejam bem pontuados quais são os conteúdos acessados que farão diferença em sua vida acadêmica e dos de simples entretenimento, o *Facebook* torna-se uma distração, correndo o risco de não ajudar no processo de ensino aprendizagem e desvirtuar o potencial desta rede social (SEABRA, 2010).

Ao expressar sua opinião ou suas ideias numa rede social, o usuário precisa observar e avaliar a linguagem utilizada, mesmo que, em se tratando de redes sociais, a linguagem tenha um tom coloquial e seja geralmente informal, é importante verificar se está adequada ao leitor que se tem em vista e o lugar de publicação (mural de recados, mensagens inbox, comentário sobre publicação de outrem).

A reorganização das maneiras de ensinar e aprender ganha um novo olhar com o uso da internet que como afirma Silveira (2008, p.35) [...] “é uma rede em constante evolução. Ela

é fundamentalmente inacabada. Suas regras básicas, os protocolos principais, são abertas e desenvolvidas colaborativamente.”

Sob o ponto de vista tecnológico as pesquisas realizadas por Llorens e Capdeferro (2011) apresentam um diagnóstico no qual são apontadas algumas deficiências encontradas na rede social Facebook, que de acordo com os autores tenderiam a dificultar as experiências de aprendizagem na rede social, entre elas listamos:

- ✓ Presença de “ruído” e elementos de distração, como sugestões de amizades, de páginas e anúncios publicitários;
- ✓ Carece de um sistema de rotulagem de informações, estas aparecem e desaparecem com muita rapidez e muitas vezes o usuário tem dificuldade de encontrar novamente a informação desejada no histórico do feed de notícias; Quando se usa esta rede social para fins educacionais é necessário que exista um sistema de rotulagem, filtragem pesquisa, organização e armazenamento de informações;
- ✓ Não há como organizar uma agenda do grupo nem mesmo ter um controle do tempo em que os usuários estão trabalhando on-line no grupo formado na rede;
- ✓ Ainda não é possível separar as publicações disponíveis para o perfil privado e para o grupo, sendo assim todos os membros do grupo tem acesso a elementos pessoais e atividades realizadas pelos demais usuários.
- ✓ Membros de um grupo não podem criar eventos esta função é disponível apenas aos administradores do grupo; (LLORENS; CAPDEFERRO, 2011, p. 9-10).

Cabe ainda salientar, que as considerações apontadas como fragilidades das características tecnológicas do Facebook não devem em algum momento minimizar as possibilidades e potencialidades de seu uso na prática educativa, estas podem do ponto de vista pedagógico a serem consideradas insignificantes, se consideradas as contribuições no que tange ao intercâmbio de informações e demais recursos que a rede oferece. (LLORENS; CAPDEFERRO, 2011).

Há uma preocupação, por parte de muitos educadores, sobre o uso inadequado das tecnologias digitais, especificamente, as redes sociais, devido algumas experiências vivenciadas e relatadas pelos próprios alunos, que foram constrangedoras e vexatórias.

Nesse sentido, é comum educadores e pais levantarem algumas questões sobre a tecnologia digital, dentre as quais estão: “Como estas mídias sociais estão afetando seus

alunos e/ou filhos?"; "Como as tecnologias digitais estão transformando a sala de aula?"; "Como canalizar o entusiasmo que os alunos têm com sites como o Facebook para cumprir as metas educacionais?"

Pensando nestas questões, que configuram um cenário de dúvidas e insegurança frente às mídias sociais, percebemos que, este é um momento propício para refletirmos, discutirmos e propormos estratégias para aliarmos a rede social ao contexto escolar.

Com a influência da Web sobre todas as facetas da vida contemporânea, a linha entre as vidas virtual e real está desaparecendo, deixando novas oportunidades para os alunos de hoje adquirirem conhecimento e compartilharem informações valiosas. Há uma necessidade de orientação sobre as práticas recomendadas que viabilizam uma abordagem sensata e necessária sobre a estratégia correta. A ajuda para os professores é imediata e importante como participantes engajados. O guia de práticas recomendadas conecta alunos e professores em um patamar genuinamente confiável para ajudá-los a alcançar o sucesso. (PHILLIPS, BAIRD e FOGG, www.FacebookForEducators.org.)

Phillips, Baird e Fogg, criadores do www.FacebookForEducators.org, traduzido recentemente para "Facebook para Educadores", um guia para os educadores se familiarizarem com a rede social e usá-la como ferramenta para auxiliar no ensino-aprendizagem, afirmam que, com a explosão da mídia social, os educadores podem orientar seus alunos sobre a cidadania digital e o comportamento on-line, para que possam usar a Internet de forma segura, ética e responsável.

De acordo com a proposta dos teóricos, os alunos precisam de orientações dos professores sobre como serem educados e cordiais com as pessoas estando on-line e off-line.

Em conversa com alguns educadores, constataram que, se desenvolvida uma cultura de compaixão no ambiente físico escolar, automaticamente se estabelecerá a expectativa de uma cultura de compaixão fora do ambiente escolar.

E, acreditam que, a rede social Facebook pode aprimorar a aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

Todavia, por isso não ser tão óbvio assim, os autores elaboraram este guia constando as sete maneiras de usar o Facebook com eficiência para ensinar e aprender, em que pretendem com este trabalho, minimizar a insegurança e a dificuldade de se trabalhar com a tecnologia em sala de aula.

Sendo assim, estarão facilitando e orientando o trabalho do professor, com explicações esclarecedoras sobre o uso do Facebook na educação, a fim de promover as TICs em âmbito escolar, mas acima de tudo, favorecer a transformação dos desafios das mídias sociais em oportunidades que, beneficiem professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem na

busca por um ensino efetivo, que se insira num contexto de prática social.

7 maneiras com que educadores podem usar o Facebook

1. Ajudar a desenvolver e seguir a política da escola sobre o Facebook.
 2. Incentivar os alunos a seguir as diretrizes do Facebook.
 3. Permanecer atualizado sobre as configurações de segurança e privacidade no Facebook.
 4. Promover a boa cidadania no mundo digital.
 5. Usar as páginas e os recursos de grupos do Facebook para se comunicar com alunos e pais.
 6. Adotar os estilos de aprendizagem digital, social, móvel e “sempre ligado” dos alunos do século 21.
 7. Usar o Facebook como recurso de desenvolvimento profissional.
- (PHILLIPS, BAIRD e FOGG, www.FacebookForEducators.org.)

O *Facebook* pode ser usado como um ambiente de debate sobre tópicos de aula ou de temas atuais, disponibilizar questões e estimular a participação dos alunos instigando-os a responderem por meio das ferramentas disponíveis na rede social, divulgação de informações desde que checada a veracidade da mesma, dentre outras possibilidades.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pensando nos anseios da sociedade atual, pretendemos com nosso trabalho aliar as TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) à Educação, promovendo a inclusão digital por meio de um evento de letramento digital no âmbito escolar.

Em nossa pesquisa investigamos de que forma a rede social *Facebook* pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem da língua materna, as possibilidades existentes nesse gênero digital e seu potencial pedagógico.

Nesse sentido, a questão que norteou nosso trabalho foi “como podemos explorar a rede social virtual *Facebook* como um recurso pedagógico facilitador da aprendizagem?”

6.1 Método e Estratégias de Pesquisa

A proposta metodológica empregada neste trabalho foi norteada pela abordagem qualitativa do tipo Pesquisa-Ação.

A pesquisa de abordagem qualitativa teve origem no século XIX, na Alemanha, surgiu em razão da necessidade de se estudar os fenômenos humanos pelas ciências sociais. O foco de estudo deste tipo de pesquisa é o processo vivenciado pelos sujeitos, por esse motivo vem se firmando em áreas como Psicologia, Educação e Administração de Empresas

(NEVES, 1996). Sua realidade é construída tendo como referência os próprios sujeitos do estudo, cabendo ao pesquisador decifrar os significados da ação humana e não apenas descrever os comportamentos (QUEIROZ et al., 2007).

O método qualitativo se aplica neste trabalho, pela presença de algumas das características sugeridas por Creswell (2010): ocorrer em um cenário natural; o pesquisador estar completamente envolvido nas experiências reais dos participantes; a pesquisa se utilizar de métodos múltiplos, como a entrevista com questionários abertos e fechados, dados coletados como o portfólio das atividades realizadas em sala de aula, a observação participante no grupo; a pesquisa ser de caráter interpretativo; o pesquisador filtrar os dados coletados por sua própria ótica, realizando uma interpretação holística dos fenômenos sociais vigentes.

A pesquisa qualitativa compreende diferentes técnicas interpretativas que buscam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, com o objetivo de entender esses fenômenos do mundo social (NEVES, 1996).

A Pesquisa-Ação é uma das técnicas do método qualitativo. De cunho interpretativo, trata-se de uma pesquisa social com base empírica, baseada na experiência e na observação de grupos sociais.

De caráter investigativo e participativo, a pesquisa-ação supõe o conhecimento da realidade com o objetivo de transformá-la pela ação coletiva como processo de melhoria da prática profissional. Busca-se a solução de problemas, primeiramente, por meio de sua identificação, em seguida, inicia-se o planejamento e a implementação das ações, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia (TRIPP, 2005).

Nas palavras de Naiditch, a pesquisa-ação é uma forma de pesquisa interativa que busca compreender as causas de uma situação e produzir mudanças, cujo objetivo está em

[...] resolver algum problema encontrado por indivíduos ou por grupos, sejam eles instituições, escolas, ou organizações comunitárias. A pesquisa-ação se desenvolve na medida em que pesquisadores investigam um problema e sugerem possíveis soluções, visando melhorar sua prática profissional, as estratégias por eles utilizadas em sua forma de trabalho e ampliar o conhecimento acerca de questões que afetam diretamente a produtividade ou a qualidade do trabalho desenvolvido por um grupo ou por uma instituição. (2010, p.1)

O termo pesquisa-ação pode ter sido cunhado por Kurt Lewin, psicólogo e pesquisador experimental de origem alemã, em 1946, (TRIPP, 2005), que

[...] a descreveu como uma forma de pesquisa sobre os efeitos ou resultados de várias ações cujo objetivo seria promover a mudança da própria condição social. A contribuição de Lewin está no reconhecimento da possibilidade de o pesquisador interagir e interferir no seu ambiente de pesquisa sem separar a investigação da ação necessária para resolver um problema e sem afastar o pesquisador do objeto de investigação. A pesquisa-ação promove autonomia e dá mais poder ao pesquisador em examinar sua prática profissional. Além disso, ela contribui para a colaboração através de participação, a criação de conhecimento através da ação dos participantes e a possibilidade de contribuir para a mudança social. (NAIDITCH, p.1, 2010)

A pesquisa-ação é descrita por três importantes características: caráter participativo, impulso democrático e sua contribuição para as ciências sociais e para a transformação da sociedade.

A pesquisa-ação por ser participativa, supõe uma co-implicação no trabalho dos pesquisadores e das pessoas envolvidas no projeto onde se faz intercâmbio, socialização das experiências e conhecimentos teóricos e metodológicos da pesquisa. A pesquisa neste sentido constitui-se em uma forma de democratização do saber, produzida pela transferência e partilha de conhecimentos e de tecnologias sociais, criando o “poder popular”, visto que os setores populares vão adquirindo domínio e compreensão dos processos e fenômenos sociais nos quais estão inseridos, e da significação dos problemas que enfrentam. (BALDISSERA, p.8, 2001)

A pesquisa-ação tem sua origem nas ciências sociais e foi introduzida no Brasil pelo sociólogo João Bosco Pinto. Alicerçada em uma proposta de educação libertadora, pretende promover o acesso ao conhecimento técnico-científico, a participação, a compreensão da realidade e sua efetiva transformação pelo trabalho/ação; incentivar a criatividade, buscando novas formas de participação; organizar a base em grupos, para que sejam sujeitos e agentes de sua transformação/libertação (BOSCO, 1989).

O método da pesquisa-ação agrega várias técnicas de pesquisa social, como a coleta e interpretação dos dados, a intervenção na solução de problemas e organização de ações, dinâmicas de grupo para trabalhar coletivamente e de forma interativa na produção do conhecimento (BALDISSERA, 2001).

A pesquisa-ação é uma metodologia que vem sendo muito utilizada por professores-pesquisadores em projetos de pesquisa educacional, a fim de melhorar técnicas e estratégias de ensino para solucionar problemas, propondo mudanças no processo ensino-aprendizagem dentro de uma perspectiva interativa e colaborativa.

Para Thiollent (1985), por meio da orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação teriam condição de produzir informações e conhecimentos de uso

mais efetivo para o nível pedagógico, o que promoveria ações e transformações de situações dentro da própria escola.

De acordo com Tripp (p.445, 2005), a pesquisa-ação educacional se caracteriza por uma “estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos...”

Para ele, é preciso reconhecer a pesquisa-ação como um tipo de investigação-ação, que diz respeito a qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela.

Segundo Bosco (1989), a pesquisa-ação se constitui por um momento de investigação, outro, pela tematização e noutro pela programação/ação.

Para Thiollent (1985, p.16), “é necessário definir com precisão, qual ação, quais agentes, seus objetivos e obstáculos, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação”.

Nesse sentido, as ações são planejadas, implementadas, descritas e avaliadas, na busca por uma mudança para a melhora tanto de sua prática quanto da própria investigação.

De acordo com Elliot (1997), a pesquisa-ação é um processo que sofre modificações continuamente em forma de espirais de reflexão e ação, em que cada espiral inclui:

- Aclarar e diagnosticar uma situação prática ou um problema prático que se quer melhorar ou resolver;
- Formular estratégias de ação;
- Desenvolver essas estratégias e avaliar sua eficiência;
- Ampliar a compreensão da nova situação;
- Proceder aos mesmos passos para a nova situação prática.



Figura 2: Espirais da Pesquisa-ação

Fonte: <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/pesquisa-acao.htm>

Nesta perspectiva, a reflexão sobre a ação é uma constante. Busca-se uma educação emancipatória, a partir do desvelamento da realidade e sua efetiva transformação por meio da participação coletiva e da construção do conhecimento.

Agregamos à pesquisa, as cinco etapas de interação que podem ocorrer em um grupo virtual, descritas por Salmon (2000), por observarmos a presença destas durante o processo de implementação do projeto. São elas: Acesso e Motivação; Socialização; Partilha de Informações; Construção do Conhecimento; e Desenvolvimento.

6.1.1 Antecedentes da Pesquisa

Nesta etapa, para o reconhecimento e compreensão da realidade na qual estão inseridos os sujeitos participantes da pesquisa, foi realizada uma investigação, uma sondagem por meio de técnicas utilizadas para a coleta de dados na pesquisa-ação, uma entrevista e a observação dos perfis de alunos - que já possuíam cadastro na rede social virtual Facebook - que visa compreender o contexto no qual o entrevistado está inserido e compreender sua relação e seu comportamento em rede social virtual.

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa são alunos de nono ano do Ensino Fundamental II, com idades entre 14 e 15 anos, de uma escola pública estadual paranaense.

O questionário (anexo) compreendeu perguntas abertas, nas quais os entrevistados falam mais livremente sobre o assunto proposto pelo pesquisador, e perguntas fechadas, do tipo objetivas.

Havia a necessidade de que os participantes da pesquisa respondessem às questões, visto que, precisávamos traçar um perfil destes e identificar o uso da Internet e das Redes Sociais por eles usadas, onde chegamos a uma importante constatação, a de que a maioria dos alunos faziam uso da rede social virtual Facebook.

A temática abordada no questionário foi o uso das Redes Sociais. Procuramos identificar o perfil dos entrevistados em relação ao uso das redes sociais, em especial da rede social Facebook.

A entrevista contou com a participação de 32 alunos.

Realizamos uma observação nos perfis de alunos que já possuíam cadastro na rede social virtual Facebook, a fim de sondarmos a postura destes como internauta e sua relação e comportamento frente a uma rede social virtual.

De acordo com nossa busca aos perfis dos alunos no Facebook, ficou claro que, a maioria deles, não se preocupam com a exposição de suas vidas e apresentam uma postura inadequada frente à rede social, pelo contrário, postam fotos recentes, muitas vezes, fotos sensuais, comunicam onde estão, avisam onde estarão; alguns mentem suas idades; postam textos multimodais e vídeos preconceituosos, alguns fazem apologia a drogas, violência... enfim, não demonstrando preocupação com a segurança de suas informações, mas apresentando uma despreocupação com o que postam, curtem, compartilham, com o que escrevem, não primando pelo bom senso ao escrever sobre assuntos de extrema particularidade. Isso não está condizente à postura que se deve ter diante de uma rede social, já que trata-se de uma rede digital, cujas informações circulam pela rede mundial – a *Internet*.

Essa estratégia metodológica foi essencial para confirmarmos a viabilidade desta pesquisa e sua validade. Por tratar-se de uma temática que compreende o meio virtual e a linguagem digital, esta proposta despertou o interesse dos alunos e se projeta num possível caminho para a promoção da leitura e escrita em ambiente virtual, assim, favorecendo o ensino-aprendizagem da Língua Materna.

6.1.2 Implementação da Pesquisa

- Acesso e Motivação:

Realizamos um projeto de intervenção pedagógica no decorrer do segundo bimestre de 2015, por meio de um roteiro pedagógico contendo atividades que tinham como objetivo o uso do site de rede social virtual *Facebook*, a fim de potencializar o ensino-aprendizagem de Língua Materna.

As atividades foram sistematizadas em forma de miniaulas tematizadas, com uma carga horária de trinta horas-aula, de ensino presencial e a distância.

Os temas abordados foram: A Internet e as Redes Sociais Virtuais; Segurança na Internet; A Rede Social Virtual *Facebook*; *Internetês*; Hipertexto; e Textos Multimodais.

O roteiro proposto foi apresentado em forma de sete aulas, cada uma com suas etapas e respectivas atividades (em anexo).

A motivação caracteriza-se como estratégia essencial para a inserção dos participantes no universo da proposta de trabalho.

De acordo com Salmon (2000), é o momento em que o sujeito conhece o ambiente, os colegas participantes do projeto e o processo no qual estará inserido.

Como atividade motivacional realizamos uma Dinâmica em grupo. Em círculo, fizemos uma grande teia/rede com o uso do barbante, a qual foi ganhando forma com a seguinte frase “Adiciono como amigo na minha rede social”, a fim de que os alunos pudessem refletir sobre a rede social virtual, e compreender que ela promove a interação, a partir da nossa necessidade de se comunicar com o outro. Inseridos nessa rede estamos imersos numa avalanche de informações que nos chegam a todo momento, independente da nossa vontade, e que repassamos a um click. Por meio dela, também, aprendemos e podemos ensinar. Numa perspectiva de trabalho colaborativo, podemos pensar sua utilização para fins educacionais. Enfim, reconhecemos que estamos todos interligados nessa grande teia de aprendizagem e interatividade.

Sugerimos o acesso à rede social virtual *Facebook* e a criação de um grupo fechado neste site, entre a professora de Língua Portuguesa e os alunos do nono ano, a fim de interagirmos e trocarmos conhecimentos de Língua Portuguesa e outros interesses afins, visando a participação, interação e aprendizagem colaborativa.

Primeiramente, assistimos a um tutorial na Internet, no *Youtube*, uma vídeo-aula sobre como se cadastrar e criar um perfil na rede social virtual *Facebook*, “*Como se cadastrar no*

Facebook”, do professor Wagner Henrique, no laboratório de informática, visto que alguns alunos não tinham conhecimento e/ou perfil nessa rede social.

Com base no tutorial visto, uma das atividades propostas foi a criação do perfil na rede social Facebook, para aqueles que ainda não o tinham.

O perfil do usuário é preenchido de acordo com suas informações pessoais (nome, idade, sexo, data de nascimento, cidade natal, cidade onde vive, apelido, relacionamento, membros da família, amigos), referentes à educação, trabalho, interesses, hobbies, citações, interesses, fotos, músicas, filmes, programas preferidos, livros, páginas curtidas, grupos ao qual o usuário pertence, entre outras informações que se julgue importante registrar numa rede social.

Todavia, por motivo de segurança é aconselhável preencher itens que não exponham totalmente a vida do usuário, que são menos específicos. Como, por exemplo, quando o internauta compartilha o seu endereço de moradia ou do trabalho, ou mesmo quem são seus familiares e seus nomes, corre-se o risco de que este tipo de exposição lhe cause grandes problemas.

Para se cadastrar, ou seja, criar uma conta nesta rede social, bem como em outras baseadas em perfil, é preciso que o usuário possua uma conta de e-mail. Nesse sentido, o usuário também terá contato com outro gênero digital, o e-mail.

Cadastre-se
É gratuito e sempre será.

Nome:

Sobrenome:

Seu e-mail:

Insira o e-mail novamente:

Nova senha:

Eu sou:

Data de nascimento: Dia: Mês: Ano:

[Por que preciso informar isso?](#)

Cadastre-se

[Crie uma página para uma celebridade, banda ou empresa.](#)

Figura 3: Página de cadastro do *Facebook*

Nossa próxima realização foi a escolha do nome do grupo fechado, feita por meio de uma votação, em que sugeridos alguns nomes, prevaleceu o “Conectados”.



Figura 4: Grupo fechado no Facebook - Conectados

Assim que, por meio de solicitação de amizade, foram adicionados aos perfis uns dos outros e formaram sua própria rede de amigos, criaram o grupo Conectados, tendo como administradora do grupo fechado, uma aluna.

- Socialização:

Procuramos otimizar esta rede social, promovendo-a num espaço de aprendizagem virtual, um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), em que ocorresse a troca de experiências, informações, materiais e de aprendizagem entre alunos e professor, de forma colaborativa, mútua e independente de um espaço físico ou da marcação de um horário específico, sem a necessidade de um contato direto com os aprendizes, uma vez que, por se tratar de uma rede social virtual a interação poderia ocorrer de maneira constante, intensa e a distância, conforme o interesse e a disponibilidade de ambas as partes.

Para Salmon (2000), é nesta etapa que o grupo se conhece e aprende por meio da interação e do respeito mútuo.

Para tanto, houve a necessidade de constantes intervenções de nossa parte, para que ocorresse a socialização entre os participantes do projeto.

À medida que os alunos foram se familiarizando com o ambiente, se apropriando das ferramentas presentes na rede social e seus usos e interagindo mais uns com os outros, o acesso e participação foi aumentando gradativamente.

- Partilha de Informações:

Enfatizamos que o aprendizado ocorreria de forma colaborativa por meio da interação e compromisso de todos com o projeto, a partir da contribuição uns com os outros e de seus comentários em relação às atividades postadas pelos membros do grupo, enfim, da participação efetiva de cada um.

Em se tratando de um ambiente virtual, em que a comunicação é mediada por computador, Salmon (2000) expõe que, esse sistema tem como uma das características fundamentais o acesso a informações da mesma forma por todos os participantes.

Nesse sentido, é nessa etapa que ocorre a troca de informações, materiais, ideias, opiniões, enfim, postagens diversas, em tempo real de forma imediata, que incentivam a participação do grupo e promovem o crescimento cultural e social do sujeito.

- Construção do Conhecimento:

Nessa fase, segundo a autora, o grupo já constrói suas conclusões e as relaciona com seu conhecimento prévio, uma vez que, as postagens, trocas de mensagens, a leitura destas e as respostas a estas se tornam mais frequentes (SALMON, 2000).

No decorrer do processo, um roteiro pedagógico proposto em forma de sete aulas, cada aula foi construída por etapas e suas respectivas atividades, ocorrendo em forma de aulas presenciais e a distância com os temas sequenciais: A Internet e as Redes Sociais Virtuais, A Rede Social Virtual *Facebook*, Segurança na *Internet*, Textos Multimodais, *Internetês*, Hipertexto e Produção Final.

Este trabalho de teor pedagógico com a rede social virtual Facebook é constituído de fatores e recursos educacionais que promovem o ensino-aprendizagem de forma interativa, colaborativa e atrativa, além de oferecer condições para que o sujeito construa seu conhecimento e sua autonomia, corroborando para sua formação pessoal e incentivando sua atuação tanto em ambiente educacional quanto em outros contextos sociais.

- Desenvolvimento:

A construção do conhecimento depende do planejamento das atividades e da forma como foram exploradas e desenvolvidas.

Durante o desenvolvimento das atividades, pudemos perceber a empolgação e participação dos alunos no cumprimento do que lhes foi solicitado fazer.

Inicialmente, realizamos atividades acerca da temática *A Internet e as Redes Sociais Virtuais*, com os seguintes objetivos:- Compreender que numa rede social estamos interligados uns aos outros de alguma forma; - Perceber a rede social virtual como um canal pelo qual a mensagem circula; - Reconhecer a rede social virtual como um espaço de interação, acesso à informação e de aprendizagem colaborativa.

Primeiramente, aplicamos uma dinâmica em grupo, a fim de que os alunos pudessem refletir sobre a rede social virtual e compreender que ela promove a interação, a partir da nossa necessidade de se comunicar com o outro. Por meio dela, também, aprendemos e podemos ensinar. Numa perspectiva de trabalho colaborativo, podemos pensar sua utilização para fins educacionais. Enfim, reconhecemos que estamos todos interligados nessa grande teia de aprendizagem e interatividade.

Este trabalho motivacional foi interessante para que tivessem a percepção de que, inseridos nessa rede, estamos imersos numa avalanche de informações que nos chegam a todo momento, independentemente da nossa vontade, e que num click a repassamos imediatamente.

Na sequência das atividades, os alunos foram levados ao laboratório de informática para pesquisarem a música *Pela Internet* de Gilberto Gil, importante compositor e cantor da música popular brasileira, imprimiram a letra, ouviram e cantaram a música e analisaram a música por meio de atividades de estudo da linguagem e interpretação da letra.

Em, *A Rede Social Virtual Facebook*, pesquisamos sobre redes sociais virtuais, no laboratório de informática; levantamos questionamentos sobre a rede social virtual Facebook (O que é? Quem foi que criou? Qual a finalidade? Como funciona (política do Facebook)? Quais alunos utilizam esta rede social?); assistimos ao vídeo *Como se cadastrar no Facebook*; criamos perfis no Facebook para aqueles que não o possuíam com o registro de informações básicas como nome, idade, sexo, data de nascimento, cidade natal, cidade onde vive, interesses, hobbies, citações preferidas entre outras que julgaram necessárias; sugerimos a criação de um grupo fechado no Facebook entre a professora de Língua Portuguesa e alunos, nomeado, *Conectados*.

Iniciamos o trabalho de interação com a solicitação da leitura de pelo menos cinco perfis de alunos participantes do projeto e pedimos a eles que escrevessem na linha do tempo ou mural de recados destes, além de trocaram informações, materiais, ideias, opiniões, enfim, postagens diversas.

Demos início também, às postagens diversas no “Conectados”, como textos, imagens, entre outras atividades de cunho pedagógico e reflexivo, a maioria referente à disciplina de

Língua Portuguesa, que eram discutidas nos encontros que tivemos em sala de aula e no laboratório de informática, durante o projeto de intervenção.

Nesse sentido, incentivamos que utilizassem outras formas de comunicação e interação presentes no “Face”, como as ferramentas “curtir”, “comentar”, “compartilhar”, postar fotos, vídeos, áudios entre outras.

Falamos-lhes da ferramenta “mensagem” e de sua eficiência na questão de privacidade, e sugerimos uma atividade em que teriam que enviar uma mensagem, que poderia ser um cumprimento, um comunicado, um convite ou mesmo um relato de um acontecimento, para dois de seus amigos.

O próximo passo foi a observação da rede social *Facebook*, para o levantamento das palavras ou expressões utilizadas pelos usuários para analisarem em que sentido foram empregadas na rede social virtual. Em seguida, identificaram alguns tipos de textos, informações e postagens que circulam por essa rede social e comentamos sobre a linguagem utilizada nesse ambiente virtual.

Na terceira aula, *Segurança na Internet*, assistiram a vídeos, do site Youtube, sobre segurança na *Internet* e em redes sociais virtuais, no laboratório de informática: *Segurança na Internet - 1. Navegar é preciso*, *Phineas & Ferb - segurança na internet*, *Cyberbullying - Criança Mais Segura na Internet*, *Verdade por trás de Internet*, *Cartilha: O Uso Responsável da Internet*, *Girls - Think U Know CEOP (English)*, e anotaram as principais dicas de segurança fornecidas pelos vídeos; discutimos sobre as vantagens e desvantagens de uma rede social virtual a partir de questões norteadoras; elaboraram algumas regras básicas de segurança na *internet*; Sugerimos filmes referentes à segurança em rede; e pesquisaram sobre *Fake*, *Cyberbullying* e *Netiqueta na Internet*.

Dentre muitas das atividades realizadas acerca da Internet e das redes sociais no roteiro proposto, realizamos uma sobre o *Cyberbullying* nas redes sociais (em anexo), com o objetivo de observarem uma imagem publicada no “Face”, a fim de analisarem o sentido empregado e o contexto social e histórico a que pertence.

Finalizamos esta etapa recomendando aos alunos que checassem seus perfis, observassem se estavam realmente seguros, ou seja, se eles e suas informações estavam em segurança, e colocassem em prática as dicas de segurança que aprenderam restringindo o acesso às informações pessoais e arquivos, como fotos, vídeos entre outras atividades realizadas em rede virtual.

As atividades com *Textos Multimodais*, consistiram em pesquisar sobre os textos multimodais para registrarem seu conceito e características; em selecionar alguns textos multimodais do Facebook; e em criar um texto multimodal e postar no “Face”.

O trabalho com o *Internetês*, foi fundamental para que os alunos pudessem reconhecê-lo como uma forma de variação linguística e observarem os neologismos presentes na rede social.

A aula, *Hipertexto*, contou com uma aula prática, no laboratório de Informática, após a pesquisa sobre este gênero digital.

Pautando-se na temática “Reciclagem” fizeram a leitura dos textos referentes ao tema e se aventuraram pelos caminhos possíveis desse ambiente virtual.

No decorrer do trabalho, foram orientados a não perderem o foco e escreverem um texto com as principais informações que haviam encontrado sobre o tema de pesquisa.

Para finalizarmos nosso projeto de intervenção pedagógica sobre Internet e a rede social virtual Facebook, pedimos à turma que produzissem um texto relatando sobre suas principais impressões a respeito da temática abordada pelo projeto, englobando os assuntos trabalhados, relatando sobre suas impressões acerca das temáticas e a respeito do que aprenderam, acharam interessante, enfim, suas percepções diante do mesmo.

A participação do grupo foi ativa e autônoma, de forma gradativa, superando nossas expectativas.

Nesse contexto, por meio de mais esta etapa em nosso projeto, - que é caracterizada por Salmon (2000) como uma etapa em que o grupo tem autonomia na busca pelo conhecimento através da interação e colaboração, sendo responsáveis pela sua própria aprendizagem, - constatamos que estamos contribuindo com a construção do conhecimento e para a autonomia dos nossos alunos, bem como para o crescimento pessoal dos sujeitos envolvidos no processo.

6.2 Coleta de Dados

O nosso público-alvo foram os alunos do nono ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública estadual paranaense, com idades entre 14 e 15 anos. Participaram da pesquisa 32 alunos.

Com base no questionário realizado em sala de aula, pudemos perceber que a maioria dos alunos tem um conhecimento prévio sobre a Internet e as redes sociais.

Partindo desse diagnóstico, iniciamos a implantação da pesquisa-ação.

As respostas obtidas acerca da temática da pesquisa foram as seguintes:

Iniciando o questionário, foi lhes perguntado: “Com que frequência você utiliza a *Internet*?”

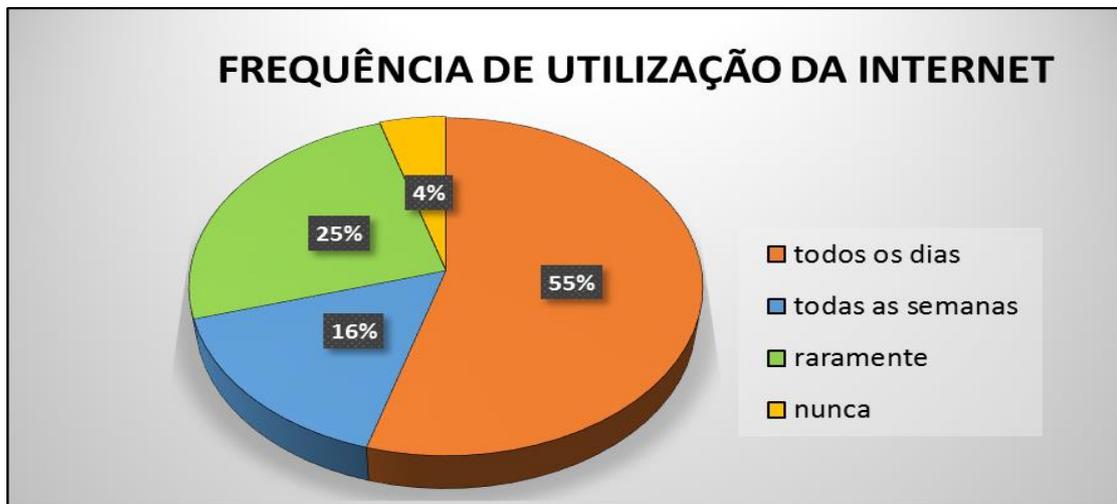


Gráfico 1: Frequência de utilização da *Internet*

Para a resposta “todos os dias”, os alunos teriam que escrever quantas horas permaneciam na *Internet* aproximadamente, e a média foi de 7 horas por dia.

Na questão: “Onde você costuma acessar a *Internet*?”

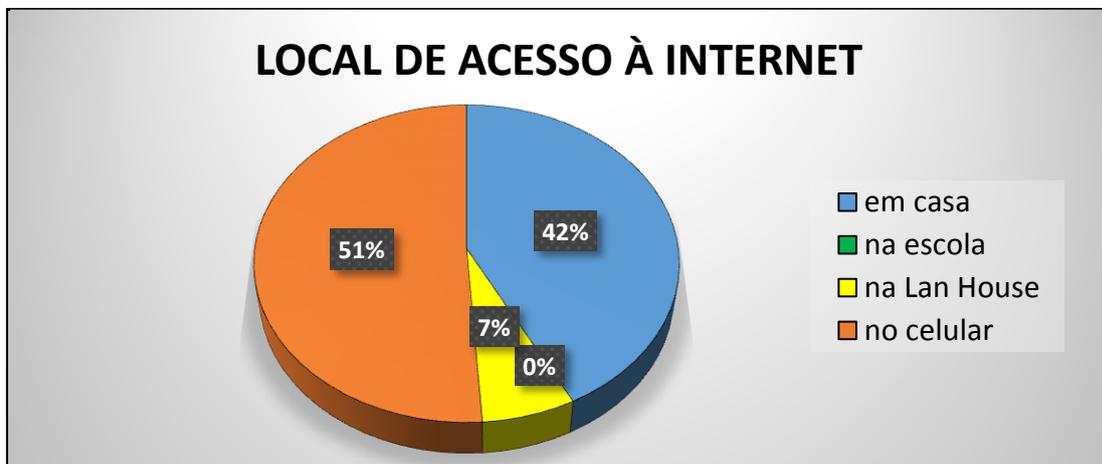


Gráfico 2: Local de acesso à *Internet*

Nessa questão, o percentual 0% refere-se à localidade escola, o que nos inquietou muito, visto que acreditamos ser papel da escola preparar os alunos para vivenciar a Sociedade de Informação e Comunicação, começando pela utilização das novas TICs, sendo que uma destas é o computador e a internet, ambas presentes fisicamente no ambiente escolar.

Com relação aos alunos que têm e-mail. Esta questão foi importante para o projeto de intervenção pedagógica, uma vez que o cadastro de um perfil em rede social virtual necessita do e-mail do internauta.

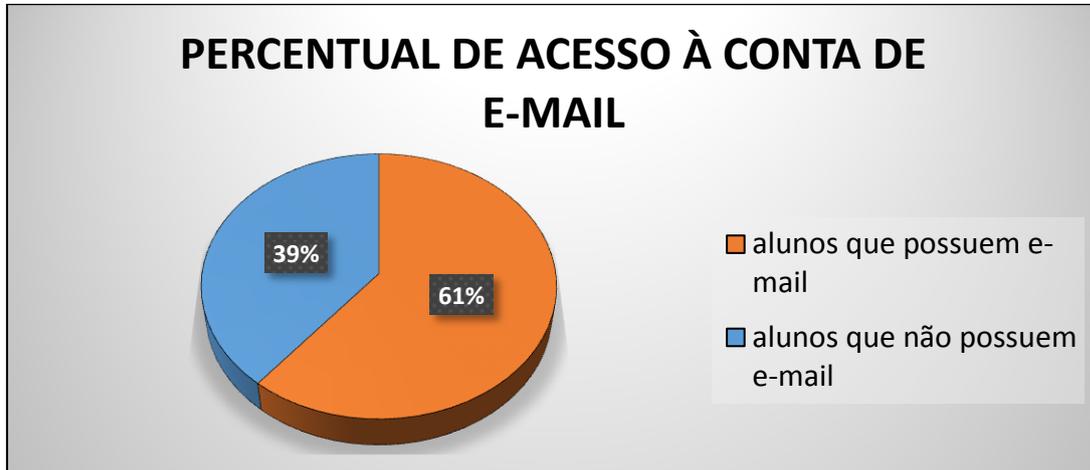


Gráfico 3: Percentual de acesso à conta de e-mail

Dentre os alunos que possuíam conta de e-mail, a maioria comentou em sala de aula, durante o questionário, que somente se cadastraram para que pudessem abrir uma conta em rede social virtual, mas que não a utilizavam para fins de comunicação.

As respostas para a questão sobre a participação dos alunos em alguma rede social na Internet foram essenciais para a implantação do nosso projeto de intervenção pedagógica, e nos deixaram confiantes na expectativa de realizarmos um bom trabalho.



Gráfico 4: Redes sociais mais acessadas pelos alunos

Como podemos notar, a maioria dos alunos optou pela rede social virtual *Facebook*.

Quando lhes perguntado sobre se as redes sociais influenciavam na sua escrita durante as atividades de sala de aula, a resposta da maioria foi:



Gráfico 5: A influência das redes sociais na escrita

As justificativas apresentadas para a questão foram:

- **Para “sim”:** “Prejudica pela perda da concentração em sala de aula”; “Pela escrita abreviada”; “Distrai-se em sala de aula pensando na rede social”; “Não se tem mais controle, conectando-se o tempo todo”; “Erra-se ao escrever”; “Dificuldade em memorizar a ortografia correta das palavras”.
- **Para “não”:** “Não influencia, pois não escrevo muito no Facebook”; “Sei como escrever na escola utilizando a escrita apropriada”; “A escrita melhora”; “Procuro sempre escrever corretamente”; “Sei diferenciar os momentos de escrita”.

Com base nos gráficos e nas respostas dos alunos, podemos perceber que eles não consideram que as redes sociais podem interferir na escrita em sala de aula, e muitos deixam claro que sabem adequar a escrita para cada circunstância: nas redes sociais e no contexto escolar.

Na questão de número 7, os alunos enumeraram de 1 a 5, para as atividades que mais praticavam na Internet. Dentre as opções colocadas, que foram: pesquisa, jogos, redes sociais, leitura e estudo por meio de vídeos-aulas, - os alunos preencheram os parênteses, começando pelo número 1, para a atividade que pratica sempre e, depois em ordem decrescente os números 2, 3, 4, e 5, para as demais atividades.

Vejamos como ficou:



Gráfico 6: Atividade mais praticada na *Internet*

Observando o gráfico, podemos então, comprovar que, os alunos passam a maior parte do tempo que estão na *Internet*, nas redes sociais, principalmente no *Facebook*.

A questão que diz respeito à opinião dos alunos sobre sua competência diante das redes sociais, se ele achava que fazia o uso correto dessa mídia social:



Gráfico 7: Competência no uso das redes sociais

Os comentários redigidos por eles foram os seguintes:

- **Para “sim”:** “Utilizo as redes sociais para conversar”; “Conhecer pessoas novas e interagir”; “Aprendo muitas coisas”; “Posto na página e escrevo coisas boas”; “Escrevo

poemas”; “Adiciono só quem eu conheço”.

- **Para “não”:** “Só me cadastrei, mas não participo”; “É muito difícil utilizar as ferramentas”; “Só jogo no Facebook”; “Posto coisas sem sentido”; “Só observo os posts”;

O levantamento dos dados por meio do questionário aplicado foi fundamental para comprovarmos o uso da Internet e das redes sociais pelos alunos da escola.

Constatamos a participação da maioria dos alunos na rede social virtual em foco, o *Facebook*.

6.3 Resultados: Aspectos Positivos e Negativos do Projeto

Após a análise dos dados, do desenvolvimento das ações e da avaliação que fizemos acerca da participação e resolução das atividades propostas realizadas pelos alunos no decorrer da pesquisa sobre a Internet e a rede social virtual Facebook, pudemos constatar a viabilidade e validade do nosso trabalho em aliar a rede social à educação.

O trabalho alicerçou-se em atividades pautadas no Letramento Digital, realizadas juntamente com as discussões que nortearam nosso projeto e proporcionaram momentos de interação e aprendizagem.

Diante de tudo o que foi visto e realizado, a começar pelos textos lidos, vídeos assistidos, que serviram de base teórica, debates e trabalho colaborativo, o projeto motivou os alunos a expandirem seu vocabulário acrescentando, à medida que iam se familiarizando com os termos e seus significados, palavras como internetês, hipertexto, netiqueta entre outras associadas às terminologias do meio digital e, gradativamente, contribuindo para a mudança de postura diante das redes sociais virtuais.

Conforme, todos iam interagindo, percebemos que o relacionamento entre eles era de amizade e solidariedade, o que aumentava a participação dentro do grupo e melhorava as discussões em sala de aula.

No decorrer do processo de intervenção pedagógica, nos deparamos com algumas barreiras de ordem física, social, moral e religiosa que podem contribuir para a exclusão digital, como por exemplo, o fato de alguns alunos não possuírem computador e/ou internet; de alguns pais acharem que os filhos não têm idade para terem acesso à Internet ou porque o “computador” emburrece; de locais em que não se têm acesso à Internet, principalmente, em se tratando de alunos que moram na zona rural; aqueles provenientes de fatores religiosos, em

que não se permite o uso de redes sociais; e ainda, a falta de manutenção aos equipamentos eletrônicos faz com que estes não tenham capacidade para suportar a navegação *online* ou o carregamento de arquivos diversos, gerando desmotivação e indisciplina.

Apesar de a escola possuir um laboratório de informática, com computadores e acesso à Internet, as redes sociais virtuais não são liberadas pelo sistema de computadores das escolas estaduais.

Tendo em vista a realidade descrita acima, e questões que envolvem o letramento digital, seja pela falta de habilidade com o meio virtual ou com o manejo do computador, as aulas aconteceram tanto em formato presencial quanto a distância por meio de atividades dirigidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho teve a intenção de promover a rede social virtual *Facebook* em um espaço de interação, de trabalho colaborativo e num ambiente virtual de aprendizagem, a fim de que seja uma das opções possíveis para o aprimoramento do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Não queremos a substituição das práticas de ensino já existentes, e muito menos, a substituição da figura do professor, mas sim, a aliança entre as TICs e a Educação.

Queremos com este, acenarmos para mais uma possibilidade de aprendizagem da língua materna, que venha a auxiliar alunos e professores no decorrer da construção do saber.

A internet e as redes sociais virtuais não acabarão com os problemas da educação.

Todavia, se incorporadas ao ambiente educacional, as TICs poderão trazer mudanças consideráveis para o processo de ensino/aprendizagem, e também, fomentaram o Letramento Digital em âmbito escolar, promovendo a interatividade, a colaboratividade, e a construção do conhecimento de forma coletiva, imediata, autônoma e democrática.

É preciso despertar o interesse e motivar alunos e professores para esta nova realidade, preparando-os para refletir, interagir, produzir conteúdos, trocar informações e incentivar a

pesquisa dentro e fora do contexto escolar.

Freire nos remete ao papel do educador frente à educação emancipadora e libertadora

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer ou doar ao outro, tomado como paciente do seu pensar, a inteligibilidade das coisas, fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador é desafiar o educando com quem se comunica e a quem se comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado (1996; p.37).

A função do educador não é mais a de mero transmissor do saber, mudou para estimulador, mediador do conhecimento, por isso é preciso modificar algumas práticas de ensino e aderir a outras, por meio de formações contínuas que visam o preparo do professor e da conscientização do educador em incorporar à sua prática as novas tecnologias da informação e da comunicação.

Contudo, também se faz necessário dar condições para que o educador coloque seu aprendizado sobre as TICs em prática e possa desenvolver um bom trabalho com seus educandos.

Faz-se necessário investir em equipamentos tecnológicos e redes de alta velocidade, bem como na infraestrutura escolar, proporcionando um espaço físico adequado, uma sala de informática que comporte todos os alunos realizando, ao mesmo tempo, as atividades de letramento digital propostas pelo professor.

Somente assim, é possível o trabalho de inclusão digital no ambiente escolar, a fim de prepararmos nossos alunos para a vivência na Sociedade da Informação e Comunicação Digital como sujeitos atuantes nesse contexto.

O trabalho de teor pedagógico com a rede social virtual *Facebook* constitui-se de fatores que promovem o ensino-aprendizagem de forma interativa, colaborativa e atrativa.

Dentre estes, poderíamos destacar o de ordem linguística, que se constitui pelos eventos de letramentos por meio da leitura e escrita das informações tanto pessoais quanto de caráter social, pela expressão de interesses e preferências, aquisição do conhecimento em detrimento à interpretação de temas que circulam nas redes sociais, pela argumentação; e diversidade de opiniões.

Outro fator, seria o de ordem cultural, em que ocorre o aprendizado pela troca de informações pessoais, interesses, religião, política, trabalho, música, literatura, programas de TV, relacionamentos, educação, enfim, tudo o que circula no mundo permeia as redes sociais e promove uma grande teia cultural, que nos leva a conviver com a diversidade e respeitá-la, uma vez que uma rede social tem como fundamental objetivo agregar relacionamentos.

Em terceira posição, mas não menos importante, o fator de ordem de segurança em rede, que trata da segurança das informações que o indivíduo lança na internet, bem como de sua própria segurança física, que vai desde aprender a selecionar as amizades, manter uma postura sadia diante da exposição em rede social aos cuidados de suas informações pessoais e postagens, que em muitos casos, se tornam públicas, sem que seu usuário perceba, são os cuidados com a privacidade. Por isso essencial para aqueles que querem se aventurar pelo oceano de informações, atividades e recursos que a rede oferece.

Essa ferramenta digital que permeia o cotidiano de muitos internautas, pode ser utilizada em diversos contextos de ensino-aprendizagem. Sua aplicabilidade vai além da disciplina de Língua Materna alcançando outras áreas de ensino, podendo-se promover a interdisciplinaridade, visto que, essa forma de trabalho enriquecerá muito a discussão dos temas.

Nesse sentido, sugerimos também, a criação de grupos fechados de estudo por disciplina, que alcancem mais alunos, sem a necessidade de serem de uma mesma série ou faixa etária, bastando que compartilhem do mesmo interesse, funcionando como um grupo de apoio em que o aprendizado seja construído e reconstruído de forma colaborativa.

Com este trabalho, observamos e constatamos uma nova postura frente à *Internet* e às redes sociais, em especial à rede social virtual Facebook, por parte dos participantes deste projeto.

Vislumbramos mudanças de paradigmas no contexto escolar em relação às novas TICs e o uso das redes sociais e de seus recursos pedagógicos, para que o ensino-aprendizagem seja mais dinâmico, colaborativo e atrativo.

Bem como, esperamos ter motivado nossos alunos a utilizar a Internet e as redes sociais virtuais com maior segurança e com mais autonomia, de forma a realizarem trabalhos colaborativos, que funcionarão muito bem tanto em ambiente virtual quanto em outros contextos sociais reais, como no meio educacional e, futuramente, em âmbito profissional, colaborando para a formação do sujeito crítico e reflexivo, atuante em todas as áreas da sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Muito além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola, 2007.

ARAÚJO, J. C. **O internetês não é língua portuguesa?** Vida e educação, ano 4, n. 13, p. 28-29, mar./abr. 2007.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BALDISSERA, Adelina. **Pesquisa-ação: Uma Metodologia Do “Conhecer” E Do “Agir” Coletivo.** Sociedade em Debate, Pelotas, 7(2):5-25, Agosto/2001

BARTON, D; HAMILTON, M. **Local Literacies: Reading and writing in one community.** London, Routledge, 1998.

BEARZOTI FILHO, Paulo. **O internetês é inofensivo e inventivo.** Discutindo a Língua Portuguesa. Escala Educacional, São Paulo, 2006.

- BECHARA, E. **Ensino de gramática: opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 2002.
- BEHRENS, M. A. **Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente.** In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** ed. 12. São Paulo: Papirus, 2005. p. 67-132.
- CASTELLS, M. (2004). **A Galáxia da Internet.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CHAGAS, M. **O texto eletrônico: facilidades no processamento?** In: CABRAL, L. G. et al. **Linguística e ensino: novas tecnologias.** Blumenau: Nova letras, 2001
- COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: Aspectos, sociais e possibilidades pedagógicas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- COSTA, S. R. **Dicionário de Gêneros Textuais,** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- COSTA, G. B. **A Escrita no Ambiente Digital e suas Implicações para o Ensino de Língua Portuguesa.** Revista Philologus, Ano 18, Nº 53. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2012.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CURY, Lucilene (organizadora). **Tecnologias digitais nas interfaces da comunicação/educação desafios e perspectivas.** 1. Ed. – Curitiba, PR, 2012.
- ELLIOT, John. **La investigación-acción en educación.** Tradução de Pablo Manzano. 3. ed. Madrid: Morata, 1997.
- FARACO, C. A. **O internetês e a constante mutação da língua portuguesa.** In: Notícias da UFPR. Curitiba: UFPR, abril/2007, ano 7, n. 40, p. 16-17.
- FERREIRA, J. L. CORRÊA, B. R. P., TORRES. P. L. **O uso pedagógico da rede social facebook .** Revista: REDES sociais e educação: desafios contemporâneos. 2013 disponível em:< [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/199-644-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/199-644-1-PB%20(1).pdf)> acesso em: 23 de maio de 2015.
- FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo; Parábola, 2006.
- FRANCO, L. R. H. ; BRAGA, D. B. **Comunicação Virtual.** Livro Digital. Curso de Design Instrucional para EaD Virtual. Itajubá: UNIFEI, 2007.
- FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido.** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREITAS, M. T. **Letramento Digital e Formação de Professores.** Educação em Revista, v. 06, n. 03. Belo Horizonte, 2010

GNERRE, M. **Linguagem e poder**. Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 2º grau, vol. Dedicado a Variação Linguística e Ensino de Língua Materna. UNICAMP, São Paulo, 1978.

HARA, N.; BONK, C. J.; ANGELI, C. (2000). **Content analysis of online discussion in an applied educational psycholog**. Instructional Science. Vol. 28, págs. 115-152.

JUSTEN. L. **Comunidades de aprendizagem e redes sociais**. In: Algumas Vias para entretecer o pensar e o agir/ Patrícia Lupion Torres [org.]. Curitiba: SENAR - Pr, 2007.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
_____. **Concepções de linguagem e ensino de português**. In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula; leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

KOMESU F.; TENANI, L. **Considerações sobre o Conceito de “Internetês” nos Estudos da Linguagem**. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322009000300010. Acesso em: 23 de maio de 2015.

LÉVY, P. **O que é Virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed.34, 1996.

_____. **Cibercultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: 34, 2008.

_____. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo. Editora 34. Trad. de Carlos Irineu da Costa. 2004.

KLEIMAN, A. B. **Letramento e suas implicações para o ensino da língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v.32, n.53, p.1-25, dez.2007.

LLORENS, F.; CAPDEFERRO, N. P. Posibilidades de la plataforma Facebook para el aprendizaje colaborativo en línea. **Revista de Universidad y Sociedad Del Conocimiento**. 2011, 8(2) p. 31-45. Disponível em: <<http://rusc.uoc.edu/ojs/index.php/rusc/article/view/v8n2-llorens-capdeferro/v8n2-llorenscapdeferro>> Acesso em 24 maio 2015.

TOMAÉL, M. I., MARTELETO, R. M. **Redes Sociais: Posições dos atores no fluxo da informação**. Florianópolis, 2006.

MATTELART, Armand. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2002.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 51-79

MOREIRA, C. **Letramento Digital: Do conceito à prática**. Anais do SIELP. v. 2, n. 1. ISSN 2237-8758. EDUFU: Uberlândia, 2012.

MORIN, E. **A Cabeça bem Feita- repensar a forma- reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NAIDITCHF, F. **Pesquisa - ação.** In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

NEVES, José L. **Pesquisa Qualitativa - Características, Usos e Possibilidades.** In: Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, V. 1, Nº 3, 2º Sem./1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

OLIVEIRA, A. P. G.; SABINO, S. M.; MOULIN, T.; VIANA, F. N.; COSTA, A. C.; AMARAL, M. A. **Facebook: possibilidades de influência nos estudos de alunos de graduação.** XVII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XIII Encontro Latino Americano de Pós- Graduação e III Encontro de Iniciação à Docência – Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em: < www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2013/anais/.../RE_0420_0503_01.pdf> . Acesso em: 24 de maio de 2015.

OTHERO, G. **A Língua portuguesa nas salas de B@te P@po:** uma visão lingüística de nosso idioma na era digital. Editora do autor, 2002.

PADRÃO, M. H. **A ágora dos nossos dias.** Perspectivas XXI, 8: 121- 127, Maia: Publismai, 2001.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1997.

PATRÍCIO, M. R. V. GONÇALVES, V. M. G. **Utilização Educativa do Facebook no Ensino Superior.** Biblioteca Digital IPB. Repositório Institucional do Instituto Técnico de Bragança. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/2879>> Acesso em: 23 de maio de 2015.

PATRÍCIO. P. C. **O Internetês e o Ensino da Língua Portuguesa.** Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000027/000027D4.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

PEREIRA, A. P.; MOURA, M. Z. **A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais.** In FREITAS, M.T. A.; COSTA, S.R.(orgs.). Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PERFEITO, Alba Maria. **Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa.** In: SANTOS A. R.; RITTER, L. C. B. (org.) Concepções de linguagem e ensino. Maringá: EDUEM, 2005. (Formação do professor. EAD 18). v. 1, p. 27-79.

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português.** 11ed. São Paulo; Ática, 2007.
 _____ **Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo; Parábola, 2010.

PFROMN NETO, Samuel. **Telas que ensinam:** mídia e aprendizagem do cinema ao computador. Campinas: Editora Alínea, 2001. 225 p.

PINTO, João Bosco Guedes. **Pesquisa-Ação**: Detalhamento de sua sequência metodológica. Recife, 1989, Mimeo.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: ALB: Mercado das Letras, 1997.

_____. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 8ª reimpressão. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2002.

_____. **Você entende internetês?** In: Discutindo a Língua Portuguesa. São Paulo: Escala Educacional. 2006, ano 1, n. 2, p. 28-33.

QUEIROZ, Danielle T. et al. **Observação Participante na Pesquisa Qualitativa**: Conceitos e Aplicações na Área de Saúde. In: R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007, abr/jun; 15(2):276-83. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artemed, 2002.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre, Sulina, 2009, 191 p.

ROXO, L. A. **A sociabilidade na contemporaneidade: uma reflexão sobre as práticas de sociabilidade em tempos de Facebook**. 2012. Disponível em: <http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2012/12/7-Luciana-de-Alcantara-Roxo.pdf>. Acesso em: 25 maio 2015.

SALMON, Gilly. **E-Moderating**, the key to teaching and learning online. London: Kogan Page Limited, 2000.

SCHONS, M. M; VALENTINI, C, B. **Movimentos do Letramento Digital nas Práticas de Leitura e Escrita**: Um estudo de caso de uma criança do ensino fundamental. IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

SEABRA, Carlos. **Tecnologias na escola**. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A Leitura nos Oceanos da Internet**. Fernanda M. P. Freire, Rubens Queiroz de Almeida, Sergio Ferreira do Amaral; – São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, L. L. M. da et al. **O ensino de língua portuguesa no primeiro grau**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1986.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade: Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. 11 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 128p.

SPYER, Juliano. **Conectado: o que a Internet fez com você e o que você pode fazer com ela.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 250 p.

TAKAKI, Nara Hiroko. **Letramentos na sociedade digital: navegar é e não é preciso.** Paco Editorial, Jundiaí, 2012.

TAVARES, Rosemeire e BRUGNEROTTO, Tatiane. **Vontade de saber português.** 1ª ed. São Paulo, 2012.

TEIXEIRA, J. “**O Q É Q É + IMPORTT N1 MSG?** (Mensagens SMS e novos usos da escrita). *Diacrítica – Série Ciências da Linguagem*, 17/1: 387-405. Braga: Universidade do Minho, 2003.

_____. **Língua Portuguesa e as novas tecnologias de Comunicação:** as dinâmicas da(s) escrita(s). *Diacrítica – Série Ciências da Linguagem*, 22/1: 107-127. Braga: Universidade do Minho, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia a pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1985.

TOJAL, M. D. **Comunicação Digital: Novos usos da Escrita e sua Projeção no Texto Publicitário.** *Comunicação Digital: novos usos da escrita e sua projeção no texto publicitário.* Revista Intercâmbio, v. XXVII: 164-187, 2013. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1997.

TRIPP David. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

XAVIER, Antonio C. S. **O Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital.** Tese de Doutorado, Unicamp: inédito, 2002.

_____. **Leitura, texto e hipertexto.** In: XAVIER, A.C.; MARCUSCHI, L. A. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. (p. 170-180).

<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/pesquisa-acao.htm> acessado em 15/05/2014

<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/04/aceso-internet-chega-494-da-populacao-brasileira>

<http://revistalingua.com.br/textos/64/artigo249031-1.asp2011> acessado em 15/05/2014

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141124_brasil_internet_pai acessado em 15/05/2014

<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/cerca-de-48-dos-brasileiros-usam-internet-regularmente> acessado em 08/03/2014

<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/89-milhoes-de-brasileiros-acesam-o-facebook/43687>

http://www.raquelrecuero.com/arquivos/midia_x_rede_social.html acessado em 12/06/2015

Vídeos do Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=1oiXoD5iCOU>. **Como se cadastrar no Facebook.** Wagner Henrique. Enviado em 10 set 2011. Acessado em 17/04/2015

<https://www.youtube.com/watch?v=628zOWAy64g> **Pela Internet - Gilberto Gil** Enviado em 14 de jul de 2008. Acessado em 17/04/2015

<https://www.youtube.com/watch?v=DBw3wepcu90> **Verdade por trás de Internet** - Animação criada por David Hoffmann. Publicado em 21 de abr de 2012. Acessado em 17/04/2015

<https://www.youtube.com/watch?v=vp5nScG6C5g> **Girls - Think U Know CEOP (English)** Enviado em 17 de ago de 2007. Acessado em 17/04/2015

<https://www.youtube.com/watch?v=etpDwmn3mhU> **Cyberbullying - Criança Mais Segura na Internet.** Acessado em 17/04/2015

https://www.youtube.com/watch?v=CR_9dlJrY3Y **Cartilha: O Uso Responsável da Internet** Enviado em 9 de mar de 2008. Acessado em 19/04/2015

(<https://www.youtube.com/watch?v=A7s8RGM6gO4> **Segurança na Internet - 1. Navegar é preciso.** Acessado em 22/04/2015

<https://www.youtube.com/watch?v=B-FSU0Yqoas> **Phineas & Ferb - segurança na internet.** Acessado em 22/04/2015

APÊNDICES

APÊNDICE 1:

ROTEIRO PEDAGÓGICO

TEMA 1: A Internet e as Redes Sociais Virtuais

Etapa 1: Motivação: Dinâmica do Barbante

Duração: 2 aulas

Objetivos:

- Compreender que numa rede social estamos interligados uns aos outros de alguma forma;
- Perceber a rede social virtual como um canal pelo qual a mensagem circula;
- Reconhecer a rede social virtual como um espaço de interação, acesso à informação e de aprendizagem colaborativa.

Metodologia:

Em círculo. A professora dará início à dinâmica dizendo a frase: “Adiciono como amigo na minha rede social” e completa a frase com o nome do aluno que escolher. Na sequência joga o rolo de barbante para o amigo adicionado, mas continua segurando a ponta do barbante. Seu amigo, repetirá a frase inicial da dinâmica, falará o nome do seu amigo, e então, jogará o barbante para o amigo adicionado e continuará segurando o barbante. Então, o barbante estará com o próximo, que realizará a mesma ação, que se repetirá até que todos tenham participado da dinâmica.

Reflexão: A rede social virtual promove a interação, a partir da nossa necessidade de se comunicar com o outro. Inseridos nessa rede estamos imersos numa avalanche de informações que nos chegam a todo momento, independente da nossa vontade, e que repassamos a um click. Por meio dela, também, aprendemos e podemos ensinar. Numa perspectiva de trabalho colaborativo, podemos pensar sua utilização para fins educacionais. Enfim, reconhecemos que estamos todos interligados nessa grande teia de aprendizagem e interatividade.

Etapa 2: Pesquisa sobre a Internet e Redes sociais virtuais

Duração: 2 aulas

Responda um questionário sobre a Internet e Redes Sociais, registrando sua percepção sobre a rede social virtual e a influência desta em sua vida.

Aluno: _____ 9º ano

Idade: _____

E-mail: _____

1. Com que frequência você utiliza a internet?

() todos os dias () todas as semanas () raramente () nunca

1.1. Se a resposta foi “todos os dias”, quantas horas por dia, em média?

2. Onde você costuma acessar a internet?

em casa na escola na lan house no celular

Outros: _____

3. Você participa de alguma rede social virtual? Se “sim”, qual(is):

Sim: _____ Não

4. O que você procura numa rede social? Quais atividades pratica na rede social?

5. Você acha que as redes sociais influenciam em sua escrita nas atividades de sala de aula?

Sim Não

Justifique sua resposta:

6. Qual a sua percepção sobre rede social virtual e como ela influencia sua vida?

7. Liste pontos positivos e negativos sobre a rede social:

+	-

8. Utiliza a internet com frequência para (enumere os parênteses de 1 a 5, começando pelo N° 1 para a atividade que mais pratica na internet):

pesquisa

jogos

redes sociais

leitura

estudo por meio dos vídeos-aulas do youtube.

Outros: _____

9. Você se acha um usuário competente das redes sociais, ou seja, sabe usar todas as ferramentas à disposição? Comente:

10. Você já pensou na possibilidade do uso da rede social para fins educativos. Comente:

Obrigada!

Recursos: Humano; Barbante; Folha sulfite.

Etapa 3: Análise da música *Pela Internet* de Gilberto Gil

Duração: 2 aulas.

Atividades:

1. No laboratório de informática, pesquisar a música *Pela Internet* de Gilberto Gil, importante compositor e cantor da música popular brasileira, e imprimir a letra;
2. Em sala de aula, ouvir e cantar a música;
3. Fazer a análise da música por meio de atividades de estudo da linguagem e interpretação da letra.
 - a) Estudo da Linguagem:
 - Leia a letra da música *Pela Internet* de Gilberto Gil e grife as palavras desconhecidas;
 - Pesquise o significado das palavras na internet;
 - Liste as palavras estrangeiras encontradas na música. Com que finalidade o autor usou tantas expressões em inglês?
 - Retire do texto palavras ou expressões utilizadas na comunicação digital. Explique-as;
 - Para compor as linhas 3 e 4, “*Com quantos gigabytes/ Se faz uma jangada*”, o eu-lírico inspirou-se num ditado popular muito conhecido. Você sabe que ditado é esse?

- Que tipo de variação linguística encontramos na música?
 - Você saberia identificar a que região pertencem as palavras “*oriki*” e “*orixá*”?
 - “*Taipé, Calcutá, Helsinqui*” entre outros lugares citados na música, indica que tipo de pretensão?
 - Explique os sentidos que adquirem as palavras “*vírus*” e “*rede*” na música;
 - Explique em que sentido foi utilizado o neologismo “*infomaré*”.
- b) Interpretação da letra da música:
- Qual a temática abordada na música de Gil?
 - Diante dessa modernização na comunicação, qual a posição do eu-lírico em relação à internet?
 - Nas duas primeiras linhas, os verbos “*criar*” e “*fazer*” dão ênfase à autonomia que o eu-lírico tem diante da internet. Na sua opinião, de que forma essa autonomia influencia a postura do internauta?
 - Levante os pontos positivos e negativos da comunicação na era digital.

Recursos: Humano; Computador; Internet; Impressora; TV Pendrive; Folha sulfite.

TEMA 2: A Rede Social Virtual Facebook

Duração: 4 aulas

Objetivos:

- Levantar questionamentos, oralmente, sobre a rede social virtual Facebook (O que é? Quem foi que criou? Qual a finalidade? Como funciona (política do Facebook)? Quais alunos utilizam esta rede social?)
- Pesquisar sobre redes sociais e Facebook, no laboratório de informática;
- Assistir ao vídeo *Como se cadastrar no Facebook* de Wagner Henrique. (<https://www.youtube.com/watch?v=1oiXoD5iCOU>)
- Abrir uma conta no Facebook (para aqueles que não possuem);
- Sugerir a criação de um grupo fechado no Facebook entre a professora de Língua Portuguesa e alunos.
- Escolher o nome que irá identificar o grupo da sala no Facebook. (Nome do grupo fechado no Facebook: Conectados)

Atividades:

1. Escreva em seu perfil informações básicas como nome, idade, sexo, data de nascimento, cidade natal, cidade onde vive, interesses, hobbies, citações preferidas entre outras que julgar necessárias;
2. Poste algo no grupo “Conectados”, como um texto ou uma imagem ou um *quiz*, entre outras atividades de cunho pedagógico e reflexivo, referente à disciplina de Língua Portuguesa.
3. Observando a rede social Facebook:
 - a. Realize um levantamento das palavras ou expressões utilizadas pelos usuários da rede social virtual Facebook e explique em que sentido foram empregadas;
 - b. Identifique quais textos e informações que circulam por essa rede social;
 - c. Qual a linguagem utilizada no Facebook?
 - d. Relate sobre o que as pessoas costumam escrever nessa rede social?

Recursos: Humano; Computador; Internet; Folha sulfite.

TEMA 3: Segurança na *Internet*

Duração: 4 aulas

Objetivos:

- Assistir a vídeos sobre segurança na *Internet* e em redes sociais virtuais;
- Discutir sobre as vantagens e desvantagens de uma rede social virtual;
- Elaborar algumas regras básicas de segurança na *internet*;
- Sugerir filmes: *Os perigos da Internet*; *Bullying virtual*; *Confiar Fake*; *Chat: a sala negra*, referentes à segurança em rede;
- Pesquisar sobre *Fake* e Netiqueta na *Internet*.

Atividades:

1. Assista aos vídeos listados abaixo, no site youtube, no laboratório de informática:

- *Segurança na Internet - 1. Navegar é preciso*
(<https://www.youtube.com/watch?v=A7s8RGM6gO4>);
 - *Phineas & Ferb - segurança na internet* (<https://www.youtube.com/watch?v=B-FSU0Yqoas>);
 - *Cartilha: O Uso Responsável da Internet*
(https://www.youtube.com/watch?v=CR_9dlJrY3Y) **Enviado em 9 de mar de 2008;**
 - *Cyberbullying - Criança Mais Segura na Internet*
<https://www.youtube.com/watch?v=etpDwmn3mhU> *dicas de segurança*
 - *Verdade por trás de Internet* (<https://www.youtube.com/watch?v=DBw3wepcu90>);
 - *Girls - Think U Know CEOP (English)*
(<https://www.youtube.com/watch?v=vp5nScG6C5g>);
- Anote as principais dicas fornecidas pelos vídeos;

2. Em grupos, de 4 a 5 pessoas, responda as questões que nortearão nossa discussão sobre segurança frente às redes sociais:

- O perfil é público ou privado?
- Qual tipo de informação pessoal deve ser mantida como privada em um ambiente como esse?
- Que tipo de postagem você lança na rede?
- O que pode ser compartilhado?
- Por quanto tempo a informação pode ficar *online*? E quem pode ter acesso a elas?
- Você conhece pessoalmente todos os seus “amigos” virtuais? Tem certeza da identidade daquelas pessoas desconhecidas?
- Você sabe o que é um *fake*?
- Você organiza encontros com pessoas que você conhece da *internet*?
- Como podemos nos proteger e proteger nossas informações frente às redes sociais virtuais?
- Quem conhece suas senhas na internet?
- Por quanto tempo é recomendável ficarmos *online* para checarmos nosso perfil? Por quê?

3. Cheque seu perfil e veja se você e suas informações estão seguros em rede.

4. Pesquise sobre Fake, Cyberbullying e Netiqueta e comente com seus colegas os resultados de sua busca.

5. Observe a imagem abaixo retirada do “Face” e analise o sentido empregado e o contexto social e histórico a que pertence.

IMAGEM PUBLICADA NO FACEBOOK



(www.facebook.com/d2mgarage/photos/a., acessado em 06/11/2014)

Recursos: Humano; Computador; Internet; Folha sulfite.

TEMA 4: Textos Multimodais

Duração: 4 aulas

Objetivos:

- No laboratório de informática, pesquisar sobre os textos multimodais e registrar seu conceito e características;
- Selecionar alguns textos multimodais do Facebook;
- Compreender o sentido e o contexto dos textos em estudo;

Atividades:

1. Você entendeu o sentido de texto multimodal. Explique com suas palavras as características desse tipo textual:
2. Selecione alguns desses textos, fotografe-os e apresente-os para a turma explicando seu sentido:

3. Já criou um texto multimodal numa rede social? Como fez?
4. Crie um texto multimodal e compartilhe no grupo “Conectados” (grupo fechado da sala) no Facebook.

Recursos: Humano; Folha sulfite; Computador; Internet.

TEMA 5: Internetês

Duração: 2 aulas

Objetivos:

- Reconhecer que o internetês é uma forma de variação linguística;
- Perceber o uso de neologismos na rede social;

Atividades:

1. Faça a leitura do trecho da história em quadrinhos de Mauricio de Sousa, *Cebolinha em internetês!* e realize as atividades retiradas do livro *Vontade de Saber*, de Alves e Brugnerotto, 2012, unidade 1, capítulo 2.
2. Discuta com a turma suas conclusões sobre o internetês e o erro ortográfico.
3. Pesquise na rede social virtual Facebook, palavras ou expressões utilizadas na comunicação entre seus usuários, que fogem à norma-padrão.

4. Os *emoticons*, ícones de emoção, são muito utilizados nas conversações em redes virtuais de comunicação. Pesquise alguns emoticons e seus significados e socialize com seus colegas.
5. Encontre na rede social, palavras ou expressões, que além dos emoticons, revelam emoções.
6. Leia este fragmento de uma página de blog, retirado da Folha de São Paulo (1/9/2003) e registre suas percepções acerca desta linguagem, Internetês. Comente com a turma:
“Daew sua renca d gente estranha q visita meu blógue, belesma??? Uhuuh eu vow bem pacas, comessarm minhas provas hj e talz, geografia foi hj, mtuuuu fácil, num deu nem graça faze uheuheue mtu bom, to estudando bastante e talz, cabei d sai do banho, to xerosaummmm, pra estuda mais biologia mais tarde [...] mas vamos estuda mais mat pq o trosso tah feio, estude nega, ti amu bjaummm e bjus pra tds as otras guriahhhhssss tbm e pros cueca akele abraço [...]”
7. Crie uma mensagem para um amigo utilizando o internetês:

Recursos: Humano; Projetor; Folha sulfite; Computador; Internet.

TEMA 6: Hipertexto

Duração: 4 aulas

Objetivos:

- Reconhecer o hipertexto como gênero digital;
- Realizar uma atividade prática no laboratório de Informática.

Atividades:

1. Pesquisar sobre Hipertexto e anotar suas principais características:
2. Observar em rede como se dá o Hipertexto. Pautando-se na temática “Reciclagem” faça a leitura dos textos referentes ao tema e se aventure pelos caminhos possíveis desse ambiente virtual. Mas, não perca o foco e escreva um texto com as principais informações que você encontrou sobre o tema de pesquisa.

Recursos: Humano; Folha sulfite; Computador; Internet.

PRODUÇÃO FINAL

Duração: 2 aulas

Objetivo:

- Produzir um texto relatando sobre suas principais impressões a respeito da temática abordada pelo projeto.

Atividade:

1. Produza um texto englobando os assuntos trabalhados no projeto, relatando sobre suas impressões acerca das temáticas e do que você aprendeu, o que achou interessante, enfim, suas percepções diante do mesmo.

Recursos: Humano; Folha sulfite;

APÊNDICE 2:

ANÁLISE REFERENTE À ATIVIDADE SOBRE O CYBERBULLYING – TEMA 3

ATIVIDADE 5

Algumas análises realizadas pelos alunos:

“É uma fotomontagem com o corpo de um homem mais a cabeça de um bode, ele está no espaço. Ele está perdido no espaço porque votou na presidente. ”

“A imagem de um bode no corpo de homem que está preso no espaço porque votou na presidente. ”

“O brasileiro era um homem e virou um bode porque vaiou a presidente. ”

*Observação: Após as impressões registradas pelos alunos houve a intervenção da professora e reestruturação das análises, bem como a discussão sobre o Cyberbullying.

Após as impressões registradas pelos alunos houve a intervenção da professora e reestruturação das análises, bem como a discussão sobre o Cyberbullying.

A atividade refere-se a um texto multimodal. Sua construção linguística produz sentido cruzando recursos semióticos da linguagem. Neste caso, empregando a linguagem verbal (escrita) e a linguagem não verbal (imagem).

Na matéria verbal temos letras em caixa alta e o texto é escrito usando uma parte superior do quadro, sendo que sua finalização, escrita abaixo da imagem.

A imagem tem visualização privilegiada, ela está centralizada e seu tamanho é superior à linguagem verbal. Nesta construção, uma fotomontagem é feita com a parte superior de uma pessoa do gênero masculino, mas no lugar da cabeça humana, tem-se uma cabeça de animal, a de um bode.

Como parte não menos importante na construção textual temos o plano de fundo. Vemos o espaço sideral com a presença das estrelas, a luz visível, a luz ultravioleta, a matéria escura e a poeira cósmica – complementando a construção da imagem – que, remete ao infinito. De modo simbólico, percebemos que o ser caracterizado na imagem não sabe onde está, não tem conhecimento histórico-social e político do lugar que vive, simplesmente está “perdido no espaço”.

Para a construção estética do texto, a linguagem verbal foi digitada em “caps”, ou seja, letras maiúsculas.

De acordo com a netiqueta, a etiqueta na internet, escrever com letras maiúsculas na internet é equivalente a gritar.

Todavia, no texto apresentado acima, o autor o faz de maneira intencional, utiliza as letras maiúsculas como um recurso estilístico para dar sentido ao seu texto, faz parte da construção do seu discurso. Equivale a um grito de protesto, irritação e impaciência, ele pretende chamar a atenção do interlocutor para a situação atual do país.

Bakhtin/Volochinov (1995) coloca em evidência o signo ideológico, em que a palavra é o signo ideológico por excelência. Sendo o signo indissolivelmente ligado à situação social, este é portanto, ideológico. “Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela” (Bakhtin/Volochinov, 1995).

O cenário retratado pelo autor, diz respeito ao resultado do segundo turno das eleições para presidência do Brasil em 2014.

A petista Dilma Rousseff (PT) foi reeleita na disputa pela presidência do Brasil com uma pequena diferença, de apenas 3,26 pontos percentuais, que deu-lhe a vitória sobre seu adversário político, o tucano Aécio Neves (PSDB).

Esse contexto político e histórico-social motivou a criação e construção do texto em questão. Esta publicação foi postada na rede social *Facebook* e curtida, comentada e compartilhada por muitas pessoas.

Para Bakhtin/Volochinov:

Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. (Bakhtin/Volochinov, 1995)

Assim, ao compartilharmos do discurso do outro estamos marcando nossa posição social, histórica e ideológica.

Vamos iniciar nossa análise observando três aspectos: o primeiro, trata-se da ironia na construção do texto; o segundo, diz respeito ao preconceito regional intensificado na construção da imagem; e o terceiro acerca da ideologia política partidária presente nesse discurso;

O autor inicia seu texto com a seguinte afirmação: “O BRASILEIRO É O ÚNICO ANIMAL QUE VAI AS RUAS, PROTESTA CONTRA O GOVERNO, VAIA A PRESIDENTE NA FRENTE DO MUNDO INTEIRO E...” Neste trecho percebemos que: 1º refere-se a todos os cidadãos de nacionalidade brasileira; 2º todo brasileiro é animal; 3º um animal que vai às ruas; um animal que protesta contra o governo; 4º um animal que vaia a presidente na frente do mundo inteiro.

Algumas interpretações acerca dessas observações: a palavra animal pode ser considerada no sentido denotativo, um animal racional, devido ao brasileiro lutar pelo seu país, protestar e denunciar injustiças.

Todavia, não demoramos a perceber o verdadeiro sentido e a intenção do autor, pois a imagem da fotomontagem, que serve como um complemento da leitura do texto verbal, remete animal à figura do bode.

Para Pêcheux, “o sentido existe em relação metafórica, de transferência, uma vez que o sentido da palavra não está ligado a sua literalidade: o sentido se estabelece nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório” (SANTOS, apud. OLIVEIRA, 2013, p. 219), caracterizando o complexo das formações ideológicas.

De acordo com Silva (2013), ao se referir ao pensamento bakhtiniano, o processo e produto são constitutivos do enunciado. Trata-se do enunciado concreto, “que é um todo

formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção” (Silva, 2013, p.49).

Assim, percebemos que trata-se de uma gíria, “ANIMAL”. Como esta gíria apresenta duplo sentido, podendo ser algo bom ou ruim, tem que ser compreendida de forma contextualizada. Neste caso, o brasileiro é tratado como um ser irracional que não pensa.

Essa questão da irracionalidade é reforçada tanto na linguagem verbal quanto na linguagem não verbal.

Na linguagem verbal, quando na sequência das ações o autor faz uma pausa após o uso da conjunção “E” – que tem valor adversativo, pela ideia de contraste e oposição a todas as ações anteriores - juntamente com o uso da pontuação reticências “...” que remete à conclusão que está logo abaixo: “VOTA NELA MESES DEPOIS” – demonstrando uma incoerência entre os fatos ocorridos durante o último semestre e o resultado das eleições.

Na linguagem não verbal pela fotomontagem, na qual vemos a imagem da cabeça do bode, um animal irracional, no lugar da cabeça do homem, ser racional.

O texto só fará sentido para o interlocutor que perceba a ironia presente no discurso do autor e entenda as entrelinhas. Que perceba o julgamento que o autor faz do brasileiro, dando-lhe um status de ser irracional, devido ao resultado das eleições, haja vista que a presidente Dilma Rousseff se reelegeu.

Assim, a ironia empregada no texto, ajuda-nos a perceber que o autor é contra este resultado, pois considera-o incompatível com os últimos acontecimentos.

A postura tomada pelo autor evidencia uma atitude antidemocrática, pois é nítida sua indignação diante do resultado das eleições.

Então, o autor desse texto não é brasileiro e é por isso que ele classifica todos os brasileiros como “irracionalis”? – pode ser uma possibilidade. Mas vamos trabalhar com a hipótese de que ele seja brasileiro. Então, ele estaria incluído nesta classificação?

A enunciação, segundo Bakhtin, é de natureza social, portanto ideológica. Ela está inserida dentro de um contexto social, visto que, cada locutor tem um horizonte social e sempre há um interlocutor, ao menos potencial. Sendo assim, o locutor expõe para um público social bem definido.

Neste discurso, vemos um termo que se estende a um país, “BRASILEIRO”, em instantes, se restringir a uma parte deste todo, à região Nordeste.

Para compreender tal fenômeno, é necessário, primeiramente, entender a simbologia na imagem do bode - que o autor utilizou para fazer referência aos nordestinos do país - para depois, perceber o preconceito contido nesse discurso.

O bode e a cabra reinam pelos sertões nordestinos, fazem parte da cultura da região e estão presentes na literatura de cordel e no folclore. Festivais são realizados em homenagem a esse animal, que faz parte da vida do povo nordestino – a criação de rebanhos cria sentimentos de afetividade que une homem e bicho – é, sem dúvida um notório representante da identidade nordestina. Portanto, motivo de grande orgulho para toda população do nordeste.

Contudo, na construção do texto, a figura do bode é utilizada com outra intenção. Ele não está ali só para caracterizar um animal irracional, mas para enfatizar que o povo nordestino é irracional.

Todavia para se entender essa construção de sentido, o leitor teria que possuir uma outra informação: a de que, para se reeleger, a presidente Dilma Rousseff (PT) obteve apoio não só da região nordeste, mas também das outras regiões do país. Contudo, a maior parte dos votos conquistados pela presidente reeleita foram concentrados no Nordeste.

Isso ficou muito evidente na divulgação do mapa eleitoral, em que o país foi dividido em duas cores e duas regiões: vermelho/azul; Nordeste/Sul. O vermelho indicando os estados que votaram na presidenta Dilma, portanto os responsáveis, “sozinhos”, pela vitória da presidente. O azul, usado para os estados opostos à presidente, caracterizando o Sul.

Concluindo, o autor não concordando com o resultado das eleições, culpabiliza os nordestinos por terem reelegido a presidente, e os classifica como seres irracionais.

Essa atitude nos preocupa, pois dissemina o preconceito regional em rede global. Está na internet, nas redes sociais e em outros meios virtuais, sendo divulgadas, curtidas, compartilhadas e comentadas, despertando discórdia, intolerância, indignação, reunindo uma mistura de sentimentos, valores e ideologias, mas acima de tudo contribuindo para proliferar o preconceito e o desrespeito com o outro.

No que se refere à política partidária, o autor demonstra sua intolerância ao PT- Partido dos Trabalhadores e afinidade com a filosofia do PSDB- Partido da Social Democracia Brasileira – ou, simplesmente, é contra o PT.

Essa confiança conquistada pelo PT no Nordeste é devido à mudança ocorrida nesta região ao longo dos últimos doze anos de governo petista. Com uma política voltada para a distribuição de renda e erradicação da miséria, o partido de esquerda resgatou milhares de famílias que viviam abaixo da linha de pobreza sob condições desumanas.

As redes sociais evoluíram para um novo ambiente de interação, um espaço público de discussão. As pessoas estão à vontade para expressar o que pensam e sentem, divulgar seus interesses, manifestar sua insatisfação política e social, mas o problema é que, algumas

publicações expõem e contribuem para o preconceito e desrespeito ao próximo, mostrando o lado arrogante e hostil de quem as publicou, e deixa evidente a falta de respeito ao outro e às diversidades que compõem uma nação.

Nesse sentido, nossa proposta foi a de pesquisarmos, discutirmos e refletirmos sobre como esta rede social pode contribuir para o ensino-aprendizagem de língua materna e para o processo de letramento digital, e sobretudo para a formação do sujeito.

APÊNDICE 3:

INTERAÇÃO NO GRUPO FECHADO “*CONNECTADOS*” (algumas imagens referentes ao conteúdo de Língua Portuguesa; cyberbullying e multimodalidade textual):

Obs. Todas as imagens foram comentadas e trabalhadas em sala de aula de acordo com a temática abordada durante o roteiro pedagógico.

1	2
---	---

NUNCA USE

DE MENOR MENAS SEJE ESTRUPO
 NA ONDE CABELERERO ESTEJE
 RÉCORDE ADEVOGADO
 QUEDE TINHA COMPRO
 INTERTER MORTANDELA RÚBRICA
 TINHA CHEGO GRATUÍTO
 TALBA IMBIGO ONTONTE
 PROBLEMA BANDEIJA
 TINHA TRAGO DE GRÁTIS

Máquina de Escrever
Desenho e Produção de Textos

DICA DE PORTUGUÊS

ÃO X AM

↓ ↓

FUTURO **PASSADO**

**AS CRIANÇAS COMERAM MUITO NO LANCHE HOJE
 POIS SABEM QUE AMANHÃ COMERÃO MENOS.**

www.questacerta.com

MAU = BOM
MAL = BEM

???

QUANDO VOCÊ TIVER DÚVIDA
 SOBRE O USO DO U OU DO L,
 SUBSTITUA POR BOM E POR BEM

3 mec.gov.br

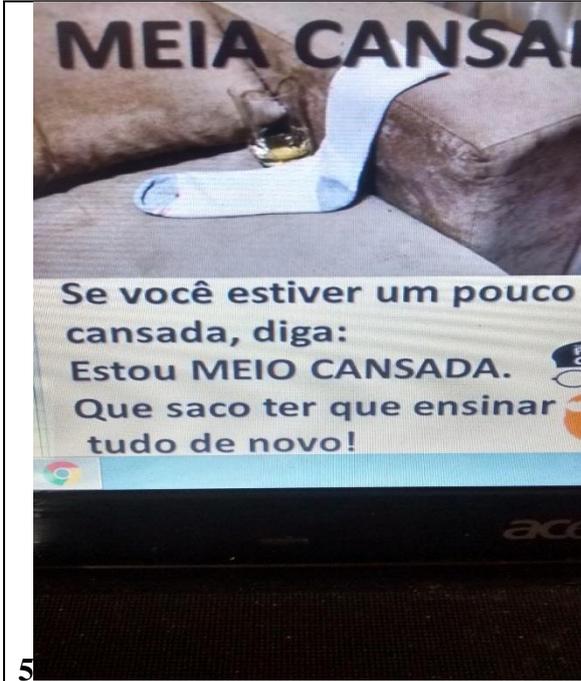
Literárias
 6 de junho de 2015
 Poema & Poesia

Leitura

O poema é a fruta
 A poesia, o sabor.
 O poema está no livro.
 A poesia, no leitor.

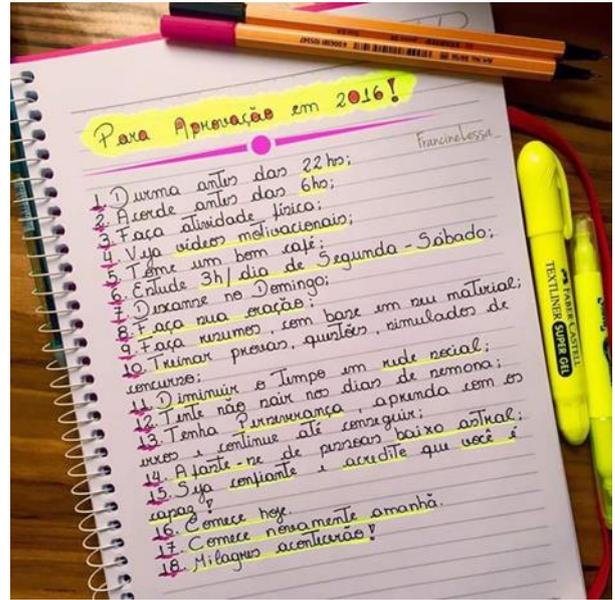
Francisco Marques

4

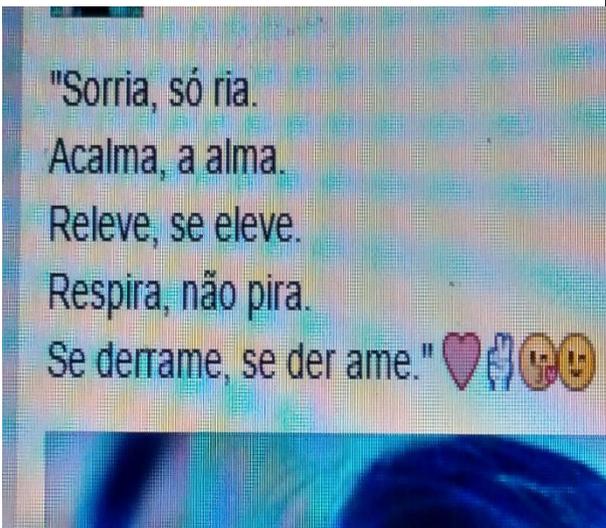


5

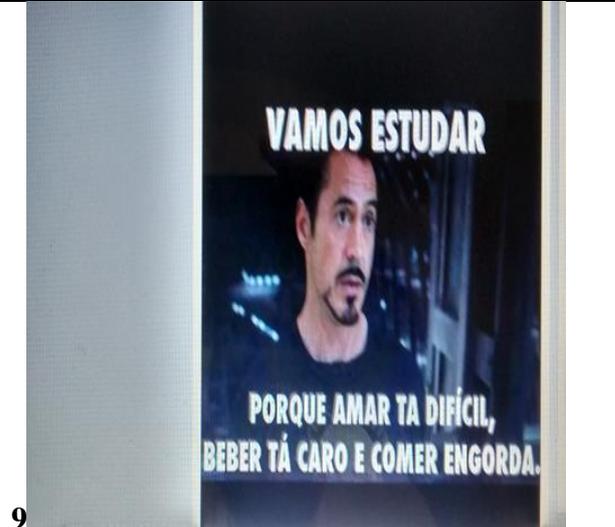
6



7



8



9



10

- por que você não estudou antes?
 - Posso saber por que você não estudou antes?
 - Não sei por que você não estudou antes.

Resposta: Porque estava cansado.

Contudo, se o porquê vier no final da pergunta, precisamos grafar com acento.

- Você não estudou antes. Por que?

Alguém notou em que situação grafamos porquê?

Uso dos "porquês"
 Texto mostra as diferenças das diferentes formas da palavra "porque".
 INFOESCOLA.COM

Facebook © 2018

11

Outro poema em movimento... muito criativo!!! Boa semana a todos!!!

Portuguese (Brazil) - Privacidade
 Cookies - Anúncios - Opções
 Mais

